# SET

CINEMA

EDITORA AZUL

56330001 - Ed. 45 - Ano V - Nº 3 - Cr$ 500,00

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

# OSCAR 91

- QUEM GANHA
- QUEM PERDE
- QUEM NÃO ESTÁ NEM AÍ

# VÍDEO PORNÔ

## VOCÊ GOSTA, NÉ?

ENTREVISTA
PATRICK SWAYZE

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

# AIWA — A D

## Com a mais avançada tecnol

**GARANTIA DE 1 ANO**
À venda na Zona Franca de Manaus

**RELAÇÃO DE OFICINAS AUTORIZADAS AIWA**

**AMAZONAS - MANAUS** — CEP. 69003 GETULIO ARAÚJO DE MIRANDA (VIDEOTRON) RUA MUNDURUCUS, 114 FONE (092) 223.2633
**DISTRITO FEDERAL** — BRASÍLIA — CEP. 70730 VIDEOTEC COM. REPR. IMP. EXP. LTDA SCRN 704/5 BLOCO H LOJA 9 FONE (061) 274.9085
**PARA — BELEM** — CEP. 66030 VIDEO CHECK SISTEMAS ELETR. LTDA. TRAVESSA 14 DE ABRIL, 1674 - FONE (091) 229.2761
**PARANÁ — LONDRINA** — CEP. 86015 ELETRONICA HIGHTEC S/C LTDA. RUA GOIÁS, 1515. FONE (0432) 231813
**RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO** — CEP. 22600 VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. RUA OLEGARIO MACIEL, 460 - LOJA E - BARRA - FONE (021) 399-1171
**RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO** — CEP. 22280 VIDEOMATIC COML. ELETR. LTDA. R. GAL. POLIDORO, 177 LJ. D - BOTAFOGO FONE (021) 295-3849
**SÃO PAULO — SÃO PAULO** — CEP. 04528 ELETRONICA PALM (TECNOVIDEO) R. DO SUMIDOURO, 305 — PINHEIROS FONE (011) 813-6300

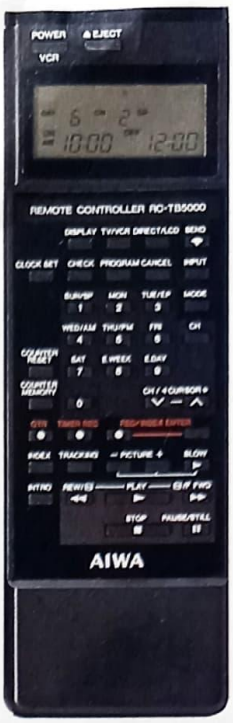
Digital Audio & Video
AIWA®

2-11, Ikenohata 1-chome, Taito-ku, Tokyo 110, Japan

# iferença D

# ogia em Video

Laudenir Francisco Marcelino
P.P ISR-DR-SP ISR 40-2831/81
COD. ASS. 24245677O 91003 ST
EXEMPLAR EXCLUSIVO PARA
LAUDENIR FCO MARCELINO
R LAGUNA 1127
OFICINA
88700 TUBARAO 19.02.21 SC
Impresso - Envelopamento autorizado. Pode ser aberto pela ECT

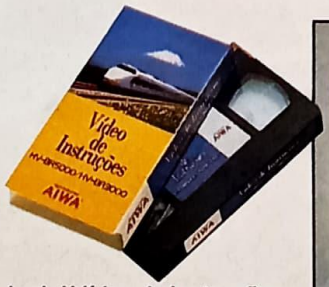



## HV-BR5000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/ NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

## HV-BR3000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)




Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

Fox

### GAROTO-PRODÍGIO

## ESQUECERAM DE SHIRLEY?

Ele já é considerado o mais prodigioso astro-mirim do cinema desde Shirley Temple. Um dos sete filhos de uma família de Nova York, seu maior desejo é ter um quarto só seu. A única coisa que **Macaulay Culkin,** 10 anos, possui até agora é uma extensa filmografia — além do recorde de bilheteria *Esqueceram de Mim* (1990). Começou em *Rocket Gibraltar* (1988), tornou-se sobrinho de John Candy em *Quem Vê Cara Não Vê Coração* (1989) e filho de Tim Robbins no mais metafísico dos Adrian Lyne, *Alucinações do Passado* (1990), já em cartaz no Brasil. Fez pontas em *Nascido em 4 de Julho, See You in the Morning* e vai estar nas telas em 1991 em pelo menos duas produções: *Only the Lonely*, novamente ao lado do fofão Candy e *I Am a Woman* com Dan Aykroyd. Como será que ele arruma tempo pra lição de casa?

Sipa-Press

Culkin com Lancaster em *Rocket Gibraltar*...

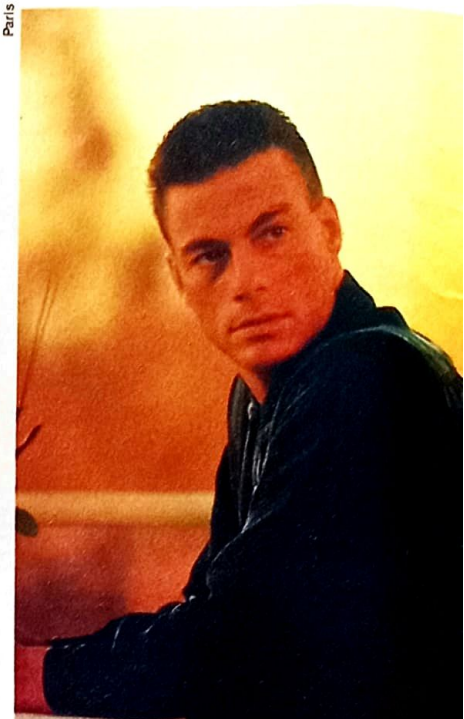
UIP

...com titio John Candy em *Quem Vê Cara*...

Carolco

..e com Robbins em *Alucinações do Passado*

Paris



Van Damme em *A.W.O.L.*: força para segurar a coroa

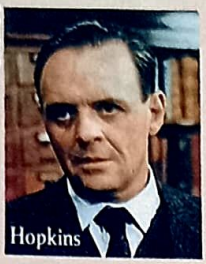
### VÍDEO I

## VAN DAMME EM GOLPE DUPLO

**Jean-Claude Van Damme**, 29 anos, está definitivamente empenhado em garantir o trono, como sucessor legítimo da dinastia de lutadores de artes marciais fundada por Bruce Lee. Depois de *Garantia de Morte* (Deran Sarafian, 1990), em que mostra sua destreza física como policial infiltrado num presídio para desvendar uma série de assassinatos, o lutador belga é o astro de *A.W.O.L. — Absent without Leave* (Shelton Lettich, 1990). Como Lyon Gaultier, legionário francês que deserta para ajudar a cunhada, depois da morte do irmão, ele luta por dinheiro num armazém abandonado, num campo de tênis e numa piscina quase vazia. Haja músculos para assegurar a coroa de rei dos *kickboxers* — na trilha aberta por Van Damme, já concorre Olivier Gruner, que, com o mesmo tipo físico, estréia na tela como lutador justiceiro em *Angel Town*. Tanto este filme como *Garantia de Morte* e *A.W.O.L.* serão lançados este ano em vídeo em selos Paris/América.

• Oito anos depois de *Scarface*, Al Pacino e Michelle Pfeiffer juntos novamente em *Frankie and Johnny*, sob direção de Gary Marshall. Ele será um cozinheiro; ela, a garçonete.

Columbia



Hopkins

• Depois de *Maurice*, *Uma Janela para o Amor*, James Ivory volta a adaptar o escritor E.M. Forster. *Howard's End* traz Anthony Hopkins ao lado de Vanessa Redgrave.

• Daniel Day Lewis já assinou duas produções para 1991 com a Fox: uma nova versão de *O Último dos Moicanos* e *Age of Innocence*, de Scorsese.

***PRÊMIO***

## NERVIOSA & SALEROSA

"Todo mundo pode ganhar um prêmio — na loteria de Natal da Espanha", ela disse na TV quando recebeu o Felix, o Oscar europeu. Vinte anos de cinema, 18 filmes, mais conhecida pela atribulada Pepa de *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos*, **Carmen Maura**, 46 anos, é a atriz do ano passado por *Ay, Carmela!*, de Carlos Saura. "Foi um trabalho envolvente", disse em Montreal, "porque a personagem é tão ingênua que dá mais vontade de ajudá-la do que de interpretá-la." O prêmio veio no momento em que prepara uma caracterização mais perto da Pepa de Almodóvar — com quem reatou recentemente depois de uma briga hispânica. Seu próximo filme será *Como se Tornar uma Mulher e Não Morrer na Tentativa*.

José Carlos Avelar/Azul

A espanhola Carmen : melhor atriz do cinema europeu em 1990

Sygma

Mathilda May exibindo as rendas e o decote da novelista francesa Colette

***LITERATURA***

## CRIA DE HENRY E JUNE

Para provar que filho de peixe também peixinho é, Danny Huston entregou-se à arte de dirigir filmes. O filho do bom e velho John já rodou seu segundo longa, *Becoming Colette*, na Alemanha e na França, e traz **Mathilda May** como protagonista. Ela é Colette, a novelista francesa casada com o escritor Henry Gauthier-Villars, que, no começo do século, provocou escândalo e fez sucesso quando deu ao mundo suas histórias intituladas *Claudine*. Sua amiga Polaire Sorel é sua mais fiel incentivadora. Seria este o mais novo filho cinematográfico de *Henry e June*?

***"Eu jamais assisti um filme 'X' e seria a última coisa que eu teria em casa."***

**Traci Lords**

***CARTUM***

## A FAMÍLIA AMERICANA

Eles são cinco: o pai, a mãe e seus três monstrinhos. São também o retrato da família classe média americana. A mãe é decididamente histérica, o pai resmungão e as crianças um bando de barulhentos. *Os Simpson* são ainda a nova mania americana: uma série de desenho animado em 35 episódios de 26 minutos. Será que um dia nós os veremos por aqui?

Bart Simpson: a última mania americana

• Tom Selleck é um jogador de beisebol que vai fazer fortuna no Japão. *Tokyo Diamond* é uma comédia para o próximo verão americano.

• Dan Aykroyd faz papel sério em *Born Jaundiced*. Na Flórida dos anos 70, ele é um pai que sofre com a morte da filha.

• O roteirista de *Totalmente Selvagem*, E. Max Frye, faz seu *debut* na direção. *The Big Plunge* é um conto sobre um zelador envolvido com um suicida.

Stills

Johnny Depp, o *Edward*, e seu colega de manicure Freddy

Herbert Richers

### *CINE-FANTÁSTICO*

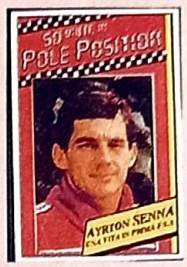
## EDU CORTA ESSA

O diretor Tim Burton (*Batman*) de volta à estética *Bettlejuice*. **Johnny Depp**, 27 anos, um dos *new cops on the block* da série *Anjos da Lei*, que a TV Globo exibe aos domingos, é *Edward Scissorhands* — um humanóide, obra de um inventor (Vincent Price) que lhe colocou tesouras no lugar onde deveriam estar as mãos. A habilidade das lâminas do rapaz é um pouco diferente das garras afiadas de outro conhecido colega seu: o temível Freddy Krueger.

### *VÍDEO II*

## SAI DA FRENTE QUE AÍ VEM SENNA

A mais nova estrela do vídeo não é de cinema. É de automobilismo. Na Itália, é possível comprar por 29 900 liras a fita *50 Volte in Pole Position* com o "pilota brasiliano" **Ayrton Senna**, 31 anos. Em 60 minutos pode-se apreciar a passagem do garoto pela Toleman, Lotus e McLaren. O mais novo rei brasileiro — "Re della pole position" — já está reservando seu lugar no pódio das locadoras italianas. No Brasil há duas fitas disponíveis com o piloto: *Acelere Ayrton* (Globo Vídeo) e *Fórmula I — 88: Senna Campeão dos Grandes Recordes* (Abril Vídeo).



Paris

*Thelma and Louise:* Geena e

- Christopher Lambert, que logo logo já estará nas telas com *Highlander II*, vai trabalhar ao lado de sua mulher Diane Lane em *Knight Moves*. Chris vai enfrentar um assassino que mata suas vítimas como se estivesse participando de um jogo de xadrez.

Reeves

UIP

- *Bill and Ted Go to Hell*, com os mesmos Keanu Reeves e Alex Winter de *Bill e Ted — Uma Aventura Fantástica* (Tec Home Vídeo), vai colocar os garotos em confronto com demônios do futuro.

- Steve Martin será o protagonista de *O Papai da Noiva*, um *remake* do clássico do cineasta Vincente Minnelli.

- O clipeiro Russell Mulcahy, diretor de *Highlander* e *Razorback*, vai juntar a pop-black-star Whitney Houston e Denzel Washington num thriller. A cantora faz sua estréia no cinema.

***"Em outro contexto, a sensação teria sido bem excitante!"***

***Julian Sands, depois de uma cena de* Aracnofobia, *quando é atacado por dezenas de aranhas***

Stills

*The Long Walk Home:* Sissy decidida a dar uma carona à Whoopi

### *RACISMO*

## FAÇA A COISA EQUILIBRADA

Montgomery, capital do Alabama, 1955. Os negros ainda não conquistaram o direito de viajar sentados nos ônibus. **Sissy Spacek** é Miriam, uma senhora decidida a mudar essa história. Ela vai buscar, de carro, sua empregada, Odessa, **Whoopi Goldberg**, em casa. A dama sulista acha indigno que a negra tenha de caminhar 15 quilômetros para servir à família. Espera-se que *The Long Walk Home*, de Richard Pearce (*Minha Terra, Minha Vida*), depois do radical *Faça a Coisa Certa*, de Spike Lee, e do paternalista *Mississipi em Chamas*, de Alan Parker, possa ser o ponto de equilíbrio na questão racial.

Susan em vídeo e no cinema

### VÍDEO III
## APOSTA SIMULTÂNEA

Enquanto a maioria das distribuidoras de vídeo continua acreditando na "janela" (tempo de seis a oito meses que separa o lançamento de um filme no circuito comercial e nas locadoras), como forma de garantir a bilheteria dos cinemas, o grupo Paris continua apostando na estratégia oposta. Isto é, quanto mais próximos os lançamentos da película e do vídeo, melhor. Assim, estão previstos os lançamentos simultâneos em cinema e vídeo de *The Russian House* (março), último filme de Fred Schepisi, com Michelle Pfeiffer e Sean Connery; *Rosalie Vai às Compras*, de Percy Adlon, com Marianne Sagebrecht e Brad Davis (maio); *Thelma and Louise*, novo filme de Ridley Scott, com Susan Sarandon e Geena Davis; *Harley Davidson and the Marlboro Man*, de Simon Wincer, com Mickey Rourke e Don Johnson; e *Liebestraum*, de Mike Figgis (*Justiça Cega*), com Kim Novak.

Melanie
Alvorada

• Melanie Griffith será uma espiã nazista no drama da Segunda Guerra *Shining Through*.

• Steven Spielberg, depois de remixar seu *E.T.* para TV, no final do ano passado, se mostrou interessado em dirigir um episódio de *Twin Peaks*, a série televisiva de seu colega David Lynch.

Michelangelo
UIP

• *As Tartarugas Ninja* terá uma seqüência em 1991 que custará à produtora Golden Harvest Films vinte milhões de dólares.

### 1990
## UM ANO SEM CARTAS MARCADAS

O ano de 1990 encerrou com três ou quatro grandes surpresas de bilheteria nos Estados Unidos e já é considerado como o ano do "azarão" do cinema. O ruído que *Esqueceram de Mim* produziu fez lembrar o estrondo provocado por *E.T. — O Extraterrestre* (que arrecadou 360 milhões de dólares no ano em que foi lançado, 1982) e por *Batman* (251 milhões em 1989). Abaixo, compare as arrecadações de 1990, ano em que verdadeiros micos-pretos (*Ghost, Uma Linda Mulher*) passaram a perna naqueles que deveriam ter sido os curingas da temporada (*Duro de Matar 2, Dick Tracy*).

**AS 10 MAIORES BILHETERIAS DE 1990**

(em milhões de dólares, nos EUA)

| | |
|---|---|
| 1- Esqueceram de Mim | 220 |
| 2- Ghost — Do Outro Lado da Vida | 210 |
| 3- Uma Linda Mulher | 178 |
| 4- As Tartarugas Ninja | 133 |
| 5- A Caçada ao Outubro Vermelho | 121 |
| 6- O Vingador do Futuro | 118 |
| 7- Duro de Matar 2 | 115 |
| 8- Conduzindo Miss Daisy | 107 |
| 9- Dick Tracy | 104 |
| 10- De Volta para o Futuro III | 88 |

*Estimativa de dezembro de 1990
Fonte: *Variety*

# NASCE O CARTUM

por Luiz Nazário

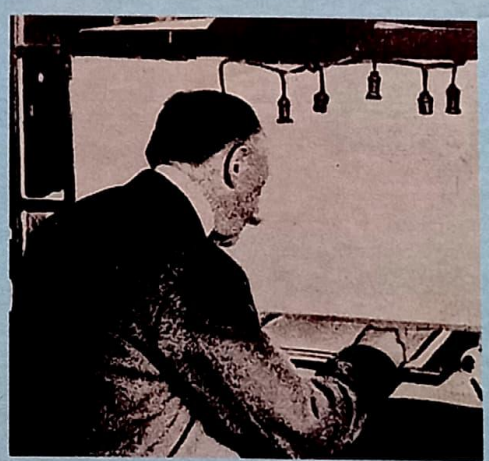
A invenção do desenho animado é controvertida, mas deve-se certamente ao inglês, sediado nos Estados Unidos, James Stuart Blackton, a confecção das primeiras figuras animadas, em *Humorous Phases of Funny Faces*, com 3 000 desenhos fotografados quadro a quadro pelo *cameraman* Albert Smith. O sucesso mundial de *The Haunted Hotel* consagrou-os em 1907 e certamente influenciou aquele que é universalmente considerado o "pai" do desenho animado, o francês Emile Cohl, por sua imensa e rica produção.

Cohl começou fazendo caricaturas para jornais e, atraído pela animação, introduziu a primeira evolução técnica do cartum: desenhou uma série de figuras a traço negro em folhas de papel branco e fotografou-as. Na tela, utilizou o negativo e conseguiu um movimento executado por figuras brancas sobre um fundo escuro.

A 17 de agosto de 1908, o Théatre du Gymnase, em Paris, exibe os seus primeiros desenhos: *Fantasmagorie*, com 1 minuto e 57 segundos, e *Le Cauchemar du Fantoche*, com pouco mais de 2 minutos. De 1908 a 1918, Emile Cohl realizará cerca de cem desenhos animados de curta-metragem.

Os desenhos de Cohl eram feitos num só plano, sem perspectiva nem cor, com traços esquemáticos porque ele trabalhava sozinho e não podia permitir-se o luxo de detalhes supérfluos. Mesmo assim, são ricos de fantasia, como *Les Joyeux Microbes*, que mostra uma dança de micróbios, ou *Binettoscope*, que pela primeira vez no cinema combina desenho animado com ações ao vivo.

Emile Cohl levou sua invenção para o Estados Unidos, onde foi largamente imitado: enquanto os outros animadores beneficiavam-se com a novidade, Cohl via seus meios de produção se reduzirem a cada dia, acabando por morrer na miséria.



Emile Cohl, em sua prancha, e um dos seus trabalhos inusitados: *Le Duel Au Parapluie*, acima

# Chame shopping VIDEO

## PABX (021)390-7100

## DDD GRÁTIS (021)800-9102

(INTERIOR E OUTROS ESTADOS)

O SUPERMERCADO DAS LOCADORAS AGORA POR TELEFONE

O primeiro supermercado de fitas e acessórios para locadoras agora tem um novo sistema para você não perder tempo.

Chame Shopping Vídeo e compre suas fitas por telefone.

PACOTE 2 T120 E 1 T160 POR Cr$ 3.800,00

FITA VIRGEM T120 POR Cr$ 1.300,00

- Atendimento 24 horas.
- Entregamos em todo Brasil com SEDEX grátis.
- Garantia de troca imediata em caso de defeitos.
- Aceitamos todos os cartões de crédito por telefone.
- 30.000 fitas de todas as distribuidoras a sua disposição.

**Fitas virgens e todos os acessórios para locadoras. Não anunciamos produtos que não temos em estoque.**

## Promoção do Mês

| DIST. | TÍTULO | PREÇO |
|---|---|---|
| CIC | Caçada ao Outubro Vermelho | 9.700 |
| Abril | Meu Amigo Donald | 4.900 |
| Abril | Meu Amigo Mickey | 4.900 |
| Warner | Difícil de Matar | 9.800 |
| Mil Vídeos | * Dançando Lambada Curso em Vídeo | 3.900 |

* (120 minutos – 16 coreografias e 6 passos básicos em câmera lenta – Excelente trilha sonora)

shopping VIDEO

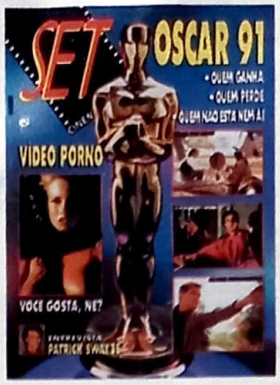
PRONTA ENTREGA:

Tijuca Rua São Francisco Xavier, 378-A Rio de Janeiro CEP 20550 FAX (021) 264-2698 PABX (021) 284-1622/9500

Madureira Estrada do Portela, 99 / 310 Polo I Rio de Janeiro CEP 21351 FAX (021) 359-7631 Fones (021) 350-4966 • 390-2573

REVENDAS:

Curitiba-PR (041) 262-3951 • Recife-PE (081) 326 6676 • Santa Maria-RS (055) 221-2610 • Vila Velha-ES (027) 399-2177




Na capa: A estatueta do Oscar, Traci Lords, Kevin Costner em *Dança com Lobos*, Andy Garcia em *O Poderoso Chefão III*, Ray Liotta em *Os Bons Companheiros*, Patrick Swayze em *Dirty Dancing*

A fala mais freqüente de todas as atrizes de pornôs tem algo a ver com uma frase bem comum de certos músicos de *blues*: "oh, yeah...". Apenas algo a ver. O conteúdo é inteiramente distinto. Quando o músico diz sim, está aprovando a evolução dos sons e, conseqüentemente, tendo prazer com eles. O músico, em geral meio maestro, diz que sim quando a coisa vai bem. Já as atrizes do pornô seguem uma outra lógica. Elas dizem sim quando a coisa vai mal. Dizem "yeah" quando se rendem, quando sucumbem às bolinações do conquistador.

O território vicioso e viciado desse gênero despudoradamente menor alarga suas fronteiras no Brasil. As locadoras vão se estabelecendo, aos poucos, como veículo da última palavra em afrodisíacos. O audiovisual deixa de ser uma expressão autônoma, autêntica e, para os mais otimistas, verdadeiramente estética. No caso da pornografia, ele é um reles instrumento.

A questão é que muita gente gosta. E gosta muito. Os aficionados em geral não aparecem, esgueiram-se pelas prateleiras das locadoras, falam pouco e baixo. Eles pensam: "oh, yeah". As imagens correspondem (ou dão ensejo) às fantasias que trazem submersas. São esses silenciosos fãs que movimentam cifras respeitáveis e alimentam fartamente dezenas de novas distribuidoras de pornôs que se instalaram no Brasil. Elas também dizem "yeah". E quem é que vai dizer "oh, no"? O pornô pode ser excitante, chocante, nauseante, pitoresco ou engraçado. Para o pessoal que usa e, principalmente, para quem está descobrindo agora, é bastante divertido. Ser subterrâneo, meio clandestino, só lhe confere um gostinho especial. No mais, poucos dizem que é imoral, decididamente não é ilegal e, de uma vez por todas, está provado que pornografia não engorda.

4 TAKES
7 TEMPOS MODERNOS
12 VIDEOLANÇAMENTOS
"Oh, Yeaah!!"
18 OUTROS LANÇAMENTOS
30 MATÉRIA DE CAPA
Tudo Sobre o Oscar
36 ENTREVISTA
Francis Ford Coppola
40 FESTIVAL DE CUBA
42 ENTREVISTA
Patrick Swayze
44 EM CARTAZ
*Cyrano de Bergerac*
46 OUTROS FILMES EM CARTAZ
52 MITO
Katharine Hepburn
54 LIVROS
56 CARTAS
59 FILMOGRAFIAS
60 EQUIPAMENTOS
Quem é o Melhor Tem Que Ser o Menor
63 FILMOTECA
66 NOSTALGIA

Fábio Cabral/Azul

Fotos de capa: Retna (Oscar), Warner (Costner), UIP (Garcia), Warner (Liotta), UIP (Swayze)

# ALUGA-SE QUALIDAD

UMA AVENTURA TURBINADA DE EMOÇÃO.

## VENENO DO ASFALTO

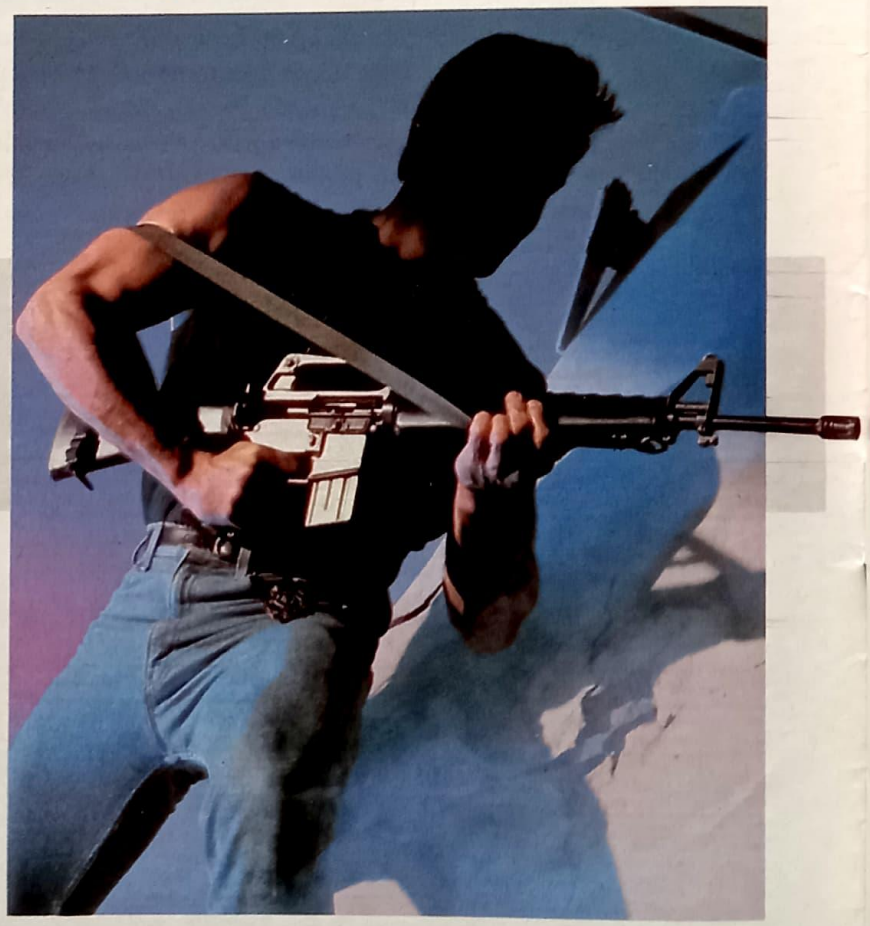
Nos bastidores da Fórmula Indy a disputa vai além das pistas. Não há limites, a vitória é a única meta, a qualquer preço. Mulheres bonitas, perícia e sabotagem são a rotina dos boxes.
Uma emocionante aventura em alta velocidade com Robert Forster (Peacemaker) Pernell Roberts (Bonanza) e William Campbell.
É sinal verde para você locar correndo.

POLICIAL DE AÇÃO MÁXIMA.

## TOP COP

### "PONTARIA MORTAL"

TOP COP - o policial mais selvagem de toda a corporação. Um exército de um só homem com sede de justiça insaciável e uma pontaria mortal.
Estrelando Stephen Sides e Len Schlientz.
Superprodução Crown International Pictures 1990, numa trama violenta envolvendo a polícia de Washington e o submundo do narcotráfico.
Este superpolicial vai encher sua tela de buracos.

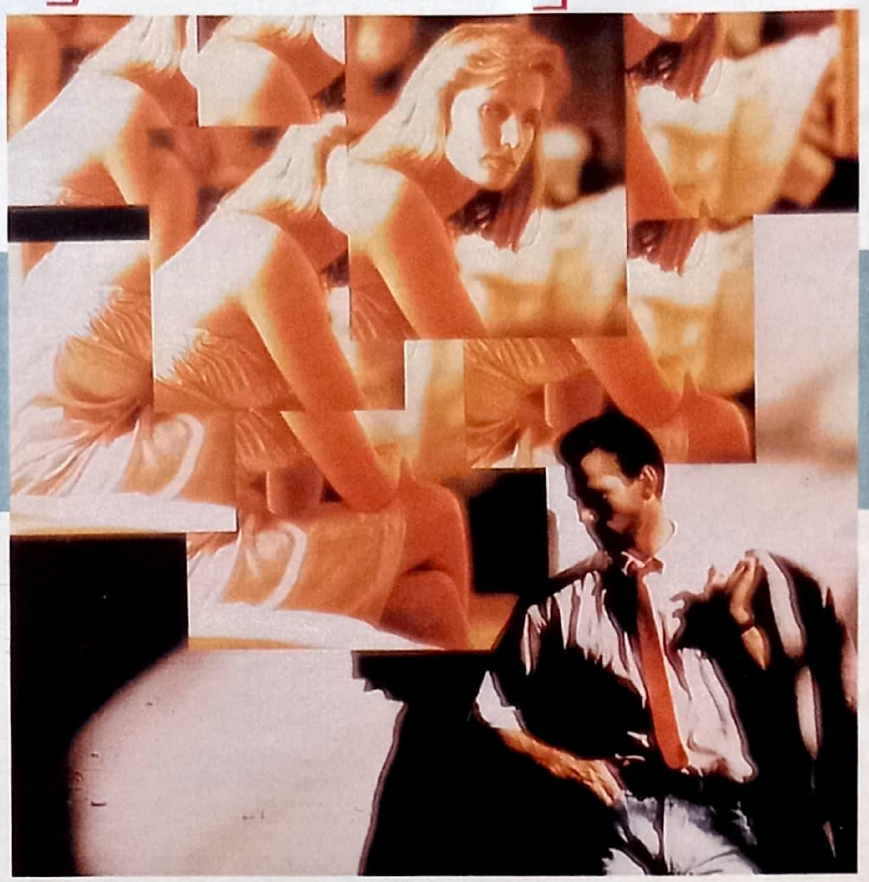


LANÇAMENTOS MARÇO'91 - BREVE EM SUA LOCADO

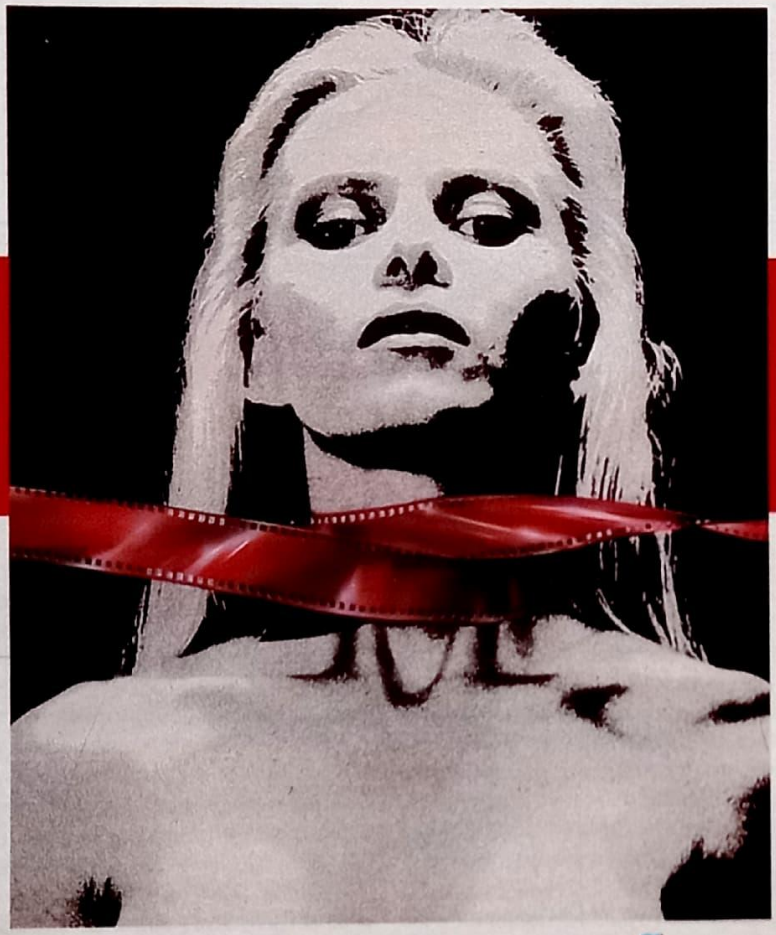
# E. GRÁTIS, EMOÇÃO.

**TRAMA POLICIAL DE ALTÍSSIMA TENSÃO**

## CERCO SUICIDA



Na investigação de um roubo, Tom Stewart – repórter criminal, se vê envolvido em brutais assassinatos e o desaparecimento de uma mulher. Começa uma implacável perseguição na tentativa suicida de salvar no mínimo, a própria pele. Violenta trama policial produzida pela Fries Entertainment Inc. 1988 e estrelada por Colin Fries, John Waters e Joy Bell.
Os fãs do gênero estão cercados.



**SUSPENSE COM MUITO CHARME.**

## CLICK
### O RETRATO DO CRIME

Doze garotas vivem o terror da perseguição de um maníaco sexual. Todas elas são excitantes modelos fotográficos e vítimas de uma escalada de crimes, possíveis só na mente de um psicótico.
Muito erotismo e suspense numa produção Crown International Pictures 1989, estrelada por Ross Hagen, Kelly Sims e Troy Donahue.
Um filme para saciar videomaníacos.

VIDEO BAN

DISCOVÍDEO FONOGRÁFICA LTDA.
Rua Pinheiros, 20 - 7º andar
05422 - Pinheiros - SP
Tels.: (011) 282-0945/883-7095
Telex: (11) 36550

**RA. ESCOLHA SUA EMOÇÃO.**

# OH, YE

*"Vale a pena observar que os próprios órgãos sexuais, cuja visão é sempre excitante, dificilmente são julgados belos."*
Sigmund Freud

*"Em face dos últimos acontecimentos, sejamos pornográficos, docemente pornográficos."*
Carlos Drummond de Andrade

A pornografia, cara-metade da culpa, é pelo menos tão antiga quanto o Velho Testamento e seu caso mal contado de Adão e Eva, seduzidos no Paraíso, à sombra de uma macieira. Foi lá, ao menos para o pessoal desta civilização, que a culpa nasceu, junto com a malícia, a luxúria, a lascívia, a languidez, a lubricidade — tudo com a letra *ele* porque esta é a letra que faz da língua uma carícia no céu da boca, insinuando-se, às vezes, para perto dos lábios. Lábios, língua (e letra) se escrevem com *ele*. Assim como Lúcifer. Sem idéia de pecado (com *pê* de punição) não há idéia de pornografia (com *pê* de... palavrão).

Um banquete romano, embora mais permissivo, é muito menos pornográfico do que um simples telefonema ilícito a uma senhora casada. O banquete era socialmente normalizado, não era transgressão. Já a mera sugestão de que alguma fantasia proibida governe a vida contemporânea perturba normas e convenções. E excita. Se as orgias romanas e os bacanais gregos, instituições pagãs, congregavam partícipes que poderiam muito bem falar de negócios entre si, é na pornografia cotidiana, inofensiva válvula de escape acomodada nos vãos das redes de repressão sexual, que se dá a liberação das pulsões eróticas. As mais inflamáveis.

No âmago, a pornografia tem a culpa entorpecida — na epiderme, a euforia de uma escola de samba. É um vício autêntico, em todos os sentidos, tanto do ponto de vista de seus autores como do ponto de

# EAAH...

**Aumenta o aluguel de pornografia nas videolocadoras, o preço da fita despenca e o sexo explícito vira mania brasileira**

vista dos consumidores. Acomete populares chucros e burgueses poliglotas; leigos despreocupados e religiosos careteiros; *habitués* de boate e presos políticos.

Nos tempos de ditadura militar, no Brasil, há ex-encarcerados que relembram, "o difícil era fugir da leitura da pornografia". Na cadeia, já viu, os guerrilheiros não possuíam outros grandes recursos para a dispersão. O vício contamina mulheres endiabradas, homossexuais de muitas estirpes e intelectuais, até os bem-humorados. Mas o vício da pornografia, ao longo de toda a história da humanidade, poucas vezes alastrou-se num surto tão violento como nos últimos anos, entre os freqüentadores das quase seis mil videolocadoras do Brasil.

**VER "AQUILO"** — Alguns números dão bem a dimensão da mania. Na locadora brasileira de tamanho médio, com 800 fitas em acervo, pelo menos 25% do movimento fica por conta dos chamados "explícitos", e isso mesmo nas menores cidades das regiões mais conservadoras do país. Das 67 distribuidoras brasileiras em efetivo funcionamento, a quantidade daquelas dedicadas à pornografia já ultrapassa as três dezenas. Dessas, a maior parte surgiu em 1990, e só mexe com isso.

O *boom* se deu de um ano para cá. A Mundial, uma consagrada distribuidora que já colocou nas chapeiras obras como *Daniel*, de Sidney Lumet, criou em agosto do ano passado uma divisão especial, a "Free X", que só trabalha com sexo. Desta nova marca saem, hoje, 40% dos lançamentos da Mundial. Freguesia é o que não lhes falta.

O problema (dos empresários da distribuição) é que a superpopulação de opções pornográficas acarretou um declínio do preço das fitas. Em fevereiro de 1991, para se ter uma idéia, uma fita pornô custava algo em torno de 2 500 cruzeiros. Um título convencional (drama, policial, comédia etc.) podia alcançar até 12 000. Para compensar, as distribuidoras conseguem comprar com apenas 2 000 dólares os direitos de uma fita estrangeira de sexo explícito para o mercado brasileiro. Outro tipo de filme custa três vezes mais, no mínimo, quando não é famoso. As tiragens também são diferentes. De um pornô, é bastante rara uma tiragem superior a 1 800 cópias. Edições de 3 000 são corriqueiras em filmes normais.

Nas fitas de sexo, o que conta é ver sempre a mesma coisa, com um sabor de variação na "historinha" trivial. A repetição do conhecido, neste caso, é o que vale mais. Dizem, com razão, que aquele que assistir a um pornô assistiu a todos. O que faz do gênero um sucesso é exatamente isso. O aficionado quer ver "aquilo" outra vez, e outra vez, e depois outra.

Existe gosto e existe vício para

quase tudo. Muitos assistem a filmes para rir, muitos para experimentar o nojo, outros querem do cinema a emoção que arranca lágrimas e há também os que procuram viver tensões dilacerantes com thrillers plenos de suspense. Gênero menor, despudoradamente menor, o filme pornográfico é tão legítimo como qualquer outro. A única diferença é que ele pega mais embaixo: serve de estímulo para o apetite sexual. Por isso é mal visto e ao mesmo tempo cobiçado. A pornografia, coitada, sempre foi vítima e agente de uma mesma repressão. Ela excita — e frustra.

**SEXO E BATINA** — A pornografia já cooptou poetas latinos como Marcial (40-104), que compunha versos "para Príapo" e não poupava palavrões; poetas franceses como Apollinaire (1880-1918), que escreveu o clássico *As Onze Mil Varas;* e poetas brasileiros como o militarista Olavo Bilac (1865-1918), autor de certas pérolas da dita "sem-vergonhice" pátria. Em *Medicina*, por exemplo, uma sucessão de nove quartetos em redondilhas maiores, o parnasiano Bilac narra uma *caliente* cópula entre a camponesa Rita Rosa e o padre Jacinto: "Parabéns... padre Jacinto! / Eu... logo... vi... que o calor... / Parabéns, padre... já sinto...".

Padres, confessionários, meninas inocentes. Eis a receita da sacanagem à brasileira. O antológico Carlos Zéfiro (figura que nem o renomado antropólogo Roberto da Matta, um dos curtidores declarados, sabe dizer se existiu de verdade ou se era apenas uma marca de fantasia para um grupo anônimo de muitos desenhistas e roteiristas) sacramentou essa receita nos incontáveis "catecismos" que assinou. Os "catecismos", revistinhas com quadrinhos tão malacabados quanto apimentados, tão machistas quanto pecaminosos, sempre retratavam a história de uma sedução ousada.

Os quadrinhos autênticos de Zéfiro são mais típicos do que a única adaptação que tiveram para o cinema, *Os Anos Dourados da Sacanagem* (1986), uma atabalhoada ginástica rústica em ambientes que lembram as exposições dos móveis sorteados pelo Baú da Felicidade. Mas também no filme o confessionário é recinto privilegiado para as cenas mais ousadas. A sacanagem brasileira se realiza à medida que conspurca. Nessa mesma adaptação cinematográfica, o espectador verá um avô, que guarda seus "catecismos" dentro de uma Bíblia oca, mostrá-los ao seu neto de doze anos. Mas quem vai adorar as revistinhas é a mãe do garoto. Gente gozada.

**"SÓ FINANCEIRO"** — O que faz mais o gosto dos freqüentadores das locadoras é o material importado, que vem de Los Angeles, a capital mundial do pornô. Abundam as loiras travessas de olhos azuis e lábios rosados. A razão disso é cruelmente irônica. Os espectadores brasileiros se parecem demais com os personagens de Zéfiro para achá-los excitantes (além de ridículos). Daí o grande atrativo das moças americanas e seus namorados falocêntricos. "O

Free-X

Free-X

**Loiras gemendo em inglês, como Cheri Taylor, são preferidas às morenas daqui. De qualquer modo, Denise Belmont faz o que pode em *Os Anos Dourados da Sacanagem*. Ela é Ângela. Deita-se com o credor para aliviar a conta do marido**

visual da fita tem de ser bonito, como as atrizes", atesta Beth Langer, proprietária da Vídeo Shock, uma grande locadora de Ipanema, no Rio de Janeiro. A Vídeo Shock tem um acervo de 12 000 fitas distribuídas por todos os gêneros. Pelo menos 10% de suas locações são de pornôs.

Ou melhor: "eróticos". A palavra pornô é sistematicamente substituída pela palavra erótico nas locadoras, da mesma forma que se diz "alternativo" em lugar de "pirata". O eufemismo de conveniência irrita pela imprecisão. Toda linguagem que mereça o adjetivo de erótica obriga-se a conter o pré-requisito de ser, no mínimo, um gozo estético. Já com a pornografia a coisa é diferente: tudo a que ela pode ambicionar é proporcionar, quando muito, um gozo. Sem adjetivos. Eróticos, rigorosamente falando, podem ser os "Cânticos de Salomão", inúmeros desenhos de Pablo Picasso, filmes de Philip Kaufman, roupas de Jean Paul Gaultier. Pornografia é barra mais pesada, inclui uma boa dose de mau gosto e é avessa a todo compromisso emocional. "Só financeiro."

E mais: o eufemismo conduz a mal-entendidos. A gerente de uma grande locadora do bairro de Pinheiros, em São Paulo, conta que uma noite atendeu a uma senhora de certa idade que lhe solicitou um "filme erótico". Unindo a freguesa ao pedido, indicou o soft *O Amante de Lady Chatterley* (uma produção franco-britânica de 1981, com Sylvia Kristel de protagonista). Ao devolver a fita, irritada, a senhora reclamou, mas não da mediocridade do filme. "Ela disse que queria algo mais forte", lembra a gerente, que prefere resguardar a identidade para não melindrar a clientela.

É provável que a tal freguesa se desse por satisfeita com algum dos títulos da *Playboy*, mais cafoninhas e menos animalescos, consu-

Tiziano (1490-1576) imaginou o bacanal numa obra sugestiva, mas pornografia brava mesmo era com o poeta Bilac: "Ai... padre... já sinto..."

O visual acético e oleoso das massagens dos vídeos da *Playboy* funciona de afrodisíaco para casais menos desbocados

## NÃO RECLAME E DÊ VEXAME

*Alugar um pornô, para a maioria dos mortais, é tarefa constrangedora. Por mais que assovie, olhe pro alto, que se finja curioso ou displicente, o freguês se vê devassado em plena locadora do bairro. Às vezes, uma solução é ir a locadoras distantes só pra fazer o serviço sujo. Outra saída é alugar 15 comédias, 18 animações, 34 policiais e, lá no meio do pacote, colocar um pornozinho como quem não quer nada. Em cidades do interior, alguns encomendam o título por telefone, passam correndo na locadora e já pegam o pacote. Embrulhado. Não são muitas as maneiras de disfarçar. Não adianta pedir para a empregada pedir para a prima dela pedir a fita e depois emprestar. Alugar vídeo pornô é uma vergonha. Uma tentação inconfessável.*

*Na falta das "casas especializadas", algumas locadoras criaram divisões especiais em seus espaços. É o caso da Vídeo Factory, cuja matriz, em São Paulo, ostenta uma saleta de vidro fumê inteiramente recheada de sexo explícito. A inovação se deve às medidas moralistas do ex-prefeito Jânio Quadros, "mas acabou permanecendo para maior privacidade dos clientes", diz o gerente Mário Zanon. Inútil. Fazem isso aos montes nas feiras de vídeo e todo mundo sabe o tipo de coisa que rola ali dentro. Fica chato. Ainda mais para a maioria do pessoal que é corajosa o suficiente para bisbilhotar e covarde o suficiente para acabar não levando nada pra casa. Não há como mexer nesse vespeiro sem passar vexame. A melhor coisa é desencanar. A vida é sua, afinal.*

midos em geral por mulheres e casais menos desbocados. A sacanagem chique da *Playboy* se instaurou como afrodisíaco na zona limítrofe entre erotismo e pornografia mas, por vezes, despenca num pasmacento limbo: não é uma coisa nem outra. Por isso, quando alguém vai a uma locadora atrás de cenas "fortes", não quer saber de sutilezas. Quer mesmo closes de genitálias em ação.

É isso que pedem cerca de 40% da clientela da Mister Vídeo, de Brasília. A oito minutos do Congresso Nacional, a locadora está situada na Asa Norte, numa região habitada pela classe média dos funcionários públicos. Segundo a gerente Fernanda de Oliveira Resende, embora apenas 860 das quase 10 000 fitas da Mister sejam pornôs, durante a semana, em períodos de aulas, a procura se acentua, e "45 de cada 50 fitas alugadas são de sexo explícito, vídeos gays inclusive".

Há quem associe o advento da Aids ao aumento do consumo da videopornografia. "O pessoal está preferindo ver a participar", opina Mário Zanon, gerente da matriz da rede Vídeo Factory, com cinco lojas na cidade de São Paulo. Para ele, a "procura aumentou em mais de 100% nos últimos quatro anos". Outra razão provável é a popularização das atrizes mais belas e arrojadas, verdadeiras caricaturas da libido, como a jovenzinha Traci Lords (ver box). Curioso é que este *boom* se verifica exatamente quando o mercado consumidor de Los Angeles, a capital mundial do pornô, está em baixa.

De um jeito ou de outro, o fato é que cresce, a cada dia, a fatia do sexo explícito dentro de um mercado que, no Brasil, parece não se abater com as crises econômicas. Talvez o mercado de vídeo seja mais heterodoxo que a economia brasileira. Talvez seja menos permissivo, apesar da pornografia solta. O faturamento mensal do setor, incluindo locações e vendas de fitas, atinge a casa dos 45 milhões de dólares. A exata parcela que vai para as orgias encenadas é ainda um enigma, até porque vem aumentando sem parar. De resto, este é um vício sem muitas contra-indicações, não causa dependência física e nem câncer. Esporadicamente pode ser um recurso divertido para festinhas mas, na maioria das vezes, de remédio contra o tédio, converte-se no caminho mais curto para uma solidão superficial e tensa.

Traci Lords, Cicciolina e Ginger Lynn fazem de tudo

Sipa - Press

## ESCALADA HORIZONTAL

*A jovenzinha Traci Lords, nascida em 68, que aterrou as autoridades americanas rodando vídeos pornôs desde os 15 anos, saltou para o cinema sério. Fez* Cry Baby *(1990), uma bobagem em ritmo de rock dirigida por John Waters que foi badalada em Cannes. Por causa dela, claro. A minoridade pornô de Traci (cujo verdadeiro nome é Nora Kuzma) foi descoberta tardiamente. Ainda assim rendeu processos para os produtores. Há dezenas de filmes dela no Brasil. Comece a maratona com* Traci, Desejada e Possuída *(Onyx).*

*A húngara Ilona Staller, de 39 anos, foi para a Itália, virou atriz pornô (seus filmes estão disponíveis em vídeo) e depois, feita celebridade na terra de Fellini, virou deputada pelo Partido Radical. Queria evitar a Guerra no Golfo oferecendo-se a Saddam Hussein. Fracassou.*

*Ginger Lynn,* la pequenita, *foi a maior estrela pornográfica da década de 80. Ela fazia de tudo. Até beijava na boca. Deixou a profissão para montar uma rede de locadoras na América. Agora, anuncia a volta. Não ao gênero, mas ao cinema. Vai atuar em um policial, com o mesmo nome artístico que já usou numa produção de Roger Corman: Ginger Lynn Allen. De pornô, ela fez 69. Muitos estão no Brasil. Atualmente namora Charlie Sheen, para desgosto do pai dele, Martin.*

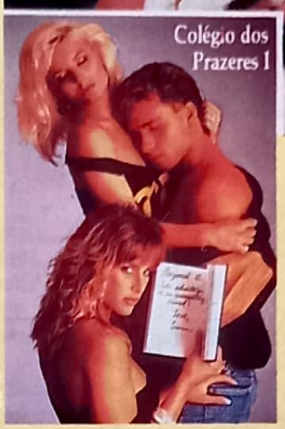
*Até Sylvester Stallone, antes de virar astro, foi apenas um mastro. Um mastro oculto, num filme de 1970, sem sexo explícito.* O Garanhão Italiano *(PBV) serve hoje de curiosidade pitoresca em locadoras por aí. E os outros homens-astros? Ninguém quer saber deles. São deformidades circenses, exageradamente dispostos ou agigantados. A estrutura do filme pornô joga a humanidade, minguada, toda sobre a mulher. Homem sempre faz papel de vibrador.*

# GROTESQUERIES BACANAS

## Os mais típicos exemplares são adeptos da vanguarda urbana: não faça sarau, faça suruba

Kasha e o marido Pappilon

Royalty




Free - X

**BABY FACE**
*(EUA, 1977) Direção: Alex DeRenzy. Com Cuddles Malone, Amber Hunt, Linda Wong, Kristine Heller, Dan Roberts.* PBV.
*Cast* composto apenas por ninfetas. Com este trabalho DeRenzy lançou a moda de pornôs com atrizes de feições infantis e angelicais. Na cena mais comentada, a atriz Kristine Heller atua com dez homens.

**CALIFORNIA GIRLS**
*(EUA, 1985) Direção: Edwin Brown. Com Hypatia Lee, Honey Wilder, Mona Page, Jamie Gillis, John Leslie.* Nacional.
As garotas californianas divertem-se à beira-mar. Califórnia tornou-se um clássico pela pornografia alegre, "saudável".

**DESEJO À PRIMEIRA MORDIDA**
*(Lust at First Bite, EUA, 1982) Direção: Philips Morris. Com Annette Haven, Seka, John Holmes.* Onyx.
*Cast* com superastros do pornô *hard*, incluindo Seka e o descomunal e já falecido John Holmes.

**O DIABO NA CARNE DE MISS JONES**
*(The Devil in Miss Jones, EUA, 1972) Direção: Gerard Damiano. Com Georgina Spelvin, John Clements, Harry Reems.* JB.
O diretor é o mesmo do superclássico *A Garganta Profunda* (de 1972). Miss Jones se tornou a figura mais popular do cinema pornô da década de 70. Vale assitir pelas tiradas engraçadas, como o nariz de Cyrano no meio da bagunça.

**SENSUALÍSSIMA CICCIOLINA**
*(I Racconti Sensuali di Cicciolina, Itália) Direção: Ricardo Schicchi. Com Ilona Staller e Gabriel Pontello.* Dado Group.
A deputada italiana (e, acima de tudo, a bela irreverente) Cicciolina pratica de tudo nesta fita. O espectador ficará espantado com a capacidade física da atriz.

**HAWAII VICE**
*(EUA, 1988) Direção: Ron Jeremy. Com Kasha, François Pappilon, Stephanie Rage, Randy West, Ron Jeremy, Peter North.* Royalty.
A meio-tailandesa e meio-sueca Kasha é uma das novas sensações americanas. É uma oriental aloirada de busto faraônico (provavelmente artificial). Só contracena com o marido Pappilon.

**ERA UMA VEZ...**
*(Once Upon a Time..., EUA, 1989) Com Tabbetha Stevens, Billy Dee, Dee Jay.* Free X.
Tabbetha começou sua pornocarreira com o nome de Lisa Lamborghini e foi aclamada a grande ninfeta do pornô atual. As imagens da cópia são superiores à média porque a distribuidora está utilizando matrizes de uma polegada.

**OS FRUTOS PROIBIDOS**
*(Ultimate Climax!, EUA, 1989) Com Tamara Lee, Sharon Mitchell, Heather Torso.* Free X.
Tamara Lee saiu das páginas da revista americana *Penthouse* direto para os filmes pornôs. É considerada uma das mais belas.

**COLÉGIO DOS PRAZERES I e II**
*(Sorority Pink, em duas fitas, EUA, 1989) Direção: Amanda Hunter. Com Nina Harthly, Tianna, Porsche Lynn.* Free X.
Para quem gosta de ver lesbianismo. O homossexualismo feminino é sempre fetiche nos vídeos heterossexuais. O masculino é banido. A transa entre mulheres passa não como desvio, mas como masturbação a duas (ou mais), que só é praticada na falta de homem.

**UM ROBÔ ERÓTICO**
*(Ultimate Lover, EUA, 1988) Direção: Thomas Paine. Com Nina Harthley, Tracy Adam, Eric Edwards, Amber Lynn.* Realbrás.
Duas cientistas constroem o maior vibrador do mundo e lhe dão um corpo adequado. O resultado final é hilário, principalmente porque parodia o próprio gênero. Para alguns, muita piada quebra o clima.

**AS BONECAS DO SHOGUN**
*(Japão, 1987) Direção: Norifumi Suzuki. Com Kyoko Tsujisawa, Umi Iori, Mami Momura.* Everest.
Bem ao estilo do cinema de samurais, esta fita é ambientada em 1679, durante a dinastia do quarto Shogun Ietsuma.

**HANKY PANKY**
*(EUA, 1985) Direção: David I. Frazer e Svetlana. Com Ginger Lynn, Jamil Gillis e Ron Jeremy.* J.B. Vídeo.
A cena de abertura, um estupro consentido de Ginger, é antológica. O filme é de cabeceira de muitas modelos brasileiras.

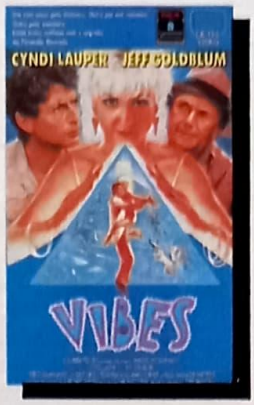
**TABOO — AMERICAN STYLE**
*(Em quatro fitas, EUA, 1985) Direção: Henry Pachard. Com Raven, Gloria Leonard, Paul Thomas, Taija Rae, Tom Byron.* Free Vision.
É um filme de família: a mãe com o filho e o pai com a filha. Aqui a "historinha" fala alto e quase confere uma confiabilidade aos perfis psicológicos. A perversão fica mais verossímil e, conforme a platéia, mais excitante.

**SEXO, MENTIRAS E TRANSAS**
*(Play me, EUA, 1989) Direção: Paul Thomas. Com Diedre Rolland, Randy West, Dianna e Champagne.* Sexxxy.
Trocadilhos com filmes sérios são inúmeros. Há o *Rambone*, o *X-Terminator*, *A Star is Porn*, *Top Gay* e por aí vai. Neste caso, a paródia se estende ao roteiro. Uma câmera vai desencadeando a ação. Quente e bem-feito.

# COMÉDIA

**CURTA COM CARLITOS** ★★★
*(Chaplin at Keystone, EUA, 1914) Ganhando a Vida, Apanhado Num Cabaré, O Dia Atarefado de Mabel, O Mascarado, Os Beberrões.* Sagres.
A fita reúne um petisco "arqueológico" saboroso: cinco curtas que Charles Chaplin (1889-1977) fez nos estúdios Keystone, incluindo o ótimo *Making a Living (Ganhando a Vida)* de Henry Lehrman, filme em que ele interpreta um vigarista e que inaugurou "oficialmente" sua carreira nas telas (apesar de o personagem Carlitos só aparecer no filme seguinte). Segundo o texto de abertura da seleção, o estilo "rude e atabalhoado" daquele inglês que veio para a América em 1910 logo impressionou Mack Sennett, que o levou para a Keystone. Chaplin revestiu o cinema mudo de um humor em princípio até vulgar e sádico, mas que aos poucos foi se refinando. Evolução de um gênio e de um personagem *outsider* (sempre enxotado por policiais e poderosos) que o espectador pode conferir nessas imagens, precárias mas de notável valor documental. *A.Q.N.*

**JABBERWOCKY** ★★
*(Inglaterra, 1977) Direção: Terry Gilliam. Com Michael Palin, Max Wall, Deborah Fallender.* VTI.
Dois anos depois do irresistível *Monty Python e o Cálice Sagrado*, Gilliam voltou à sátira medieval com esta aventura em que aldeias inteiras são dizimadas por um monstro fabuloso. O anti-herói encarregado de enfrentá-lo é ninguém menos que Michael Palin, o único integrante do Monty Python no elenco do filme. Talvez pela falta dos companheiros, talvez pela frouxidão das piadas e do enredo, ele não consegue elevar esta comédia acima da mediocridade. Para quem não sabe, Palin é o gago que cria um peixe chamado Wanda no filme do mesmo nome. E Gilliam dirigiria depois os excelentes *Brazil* (1985) e *As Aventuras do Barão Munchausen* (1989). *J.G.C.*




**VIBES** ★★
*(EUA, 1988) Direção: Ken Kwapis. Com Cyndi Lauper, Jeff Goldblum, Peter Falk, Julian Sands.* LK-Tel/Columbia.
Dois sensitivos são contratados por um estranho lunático para encontrar, no Equador, um misterioso templo que guarda, há séculos, um segredo mágico e poderoso. Fantasia cômico-romântica que marca a estréia da cantora pop Cyndi Lauper no cinema. Pelo roteiro ser da dupla Lowell Ganz e Babaloo Mandel, que alcançou, junto ao diretor Ron Howard, sucessos como *Corretores do Amor* e *Splash*, é impossível esconder a decepção. O tiro n'água talvez se justifique pelo diretor, Ken Kwapis, que só havia exercitado seu dom em filmes infantis, inclusive para a *Vila Sésamo* americana. Ele não soube controlar os excessos inerentes a uma história tão mirabolante e acabou realizando um filme exagerado e desconjuntado. Mesmo sendo curioso de se acompanhar, apenas por causa do elenco, é provável que o espectador se irrite com o final pouco apropriado (fraco climaticamente, e romático demais). A carreira cinematográfica de Lauper nasceu e morreu aqui. *Ch.P.*

**CONFIE EM MIM** ★★★
*(Trust Me, EUA, 1989) Direção: Bobby Houston. Com Adam Ant, David Packer, Talia Balsam, Barbara Bain, Karen Black, Kenia.* F.J. Lucas.
Dono de galeria em dificuldades financeiras decide lançar um jovem artista desconhecido para logo em seguida matá-lo e, desta forma, valorizar seus trabalhos. Surpreendente, mesmo que modesta e estereotipada, imagem do mundo das artes na Los Angeles de hoje. Em tom de comédia, com pinceladas de suspense perto do final, é uma obra vigorosa, inquieta e ágil, com tipos empáticos e críveis numa história alto-astral e essencialmente *fashionable*. São os detalhes do roteiro co-escrito pelo diretor que reafirmam esta farsa como uma visão radical e fantasiada de uma realidade artística basicamente comercial. Como o artista-alvo do filme se define, ele é um raro "pintor de verdade num mundo Big Mac". A boa trilha sonora de Elmer Bernstein indica o liberal jogo de gato e rato e sofistica ainda mais a direção de arte, que preenche as paredes de cada cenário com obras de Andy Warhol, Robert Longo e Keith Haring, entre outros. *Ch.P.*

**OS SAFADOS** ★★★
*(Dirty Rotten Scoundrels, EUA, 1988) Direção: Frank Oz. Com Michael Caine, Steve Martin, Glenne Headly.* 20.20 Vision.
Dois pilantras lustrosos operam num balneário da Côte D'Azur nesta boa refilmagem de *Bedtime Story* (1964, de Ralph Levy, com David Niven e Marlon Brando), dirigida por Frank Oz *(A Pequena Loja dos Horrores)*. Seus golpes são rapozinos — Caine finge ser um príncipe destronado que levanta fundos para a libertação de seu povo. Steve Martin, gatuno menor, vira aprendiz do refinado ladrão. Caine está absolutamente à vontade com o cabelo untado de gomalina, numa performance canastrona que funciona como uma paródia de sua própria atuação no cinema. Steve Martin é careteiro no geral, mas aqui os pistões de sua máquina de fazer rir estão afinados com o papel. Boas praias, belas mulheres: Glenne Headly faz uma dama de nome Colgate (dentes brilhantes), de quem os dois vivaldinos resolvem arrancar 50 000 dólares, apostando, com isso, a saída da cidade por parte do perdedor. Pois o balneário chiquérrimo de Beaumont-sur-Mer se revelaria pequeno demais para os dois escroques e sua patinha. *Carlos Volpato*

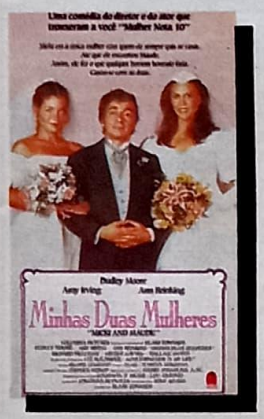
Fox
Michael Caine e Steve Martin, larápios refinados, operam num balneário chique em *Os Safados*

## RECRUTAS DA PESADA ★★★

*(Stripes, EUA, 1981) Direção: Ivan Reitman. Com Bill Murray, Sean Young, Warren Oates e John Candy.* LK-Tel/Columbia.

Não é clássico, nem cult, nem obra-prima. Há centenas de produções desse tipo, milhares de roteiros parecidíssimos e milhões de piadas similares. Só o que Reitman pretendia com suas *gags* pouco originais. E fez: 83 milhões de dólares só nos EUA. O surpreendente é que até hoje é uma delícia essa comédia.

Sem ter mais o que fazer, dois amigos encapetados (Bill Murray e Harold Ramis, que estariam em *Os Caçafantasmas*, de Reitman, em 1984) resolvem se alistar no exército. A trama é tola mas funciona. Fardada, a dupla descola namoradas. São duas policiais da ronda noturna do exército. P. J. Soles (ex-senhora Dennis Quaid) vai se esfregar com Murray. A melhor, Sean Young, beija Ramis na boca. Uh... Ela tinha uns vinte e um aninhos na época desse papel inexpressivo. A moça que poria a perder a cabeça da humanidade masculina com *Blade Runner* e *Sem Saída* empresta a mais insinuante sensualidade a seu uniforme feio. *Eugênio Bucci*




## MINHAS DUAS MULHERES ★★★

*(Micki & Maude, EUA, 1984) Direção: Blake Edwards. Com Dudley Moore, Ann Reinking, Amy Irving, Richard Mulligan, Wallace Shawn.* LK-Tel/Columbia.

Comédia romântica histérica e cheia de correrias, que lembra muito as deliciosas farsas dos anos 40 e 50, um dos raros acertos de Edwards na década passada, junto a *Vítor ou Vitória?* e, talvez, a *Assim É a Vida*. O filme e toda a equipe técnica literalmente se divertem ao contar como uma personalidade da TV se mete numa grande enrascada quando esposa e amante ficam grávidas juntas e se "hospedam" em quartos vizinhos do mesmo hospital para dar à luz no mesmo dia. O espectador percebe o clima de prazer que o próprio Edwards confessou ter caracterizado as filmagens e acompanha o histrionismo da história com interesse e entrega. De quebra, assiste-se a uma Amy Irving *(Yentl)* especialmente bonita e a um Dudley Moore *(Mulher Nota Dez)* inesperadamente controlado. *Ch.P.*

## GREMLINS II ★★

*(EUA, 1990) Direção: Joe Dante. Com Zach Galligan, Phoebe Cates, John Glover e Christopher Lee.* Warner.

Dirigido por um dos mais talentosos pupilos do cineasta Steven Spielberg, *Gremlins II* repete em overdose as principais características do primeiro (também dirigido por Dante). Desta vez o cenário para as peripécias dos anárquicos gremlins é a cidade de Nova York. Fetichista assumido, Dante exagera no número de citações cinematográficas, parodiando desde o heroísmo patriótico de Rambo até a coreografia caleidoscópica do cineasta Busby Berkeley. O efeito é perturbador e quase sempre irritante. Mesmo assim, há ótimas *gags*, como a dos gremlins embriagados ao som de "New York, New York". Curiosamente, a melhor de todo o filme (que chega a envolver) tem seu impacto diminuído na tela pequena. Dissonâncias da transposição do cinema para a televisão. *R.C.*

Warner

*Gremlins II*: impacto diminuído na transposição para o vídeo

## O SONHO JÁ ERA? ★★★

*(Rude Awakening, EUA, 1989) Direção: Aaron Russo. Com Cheech Marin, Eric Roberts, Julie Hagerty, Robert Carradine.* F.J. Lucas.

A presença de Cheech Marin, da dupla Cheech & Chong, famosos na TV e no cinema por suas piadas com drogas, poderia sugerir uma comédia infantil e vulgar. A sinopse do filme, aparentemente, também não ajuda. Trata de dois hippies que, em 1969, fogem da convocação à Guerra do Vietnã e passam vinte anos na mais completa reclusão, parados no tempo. Só em 1989 decidem voltar a Nova York para denunciar planos de uma intervenção na América Central. E encontram um mundo enlouquecido, à beira da catástrofe. O filme se revela sensível ao contrapor o idealismo hippie à neura *yuppie*. Há certos exageros, mas o humor nunca beira o chulo. O quarteto central de atores se casa à perfeição, com destaque para a sempre hilariante Julie Hagerty *(Além da Terapia)*. Um interessante elogio aos saudosos anos 60. *Ch.P.*

## OLHA QUEM ESTÁ FALANDO ★★★

*(Look Who's Talking, EUA, 1989) Direção: Amy Heckerling, com John Travolta, Kristie Alley, George Seagal.* LK-Tel/Columbia.

Travolta caiu no limbo depois daquele monte de *Embalos de Sábado*. Dois anos atrás, com essa comédia familiar, o rapaz deu a volta por cima. A gente ri e se enternece. *Olha Quem Está Falando* justifica porque, apesar de ter custado 8 milhões de dólares, arrecadou 74 milhões no primeiro mês de exibição na América. Travolta vive um chofer de táxi que, de sopetão, vê despencar no seu banco de trás uma bela grávida (Kristie, bastante bonitinha) em pleno trabalho de parto. Ele não se desliga mais da moça, vira *baby sitter* pra ela, e claro que aí há um romance mas, abandonada pelo velho amante (Seagal), ela não quer paixão. O filme mostra a vida íntima (do feto e do bebê). Este fala (em *off*) o tempo todo. É engraçado de tão infame. Quatro crianças foram usadas para compor o excelente personagem do pequeno Mickey, o bebê. *E.B.*

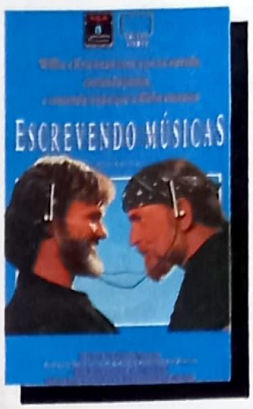
LK-Tel/Columbia

Murray é soldado encapetado na tola mas deliciosa e rentável comédia *Recrutas da Pesada*

# MUSICAL

**VIVA SANTANA** ★★★
*(EUA, 1988) Direção: Tom McQuade.* Sony Music.
Do festival de Woodstock em 1969 ao Rock in Rio 1991: 22 anos de carreira de Carlos Santana, hoje uma das figuras históricas do pop rock, creditado com a invenção do rock latino e autor de alguns dos maiores sucessos dos anos 70. O vídeo *Viva Santana*, produzido por ele mesmo, percorre todas as fases de sua longa trajetória. Entre os pontos altos, a descoberta de que Santana foi um dos raríssimos mexicanos que se mudaram para os EUA contra sua própria vontade (seguindo o pai, músico "mariachi" dos grupos folclóricos mexicanos); a performance em Woodstock, quando seu grupo ainda era desconhecido, que causou furor e seu triunfo no festival e a notoriedade mundial, numa montagem impecável de várias fases deste músico e de outras bandas que o incorporaram a seus repertórios. *I.R.S.*

**EDDIE AND THE CRUISERS** ★★
*(Eddie and the Cruisers II: Eddie Lives!, Canadá/EUA, 1989) Direção: Jean-Claude Lord. Com Michael Paré, Marina Orsini, Bernie Coulson, Kate Lynch.* Jovem Pan Home Vídeo.
Continuação inesperadamente coerente de *Eddie - O Ídolo Pop* (1983), só que com um elenco bastante inferior (à parte um Paré envelhecido) e uma trilha sonora menos inspirada (como se quisesse embutir uma comparação crítica e pessimista entre o pop anos 60 e o dos anos 80). O filme encontra Eddie Wilson (Paré) vinte anos depois do misterioso acidente de carro que supostamente o liquidou. Ele está trabalhando em Montreal e a indústria fonográfica vive um lucrativo *revival* de seu antológico grupo. Ele sente que é hora de voltar ao *show business*. Apesar de concluir bem as questões deixadas em aberto no primeiro filme, o resultado final se ressente de uma idealização muito grande de Eddie (um Jim Morrison *clean*) e de um exagero no uso de clichês narrativos. *Ch.P.*




**ESCREVENDO MÚSICAS** ★★★
*(Songwriter, EUA, 1984)Direção: Alan Rudolph. Com Kris Kristofferson, Willie Nelson, Lesley Ann-Warren, Rip Torn, Melinda Dillon.* LK-Tel/Columbia.
As aventuras e desventuras de dois cantores-compositores de música *country*, um deles se dedicando ao *show business* e o outro continuando a dar shows pelo interior americano. Envolve armações escusas das gravadoras, amores frustrados e revelação de novos talentos. O diretor Alan Rudolph *(The Moderns)* ainda era desconhecido quando fez este filme, apesar de ser um dos mais interessantes atualmente em atividade nos EUA. Ele volta a abordar o universo registrado em *Nashville*, de Robert Altman (do qual foi diretor-assistente) e afirma especial sensibilidade para retratar o *american way of life*, como em *Choose Me* (1984). Trata-se de uma farsa literal, como é também o posterior *Trouble in Mind* (1985), mas é preciso esperar o final para entender o espírito sarcástico que o permeia. Sua visão do mundo *country* é muito americana e ao mesmo tempo impiedosa. *Ch.P.*

**CHARITY, MEU AMOR** ★★★★
*(Sweet Charity, EUA, 1968) Direção: Bob Fosse. Com Shirley MacLaine, John McMartin, Chita Rivera, Paula Kelly, Ricardo Montalban, Sammy Davis Jr., Barbara Bouchet.* CIC.
Não há a concisão das "obras de arte". Os números musicais interrompem indiscriminadamente a narrativa. O roteiro (baseado em *Noites de Cabíria*, de Fellini), fragmentado, oferece três ou quatro boas oportunidades precoces, para o "The End". E seria fácil definir este filme de estréia do coreógrafo Fosse como um "laboratório livre" para seu *Cabaret* (1972). O resultado de tudo isso é um filme longo, excessivo (152 min.) e extraordinário! Quatro estrelas mesmo!
Justifica-se: a coreografia arrojada (desajeitada?) do mestre Fosse, a exuberância dos figurinos de Edith Head, a "modernidade" que o final dos anos 60 exalava, a liberdade para usar e abusar dos "novos" recursos da linguagem cinematográfica (congelamentos, desenfoque demorado e total da cena, zoom...) e a interpretação espontânea de Shirley — uma releitura que procede o vagabundo de Chaplin e a prostituta Cabíria de Giulietta Masina. Tudo isso para contar uma história simples, o avesso de *Uma Linda Mulher:* A *taxi-girl* Charity (Shirley) vive à procura de um homem por quem se apaixonar, o verdadeiro amor. O primeiro derruba a coitada num lago do Central Park para lhe roubar parcos dólares. O segundo, o astro italiano Vittorio Vitale (Montalban), que não consegue largar sua histérica namorada Ursula (Barbara). O terceiro, um tímido e claustrofóbico executivo (McMartin). Cada um deles é seu "definitivo" amor.
O hippismo, o psicodelismo, a pluralidade de estilos, o *yuppie* que descobre a mulher "livre" (tudo tão em moda hoje) já estavam lá e possuíam a marca da originalidade. *Gags* e diálogos espirituosos trazem ainda a marca de Neil Simon no argumento. Por exemplo: quando o galã Vittorio leva Charity a uma festa, ela exclama: "Quantas celebridades! Sou a única pessoa de quem nunca ouvi falar!". Aviso aos incautos pós-David Lynch: não há sequer um só momento de violência. Apesar da vida amargurada e deprê de Charity, o filme é só diversão! *Dilson Gomes*

Universal

Os três belos pares de pernas de Paula, Shirley e Chita: audácia de *Charity*, do coreógrafo e diretor Fosse

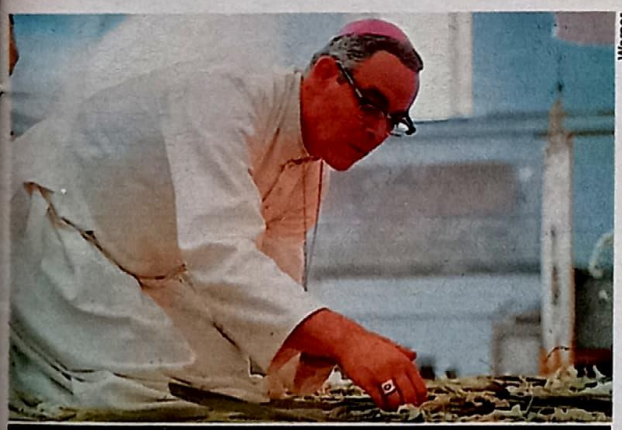
CIC

Audrey e sua versão da Vitória de Samotrácia (ao fundo) em *Cinderela*

**CINDERELA EM PARIS** ★★★
*(Funny Face, 1956, EUA) Direção: Stanley Donen. Com Fred Astaire, Audrey Hepburn, Kay Thompson.* CIC.
Astaire é Richard Avery, o fotógrafo de moda inspirado no mestre da fotografia Richard Avedon (que supervisionou o trabalho do ator). À procura de uma *funny-face*, Avery faz a cabeça da "bicho-grilo" Jo Stockton (Audrey), supervisora de um sebo de livros usados, para se tornar o rosto do ano da revista *Quality*. A história é tola, mas a dança de Astaire, o charme de Audrey e a imponência de Kay Thompson, como a editora déspota são irrepreensíveis. As outras estrelas do filme são: George e Ira Gershwin, os autores das canções; a direção de arte do "mestre" da Paramount Hal Pereira; os figurinos de Givenchy e da inevitável e competentíssima Edith Head, que trabalhou 51 anos em Hollywood (Paramount e Universal), foi indicada 34 vezes para o Oscar e carregou oito estatuetas para casa. Um recorde de dar inveja às grandes estrelas!
*D.G.*

## DRAMA

**STAR 80** ★★
*(EUA, 1979) Direção: Bob Fosse. Com Mariel Hemingway, Eric Roberts.* Warner.
Último dos cinco filmes dirigidos por Bob Fosse, *Star 80* inspira-se no assassinato brutal da *playmate* Dorothy Stratten. O clima, desde o início, é de pura tensão. Ao contrário da musicalidade de *Charity, Meu Amor, Cabaret* e *All That Jazz, Star 80* aproxima-se mais do tom dramático de *Lenny*. Como nesse filme baseado na vida do comediante Lenny Bruce, em *Star 80* o cineasta atrai sua câmera para um personagem essencialmente puro que se perde ao se enquadrar num esquema social corrupto e desumano. A realidade, no entanto, parece ter sido bem diferente. Dorothy, por quem o confuso diretor Peter Bogdanovich foi apaixonado, sabia muito bem como explorar seu corpo e sua imagem para atingir o estrelato. O que ela não contava era com os tiros de espingarda do cafetão passional Paul Snider, que, após matá-la, suicidou-se. Trabalho menos expressivo da curta, embora brilhante, carreira de Fosse.
*R.C.*



Warner

No paradoxal *Romero*, Julia veste a batina da Teologia da Libertação

**ROMERO** ★★
*(EUA, 1989) Direção: John Duigan. Com Raul Julia e Richard Jordan.* Warner.
Baseado na história real do arcebispo salvadorenho Oscar Romero, o filme do australiano John Duigan narra fatos políticos reais em ritmo de ação e aventura. Seguindo a estrutura clássica consagrada por *A Mãe*, de Gorki, *Romero* mostra a história de um homem alienado que pouco a pouco toma consciência da realidade política de seu país. A diferença aqui é que, ao contrário do personagem de Gorki, que levanta a bandeira do bolchevismo, o arcebispo Romero, ao tornar-se ciente dos fatos, veste a batina da Teologia da Libertação. Embora o tema seja de profundo interesse entre nós, o roteiro de John Sacret Young não consegue fugir ao reducionismo caricatural tão típico dos "filmes-denúncia". *Romero*, portanto, acaba sendo um filme paradoxal. Ao mostrar o doloroso processo de conscientização de um arcebispo de El Salvador, revela-se cheio de boas intenções, esquecendo-se, talvez, de que delas o inferno também está cheio.
*R.C.*


Panasonic
Technics
gradiente

NACIONAIS E IMPORTADOS

**PEÇAS ORIGINAIS**
Peças para vídeo/câmera - Cabeçotes para vídeo - Circuitos integrados - Peças para Fax

**ACESSÓRIOS**
Carregador de Bateria - Fitas SVHS - VHSC - Transcoder externo - Cabos - Baterias para câmeras

**ASSISTÊNCIA TÉCNICA**
Assistência Técnica para câmera e vídeo - Transcodificação em vídeo/TV - Modificação para vídeo-game Nintendo® - Conserto de Fax - Instalação e Orientação para Panafax e Fax System - Assist. Téc. Compact
DIGITAL LASER

REPRESENTANTE AUTORIZADO

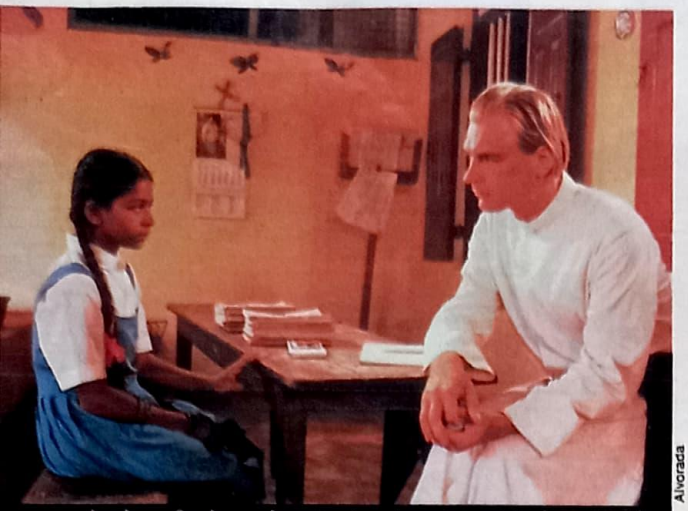
WV-CL110

Sistema de TV por circuito fechado.
Instalação e vendas.

COLOR SOM

PRODUTOS • PEÇAS • ACESSÓRIOS
Av. Angélica, 2278 (alt. nº 1900 da Rua da Consolação)
Fones: (011) 259-0099 e 258-8396 - Fax: (011) 255-6643
R. dos Gusmões, 407 - 1º and. - Sta. Ifigência - São Paulo
Fone: (011) 221-8735 - Fax: (011) 255-6643

# VIDEOLANÇAMENTOS



Ayesha e Sands na despretensiosa incursão espiritual em *Manika*

Alvorada

**CIDADE ZERO ★★**
*(Gorod Zero, URSS, 1989) Direção: Karen Shakhnazarov. Com Leonid Filatov, Oleg Basilashvili, Vladimir Menshov.* Sagres.
Chegar a uma cidadezinha no interior de Moscou é fácil, mas vivenciar seu cotidiano não será das tarefas mais agradáveis para o engenheiro Varakine (Leonid Filatov), que aporta na província para visitar uma fábrica. Situações cômicas e surrealistas, como a da secretária da empresa que trabalha nua, e a morte do engenheiro chefe, ignorada por todos, ameaçam a vida de Varakine quando ele é impedido de deixar a cidade, por ser suspeito de envolvimento no suicídio de um cozinheiro. Essa monótona alegoria stalinista, pós-Glasnost, só é novidade para a realidade soviética. *W.A.S.*

**TENSÃO ★★**
*(The Boost, EUA, 1988) Direção: Harold Becker. Com James Woods, Sean Young.* 20.20 Vision.
Drogas, tô fora, é a mensagem. Lenny Brown (Woods) é um vendedor medíocre apaixonadíssimo pela mulher, Linda (Sean), que se torna o nota dez quando é convidado a trabalhar no mercado imobiliário de Los Angeles. A empresa ajuda o investidor a ludibriar o IR e ele vira a estrela do pedaço. Cocainômano, a droga pode fazer acabar a competência dele: na profissão e no casamento. A dupla Woods/Sean se enamorou nas filmagens. O romance real deles, tempestuoso, talvez desse um roteiro melhor que o do filme, na verdade uma reinterpretação novelesca do antialcoólico *Farrapo Humano* (1945), de Billy Wilder. *D.G.*

**X, Y e Z ★★**
*(X, Y and Zee, Inglaterra, 1972) Direção: Brian G. Hutton. Com Elizabeth Taylor, Michael Caine, Susannah York, Margareth Leighton, John Standing.* LK-Tel/Columbia.
Casal inglês entra em processo de crise autodestrutiva. O marido arranja uma amante e a esposa faz de tudo para mantê-lo perto de si — até mesmo seduzir a outra por saber de seu passado lésbico! Drama inacreditável de diretor mediano, que já nos ofereceu títulos curiosos, como *Os Guerreiros Pilantras* e *Na Rota do Oriente*. É sempre interessante ver Elizabeth Taylor no papel de uma madame louca por salvar seu casamento (como em *Gata em Teto de Zinco Quente*, de Richard Brooks). Mas este filme marcado por um estilo musical e estético típico do começo dos anos 70, hoje considerado no mínimo brega, não se contenta com pouco. Leva o conflito do triângulo amoroso a extremos constrangedores, como a cena da sedução entre as mulheres, de muito mau gosto. Não consegue nem ser engraçado como um exemplar da cultura *camp*. É apenas enfadonho. *Ch.P.*

**MANIKA, A MENINA QUE NASCEU DUAS VEZES ★★★**
*(Manika, França, 1989) Direção: François Villiers. Com Julian Sands, Stéphane Audran, Ayesha Dharker, Suresh Uberoi.* Alvorada.
Não é difícil cair na trivialidade sobrenatural, quando o tema reencarnação é servido como prato principal. Essa incursão espiritual escapa dessa viciosa armadilha, traçando a trajetória da pequena Manika (Ayesha Dharker), atormentada por sua alma reencarnada e seu seguidor (o padre Daniel — Julian Sands, de *Warlock*), pelo interior da Índia até o Nepal, em busca de evidências que comprovem o tal fenômeno. Simples como a vida de seus personagens, o filme do francês Villiers tem seu maior mérito na clara e despretenciosa exposição do questionamento religioso. Longe de veicular uma verdade, *Manika* clareia seus mistérios com o soberbo desempenho de Stéphane Audran, como uma alma completa a caminho do nirvana.
*Wagner Almeida Silva*

**O INÍCIO DO FIM ★★★**
*(Fat Man and Little Boy, EUA, 1989) Direção: Roland Joffé. Com Paul Newman, Dwight Schultz, Bonnie Bedelia, John Cusack, Laura Dern.* CIC.
O assunto deste filme não poderia ser mais adequado para esses tempos de guerra: a criação das primeiras bombas atômicas, exatamente as mesmas que dizimaram Hiroshima e Nagasaki. A narrativa, densa e séria, mostra um grupo de cientistas americanos, entre os quais Oppenheimer (Dwight Schultz), comandado pelo inescrupuloso general Groves (Newman, brilhante), na tarefa de construir a primeira bomba nuclear, em 1942, em plena Guerra Mundial (na verdade seria uma resposta à Alemanha, que supostamente já teria inventado a sua). Além de mostrar passo a passo a construção do "aparelho" e suas terríveis conseqüências mesmo antes do primeiro teste, o filme de Joffé *(A Missão)* discute questões como ética e moral, poder, responsabilidade, amor e vida. *M.A.G.*

**MEU PAI — UMA LIÇÃO DE VIDA ★★**
*(Dad, EUA, 1989) Direção: Gary David Goldberg. Com Jack Lemmon, Ted Danson, Olympia Dukakis, Kathy Baker, Ethan Hawke.* CIC.

Jorge Cysne

## VIDEOTECA
## O QUE EU NÃO VEJO

**Jussara Freire, 43, a Filó da novela *Pantanal*, da Rede Manchete.**

**"O que não vejo em hipótese alguma e jamais pegaria numa locadora são filmes na linha de *Sexta-feira 13* (CIC Vídeo) e de violência explícita. Adoro comédias inteligentes, como *Antes Só do que Mal Acompanhado* (CIC Vídeo), com Steve Martin e John Candy. É ótima! Estou esperando o lançamento em vídeo de *Garbo Talks*, de Sidney Lumet, filme que me marcou muito."**

A famigerada fórmula do drama familiar (no caso centrado em pais idosos) é uma faca de dois gumes. Pode tanto comover como até irritar ao transportar a sensibilidade para o meloso e/ou choroso. O fato de *Meu Pai* ser a estréia na direção de um produtor de *sitcoms* televisivas talvez explique o exagero melodramático que caracteriza o reencontro e a amizade que nasce entre um executivo obcecado pelo trabalho e seu pai de 75 anos, com saúde frágil. Ambos nunca se deram bem. O filme constrói bem seus personagens, mas beira a claustrofobia ao resolver os impasses sentimentais sempre à beira de um leito hospitalar. Essa abordagem edificante quase destrói as interpretações impecáveis de Lemmon e Dukakis, escondidos sob uma maquiagem pesada e caricata. Só para quem tem peso na consciência. *Ch.P.*

## À SOMBRA DO VULCÃO ★★★★

*(Under the Volcano, EUA, 1984) Direção: John Huston. Com Albert Finney, Jacqueline Bisset e Anthony Andrews.* Abril Vídeo.

John Huston não hesita em usar literatura em seus roteiros, tanto que até cometeu uma temerária incursão pela própria Bíblia, sem falar nas ótimas adaptações de *O Falcão Maltês*, do melhor romance de Dashiell Hammett, e *Os Vivos e os Mortos*, de um conto de James Joyce.

No caso do livro de Malcolm Lowry, um dos mais belos e dilacerados romances contemporâneos de língua inglesa, Huston apenas fez o que pôde. *Under the Volcano* é uma daquelas obras inadaptáveis (muitos roteiristas haviam tentado), mas Huston persistiu na idéia de transpô-la para o cinema desde a sua publicação em 1947. Foi um roteirista iniciante que resolveu a parada: enxugou todos os flash-backs, os fluxos de consciência (e também os de semiconsciência), as múltiplas referências e simbolismos e baseou o roteiro nos fatos, nus e crus. O resultado não poderia deixar de ser algo aquém do romance, mas ainda assim, dramático e belo.

O ex-cônsul da Inglaterra em Cuernavaca, México, Geoffrey Firmin (Finney), é um homem perseguido por um crime de guerra, magoado e abandonado por uma mulher adúltera — que teve um caso com seu meio-irmão — e encharcado de álcool. No Dia dos Mortos de 1938, que no México é festejado como se não fosse um dia de luto, tem um encontro marcado com todos os seus fantasmas — presentes, passados e futuros. A mulher volta de repente, sem saber que o irmão e ex-amante está visitando Firmin.

Reduzido a esse esqueleto, o filme precisou contar com a interpretação dos atores — e Finney está simplesmente soberbo — e a habilidade de Huston em recriar o clima que Lowry trabalha com uma linguagem rigorosa. Se há algum fracasso, não é por falta de paixão pelo livro; afinal, ele esperou quase 40 anos para realizá-lo. Ainda assim, parte do drama de Firmin, o do homem que, à beira do abismo, não pode viver sem amar — e o abandono da mulher e o álcool já destruíram sua capacidade de amor —, transparece em toda a sua crueza. *Bia Abramo*

Abril Vídeo

**Diplomática, Jacqueline é elegante e quente: under the cunhado**

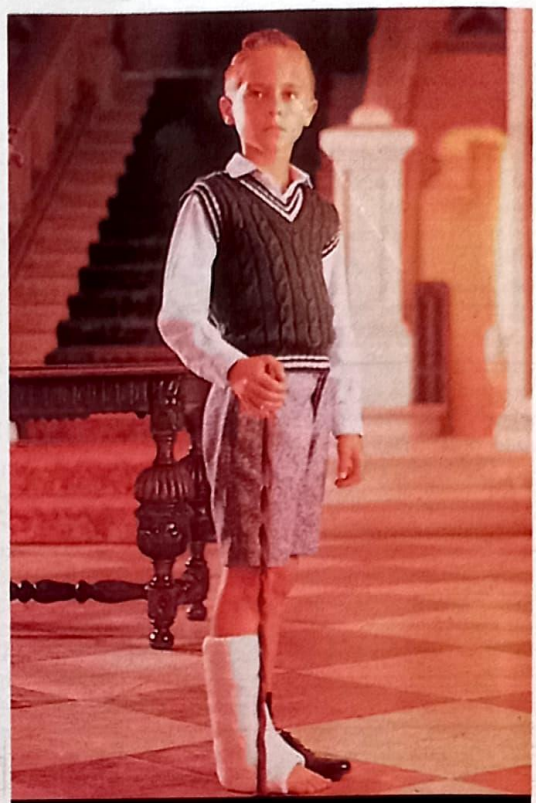
# VIDEOLANÇAMENTOS

## AVENTURA

**INFERNO NA TORRE ★★**
*(The Towering Inferno, EUA, 1974) Direção: John Guillermin/ Irwin Allen. Com Steve McQueen, Paul Newman, Fred Astaire, William Holden, Faye Dunaway, Richard Chamberlain.* Warner.
*Disaster movie* na linha de *Terremoto, Aeroporto* e *O Destino do Poseidon, Inferno na Torre* só serve mesmo para chamuscar a imagem de um supertime de astros hollywoodianos. No alto de um arranha-céu, o pânico espalha-se por diversos grupos durante um incêndio de proporções catastróficas. Rascunho de roteiro sustentado por imagens de impacto e mortes espetaculares. Oscar de Melhor Fotografia (Fred Koenekamp e Joseph Biroc), Melhor Montagem (Harold F. Kress) e Melhor Canção ("We May Never Love Like This Again", de Al Kasha e Joel Hirschhorn). Coube a Irwin Allen dirigir as seqüências de ação. *R.C.*

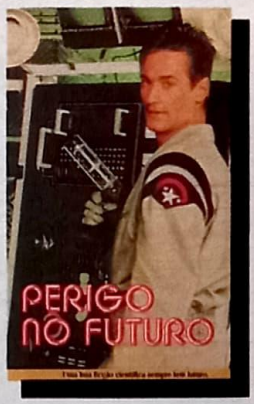
**EU SOU O SENHOR DO CASTELO ★★★★**
*(Je Suis le Seigneur du Château, França, 1989) Direção: Régis Wargnier. Com Jean Rochefort, Dominique Blanc, Régis Arpin, David Behar.* Sagres.
Baseado no livro da escritora americana Susan Hill, *Eu Sou o Senhor do Castelo* conta a história de um pacto de sangue celebrado por duas crianças na defesa da afeição de suas famílias. A mãe de Thomas morre e seu pai contrata uma governanta para cuidar do castelo onde vivem. Madame Vernet tem um filho com a mesma idade de Thomas, Charlie. Enquanto seus pais se apaixonam, as crianças resolvem disputar a coroa do reinado sobre o castelo e o amor dos pais. Digladiam-se com o requinte da crueldade dos adultos, mas sem a censura à qual a "moral" acostuma. Dirigido pelo francês Régis Wargnier, ganhador do César em 1987 com *A Mulher de Minha Vida*, o filme tem belíssima fotografia. A interpretação das crianças surpreende, dando profundidade à disputa. Dominique Blanc está deslumbrante como a discreta governanta. A cena em que dança com seu filho num bar em ritmo alucinante, ao som de Prokofiev, é antológica. Bom cinema francês. *F.G.*

**TEXAS ★★**
*(Gone to Texas, EUA, 1986) Direção: Peter Levin. Com Sam Elliot, Ned Romero, Bo Hopkins, Michael Beck.* Panamerican.
Série filmada para TV, é o "Independência ou Morte" do estado americano do Texas, com direito a um D. Pedro I interpretado por Sam Elliot com costeletas e farta cabeleira. Tem índios, cowboys, congressistas e o libertador Sam Houston (Beck), amalucado revolucionário que leva o povo texano a batalhar por sua independência do México e criação do estado republicano. O filme usa um recurso narrativo original, começa bem, mas vai se arrastando da metade para o fim. (Tem até as pausas para a corridinha à geladeira.) Baseado em fatos documentados, ilustra adequadamente as lutas pela formação do Texas, mas provoca bocejos. *F.G.*


Pandora

Crianças cruéis digladiam-se no exemplar *Eu Sou o Senhor...*

## FICÇÃO




**OS DOIS MUNDOS DE CHARLY ★★**
*(Charly, EUA, 1968) Direção: Ralph Nelson. Com Cliff Robertson, Claire Bloom, Lilia Skala, Leo Janney.* Top Tape.
Baseado na *short-story* de grande sucesso nos anos 60, "Flowers for Algernon", *Os Dois Mundos de Charly* é um filme extremamente datado, cheio de recortes demodês que conta a insólita história da amizade entre um homem e um rato. Algernon, o rato, é cobaia de uma experiência de cirurgia cerebral que o tornou muito inteligente. O homem é o simplório Charly (Robertson), que o super-rato vence regularmente nos testes de QI. Um dia, a bela professora de Charly (Claire Bloom) o convence a tentar a mesma cirurgia e ser a primeira cobaia humana. Resultado: Charly vira um gênio. Só que seu amigo-inimigo, Algernon, começa a dar sinais de que sua transformação é temporária e que ele voltará a ser um ratinho branco qualquer. Nesta fraca fantasia, ganha destaque o romance trepidante da professora com seu aluno e o drama humano de Charly (Robertson recebeu um Oscar) entre a lucidez e o retorno às trevas da mente. *I.R.S.*

**PERIGO NO FUTURO ★**
*(Out of Time, EUA, 1988) Direção: Bob Butler. Com Bruce Abbott, Bill Maher, Adam Ant.* Vídeo Arte.
Produzida para a televisão, esta ficção transfere através de uma máquina do tempo o oficial Taylor (Bruce Abbott) e sua caça, o criminoso Markus (Adam Ant), da cidade de Los Angeles do ano de 2088 para 1988. Tudo para evitar que um antídoto, que salva vidas humanas, caia nas mãos do inescrupuloso Markus. A pobre produção não justifica a falta de idéias deste pega-pega fora de órbita. *W.A.S.*

João Santos

***VIDEOTECA***

## O QUE EU NÃO IRONIZO

José Simão, 46, jornalista, assina uma coluna diária no jornal *Folha de S. Paulo*, sobre televisão.

**"De cara, *Matador*, de Pedro Almodóvar (Pégasus Vídeo). Fiquei estarrecido. O filme é uma reflexão sobre o gozo e a morte, uma coisa tão forte que não dá nem para pensar, quanto mais para brincar."**

# POLICIAL

## UM DIA DE CÃO ★★★★

*(Dog Day Afternoon, EUA, 1975) Direção: Sidney Lumet. Com Al Pacino, John Cazale, Chris Sarandon, Charles Durning.* Warner.

*Dog Days* são, na gíria inglesa e americana, os dias mais quentes do ano, em julho e agosto. É num dia desses que dois desastrados assaltantes (Pacino e Cazale) tentam roubar um banco no Brooklyn. O dinheiro do assalto seria usado numa operação de mudança de sexo do namorado homossexual (Chris Sarandon) do personagem de Al Pacino. Mas as coisas não saem de acordo com o esperado, e o banco é cercado pela polícia. E é aí que começa o verdadeiro show. Cazale entra em pânico, Pacino espuma de raiva, enquanto o quarteirão é abarrotado de curiosos, repórteres de TV e policiais. Para as negociações evoluírem, são chamados à cena o namorado que quer virar mulher e a mulher verdadeira do assaltante, uma bruaca cafona e obesa. A atmosfera de mundo cão vai se tornando cada vez mais tensa. *José Geraldo Couto*

Warner

Dirigido por Lumet, Pacino vive *Um Dia de Cão* para mudar o sexo do namorado e se livrar da esposa

## HOMEM SEM SAÍDA ★★

*(Dead and Brattigan, EUA, 1990) Direção: Gus Trikonis. Com Bruce Greenwood, Jessica Steen, Gregg Henry, Donald Moffat.* Vídeo Arte.

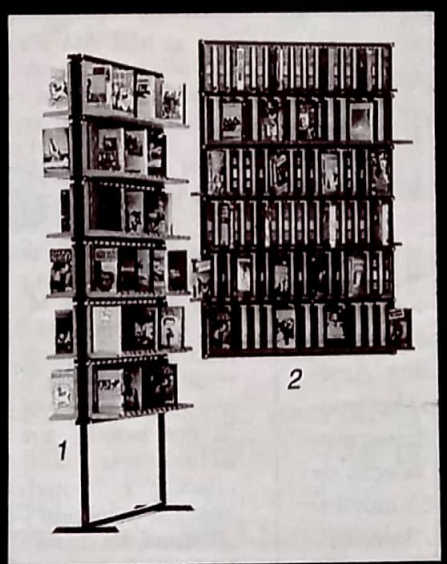
Piloto de telessérie que coloca um jornalista, Earl Brattigan (Greenwood), como uma espécie de McGyver *(Profissão Perigo)*. Enquanto este cria soluções mirabolantes, Brattigan conta com sua lábia. Ele vence um processo contra o jornal que o demitira e é recontratado. Acaba, porém, no arquivo morto. Mexendo em matérias passadas, lê sobre a morte de um visionário, suspeita de que há muito mais escondido nas entrelinhas e decide investigar. É um policial com tonalidades cômicas que assume a total inverossimilhança. Talvez por isso seja difícil para o espectador se entregar à aventura sem reservas. Diverte, mas não convence. *Ch.P.*


VÍDEO LOCADORA, UM NEGÓCIO SIMPLES E LUCRATIVO!!!
A TZ TEM TUDO PARA VOCÊ MONTAR, EQUIPAR OU MODIFICAR SUA VÍDEO LOCADORA.

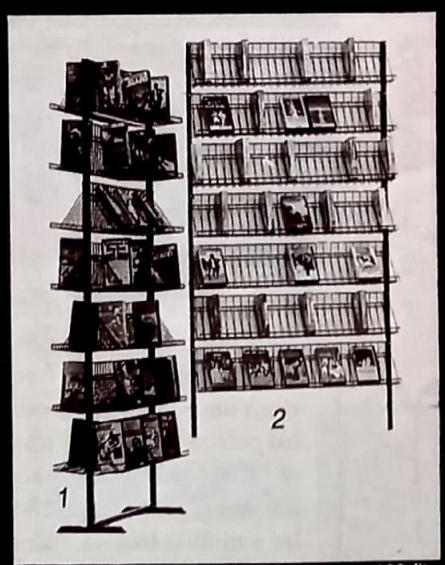
Atendimento de 2ª a sábado, das 8 às 19 horas.

— Estojos para fitas (vários modelos)
- Ficha de cadastro de clientes com contrato de locação
- Protetor para ficha de cadastro
- Bloco de comanda (recibo de entrega)
- Etiqueta protetora de Selo do Concine
- Fichas "T" Sinopse
- Protetor para Ficha "T"
- Chapeiras (Fichário)
- Controle de saída de filmes
- Etiquetas diversas
- Carteirinha de sócio (com protetor plástico)
- Sacolas

E muito mais...
Para maiores informações, enviamos via correio mostruário e relação completa de acessórios




1 Expositor ondular central para 180 fitas
2 Expositor ondular de parede para 90 fitas

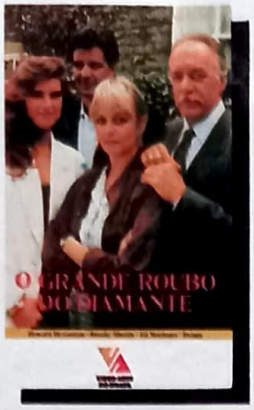



1 Expostior aramado central para 364 ou 182 fitas
2 Expositor aramado de parede para 182 ou 56 fitas

TZ®

Rua dos Buritis, 436 — São Paulo — CEP 04321
ESTAÇÃO JABAQUARA DO METRÔ
Tel.: (011) 578-7277

(Não temos representantes).
Faça seu pedido por telefone ou pessoalmente.
Despachamos para todo o Brasil
mediante ordem de pagamento.

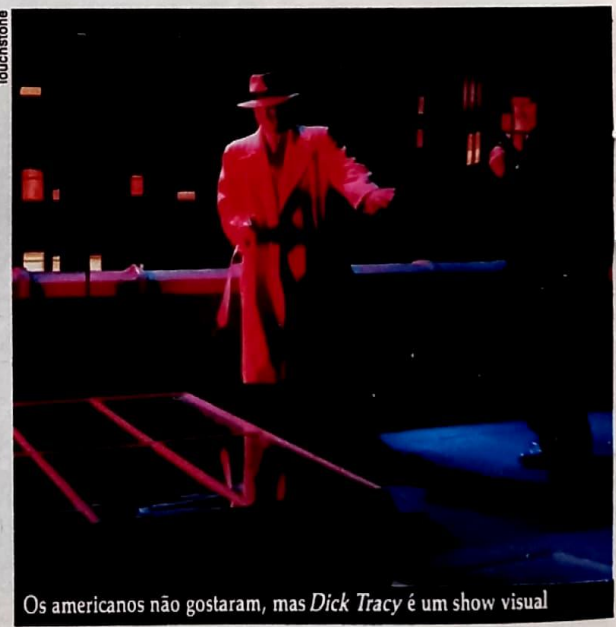



**O GRANDE ROUBO DO DIAMANTE** ★★★
*(The Diamond Trap, EUA/Inglaterra, 1988) Direção: Don Taylor. Com Howard Hesseman, Brooke Shields, Darren McGavin, Twiggy.* Vídeo Arte.
Policial cômico bem realizado, para a TV, pelo diretor de *Fuga do Planeta dos Macacos*. Detetive veterano de Nova York falha pela primeira vez ao não evitar um roubo de 12 milhões e meio de dólares em diamantes. Ao seguir o rastro das pedras, chega a Londres, onde contará com a ajuda da Scotland Yard. A trama é pouco complexa, mas a simpatia de Hesseman e a de Twiggy (como uma improvável agente britânica) asseguram um passatempo saudavelmente inconseqüente. Até mesmo Brooke Shields não compromete. *Ch.P.*

**INVESTIGAÇÃO SOBRE UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA** ★★★★
*(Indagine su un Cittadino al di Sopra di Ogni Sospetto, Itália, 1970) Direção: Elio Petri. Com Gian Maria Volonté, Florinda Bolkan, Sergio Tramonti.* LK-Tel/Columbia.
O que acontece quando um inspetor-chefe de Roma (Volanté), recém-promovido ao setor de Inteligência Política, assassina brutalmente sua amante Augusta (Florinda Bolkan), e além de deixar todas as provas que o incriminam no local, desafia a todos, "testando" sua inviolabilidade perante a lei? Quem se atreverá a "reprimir o repressor"? Além do mais, na investigação chefiada por ele próprio, tenta culpar um jovem militante de esquerda (Tramonti), também amante de Augusta. A resposta está nessa obra-prima kafkiana de Elio Petri (1929-1982), um dos mais produtivos mestres do cinema engajado italiano, num filme em que casa com perfeição o suspense policial (gênero no qual debutou) com o filme político, que o celebrizou na década de 70. Ex-militante do PCI (cujos quadros ele abandonou em 56, após a invasão soviética da Hungria), crítico do *L'Unitá* e roteirista, Petri já incursionou (com bom humor) pelas barulhentas lutas sindicais (em *A Classe Operária Vai ao Paraíso*, em 1975) e pelos rituais do poder eclesiástico em *Juízo Final* (1975), entre outras obras de impacto ideológico (*Condenado pela Máfia* 1966; *Buone Notizie*, 1980).
Laureado com o Prêmio Especial do Júri em Cannes e com o Oscar, *Investigação...* é a 23.ª maior bilheteria de filmes estrangeiros nos EUA. Alegórico e com um humor crescentemente surreal, Petri (através de um protagonista pateticamente paranóico, repleto de tiques doentios, que teme perder a virilidade sexual e política) desenha com perfeição o itinerário orwelliano delirante de uma opressão que se extrapola cada vez mais, suspendendo as próprias normas que cria. O simplismo de alguns trechos do roteiro é compensado pelo inteligente, irônico e rebuscado clima de denúncia, destacando-se a música de Ennio Morricone e a performance bizarra de Volonté, esse modelo de ator de tendência "gauche" (*O Caso Mattei*, 1971; *Giordano Bruno*, 1973; *Sacco e Vanzetti*, 1971), encarnando o tira fascista que põe à prova os limites da lei de quem tem o poder. *Antonio Querino Neto*

LK-Tel/Columbia
Volonté encarna um tira fascista na obra-prima kafkiana de Petri

**DICK TRACY** ★★★
*(EUA, 1989) Direção: Warren Beatty. Com Warren Beatty, Madonna, Al Pacino, Dustin Hoffman.* Abril Vídeo.
Ambiciosa transposição para as telas de um dos personagens de quadrinhos mais cultuados dos últimos sessenta anos. Aqui, o herói (Beatty) defronta com seu arquiinimigo Big Boy Caprice (Pacino, numa caracterização impagável) e acaba caindo numa cilada e sendo preso como assassino. Mas o que importa mesmo é a exuberante composição visual do filme, com uma cenografia e uma fotografia que buscam, através da insistência nas cores primárias e "chapadas", expressar o universo bidimensional dos *comics*. Outro trunfo do filme é a utilização de astros nos papéis de vilões, todos eles tornados parecidos com os personagens de Chester Gould graças a uma maquiagem primorosa. De brinde, uma atuação surpreendente de Madonna na pele da cantora *vamp* Breathless Mahoney. Os europeus adoraram, mas os americanos nem tanto, pois esperavam o que o filme não queria dar: uma trama bem desenvolvida e verossimilhança. É mais ou menos como pedir pêras ao carvalho. *J.G.C.*


Touchstone
Os americanos não gostaram, mas *Dick Tracy* é um show visual

***VIDEOTECA***

## O QUE EU APLAUDO

Ney Latorraca, 46, ator de cinema, teatro e televisão.

**"Tenho em casa e já assisti mais de vinte vezes *Bagdad Café*, de Percy Adlon (América Vídeo). Vi-o numa exibição para poucas pessoas, no Rio, antes que virasse moda. Acho maravilhosa aquela seleção de pessoas no deserto, a solidão, o amor entre a mulher branca e a negra. Também, como descendente de espanhóis, adoro os filmes de Pedro Almodóvar."**

# CAPTE ESSA EMOÇÃO.

PROGRAMMING SHEET

## NV-J38BR

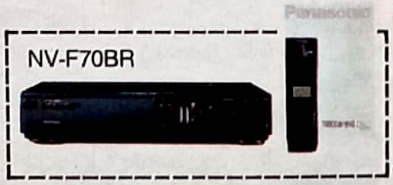
***QUADRO-A-QUADRO, O VÍDEO PANASONIC J-38BR COM 4 SUPER-CABEÇAS NÃO DEIXA VOCÊ PERDER UM MOVIMENTO.***

Com o original 4 cabeças Panasonic, você obtém clareza, cor e detalhes inigualáveis, mesmo quando o espetáculo é emocionante e tem movimentos rápidos. Até quando você usa slow e still.

Seu conforto é ainda maior, graças ao famoso Controle Remoto/Digital Scanner-LCD Panasonic, que utiliza leitura em código de barras para você operar e programar seu vídeo sem sair da poltrona.

Para copiar o que você gravou, é só conectar a câmera diretamente no J-38 Panasonic J-38BR com 4 cabeças. Para quem não quer perder um passo.

* E você ainda pode assistir fitas gravadas em Pal-Europeu.




À venda na Zona Franca de Manaus.

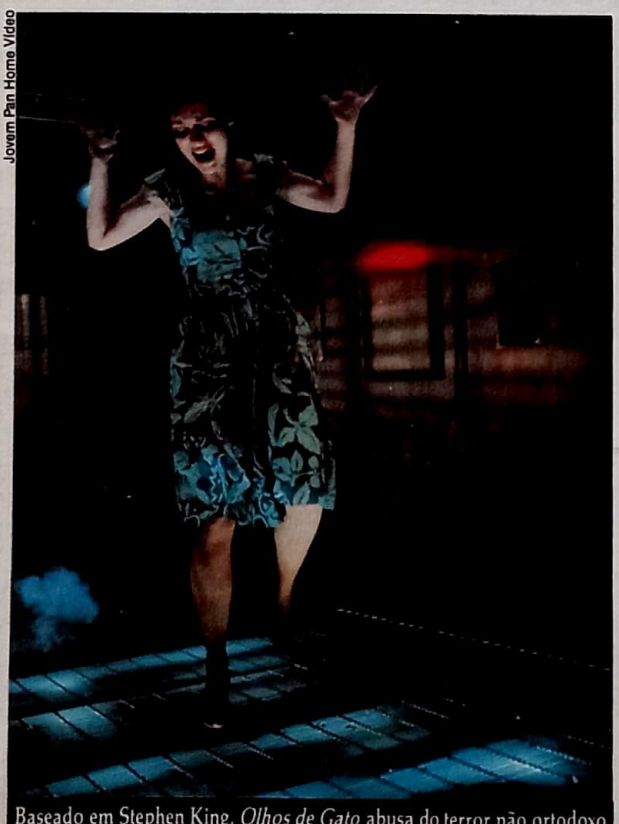
**Panasonic**

# VIDEOLANÇAMENTOS

## TERROR

**OLHOS DE GATO** ★★★
*(Cat's Eye, EUA, 1985) Direção: Lewis Teague. Com James Woods, Robert Hays, Kenneth McMillan.* Jovem Pan Home Vídeo.
O protagonista destes três magníficos contos de terror é um gato — um felino realmente. No primeiro, James Woods, num papel engraçadíssimo, é vítima de uma organização que "ajuda" pessoas a largarem o hábito de fumar através de métodos pouco ortodoxos, como seqüestrar parentes e torturá-los. Isso acontece ao pobre Woods. O gatinho é uma cobaia que escapa do laboratório para o segundo episódio, onde um tenista em fim de carreira é castigado pelo velho marido de sua amante. O rapaz é obrigado a andar no estreito parapeito de um alto prédio com obstáculos e ventos fortes. O gato é um espectador acidental que foge para o terceiro segmento: a casa de uma menininha que quer ficar com ele. Os pais pensam que o gato trucidou o passarinho da criança, mas na verdade a culpa é de um monstrengo que ronda o quarto da garota. O duelo final é inevitável. *W.S.*

**CRIATURAS** ★★★
*(Critters, EUA, 1986) Direção: Stephen Herek. Com Dee Wallace Stone, M. Emmet Walsh, Don Opper, Scott Grimes.* LK-Tel/Columbia.
Pequeno cult da produção "B" do horror moderno. Já a partir da sinopse é fácil perceber quais as suas influências mais imediatas. São oito pequenas criaturas carnívoras e destruidoras que acabam no interior do Kansas após uma alucinada fuga espacial em que são perseguidas por três justiceiros mutáveis. Estes chegam ao nosso planeta na forma de um astro pop, de uma coelhinha da *Playboy* e de um *nerd*. O filme demonstra grande criatividade ao ser uma diversão de primeira, mesmo copiando descaradamente a fórmula de *Gremlins*. É um "terrir" pouco agressivo, mesmo que devastador, numa história que remete aos quadrinhos e ao lixo da cultura de massa. Irresistivelmente supérfluo e esperto. *Ch.P.*


Jovem Pan Home Video

Baseado em Stephen King, *Olhos de Gato* abusa do terror não ortodoxo

## NACIONAL

**JECA E SEU FILHO PRETO** ★★★
*(Brasil, 1976) Direção: Pio Zamuner e Berilo Faccio. Com Mazzaropi, Geny Prado, Yara Lins.* Reserva.
Tímido, desajeitado e simplório, o Jeca encarnado pelo paulista Mazzaropi não tem paralelos (em termos de bilheteria e popularidade) no cinema nacional. Rodado na cidade interiorana de São Luís do Paraitinga, traz o caipira em grande forma como o pai de rapaz misteriosamente negro, que namora a filha de um rico fazendeiro. Nesta época em que a moda caipira virou *in*, sua ingenuidade sentimental traz saudades. *A.Q.N.*

**LUZIA HOMEM** ★★
*(Brasil, 1987) Direção: Fábio Barreto. Com Cláudia Ohana, Thales Pan Chacon.* Sagres.
Bem montado, fotografado e musicado (por Ednardo), o filme acaba pecando pelo roteiro fraco que narra a vida da enfezada e rebelde Luzia. Após ter os pais assassinados por jagunços, a "macha" heroína vai trabalhar na fazenda Campo-Real e entra em confronto com os donos, despertando o amor do proprietário mais jovem (Chacon). Num tom árido, Barreto também aborda questões como posseiros e igreja militante. *A.Q.N.*

## PARADA

Janeiro

| Os Mais Alugados | Os Mais Selados |
|---|---|
| 1 Além da Eternidade (CIC) | 1 O Mistério de Robin Hood (Globo Vídeo) |
| 2 Caçada ao Outubro Vermelho (CIC) | 2 Um Sonho de Verão (Globo Vídeo) |
| 3 Sociedade dos Poetas Mortos (Abril Vídeo) | 3 O Rei dos Kickboxers (Top Tape) |
| 4 Duro de Matar (Abril Vídeo) | 4 Grupo Especial do Carnaval 1991 (Globo Vídeo) |
| 5 O Tiro Que Não Saiu Pela Culatra (CIC) | 5 Chitãozinho e Xororó (Globo Vídeo) |
| 6 Joe Contra o Vulcão (Warner) | 6 Gremlins 2 (Warner) |
| 7 Harry e Sally — Feitos um para o Outro (Mundial) | 7 Justiça Cega (CIC) |
| 8 Marcados pelo Ódio (Warner) | 8 Perfume de Ciclone (Globo Vídeo) |
| 9 Acerto de Contas (LK-Tel/Columbia) | 9 Cadence - Compasso de Vida (Globo Vídeo) |
| 10 Quem Vê Cara Não Vê Coração (CIC) | 10 ...E o Vento Levou (Vídeo Arte) |

Fontes: Real Vídeo, 2001, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Mister Vídeo (DF); Scorpius Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR); Solução Vídeo, Cia do Vídeo (MG).

Fonte: Departamento de Planejamento e Coordenação da Secretaria da Cultura da Presidência da República.

## DOCUMENTÁRIO

**SATCHMO — LOUIS ARMSTRONG** ★★★
*(EUA, 1968) Direção: Gary Giddins e Kendrick Simmons.* Sony Music.
Ao longo dos 86 esfuziantes minutos desta fita (lançada no Brasil sem legendas) não há como não se render à verve, ao carisma e ao talento natural de Louis "Satchmo" Armstrong (1901-1971), tocando seu trompete magnífico, dançando, cantando soberbamente seu extremado grave ou sapateando, em imagens inéditas e cenas celebrizadas em filmes, desenhos animados e shows de TV. Louis ainda faz a unanimidade entre uma star dos anos 40 e 50 e uma star do cool jazz dos anos 80, Wynton Marsalis, o maior trompetista da nova geração. Em contrapartida, Miles Davis acusou Armstrong de ter se transformado numa versão do "white man's nigger" (negro de alma branca). Vê-lo como "embaixador do jazz" levando otimismo (encomendado pelo governo americano) ao mundo inteiro não deixa de ser sugestivo. Mas quem resiste à sua gargalhada em forma de blues?
*I.R.S.*

RUIM ★
REGULAR ★★
BOM ★★★
EXCELENTE ★★★★
OBRA-PRIMA ★★★★★

# É Proibido Fazer Silêncio.

## Chegou em vídeo "UM MÉDICO IRREVERENTE"

Se você também acha que rir é o melhor remédio, procure agora o vídeo UM MÉDICO IRREVERENTE. E pode se divertir à vontade com a história de um brilhante estudante de medicina que gosta de aprontar até nas aulas de anatomia. Com isso, ele consegue conquistar amigos, inimigos, amores - problemas e muitas gargalhadas!

**Este Médico vai dar muitos prêmios para você!**

### Assinaturas da Revista Boa Forma!

### Camisetas incríveis!

© Touchstone Pictures

Nº PROTOCOLO M.E.: 10168-000920 91-06

## Assista o filme, retire seu cupom e... boa sorte!

Não perca este filme de enorme sucesso, que conquistou o 1º lugar entre as comédias mais assistidas dos EUA. Com MATTHEW MODINE (de **De Caso com a Máfia** e **Nascido para Matar**) e DAPHNE ZUNIGA (**Tem um Louco Solto no Espaço**).

Guarde suas risadas para quando você assistir este vídeo super engraçado. Esta comédia não tem contra-indicações!

**Mas atenção! A promoção é válida somente até o dia 30/04/91**

REVISTA BOA FORMA

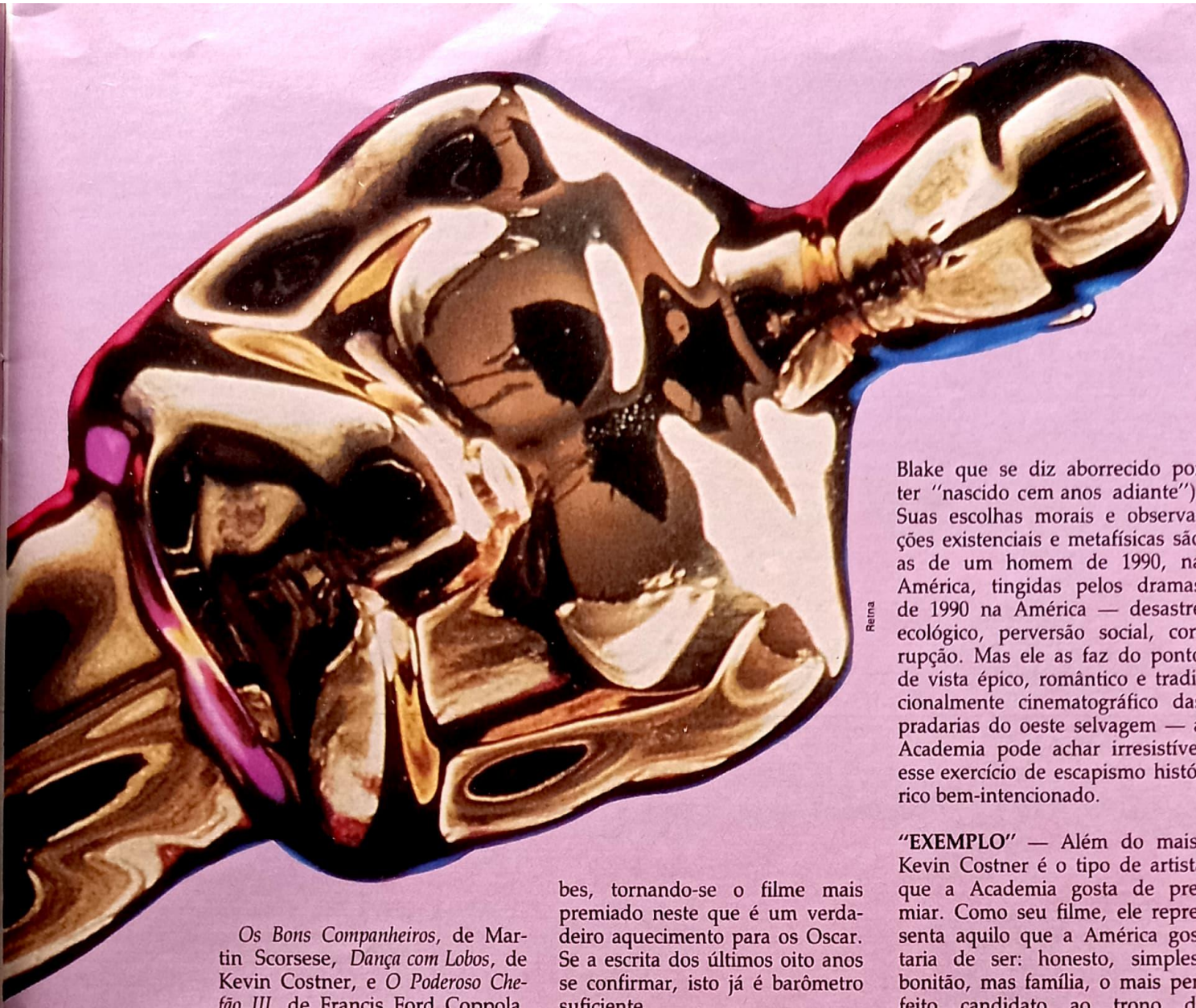
abril vídeo

TOUCHSTONE HOME VIDEO

SET CINEMA & VÍDEO

# VIL, MAS DEMOCRÁTICO

**O Oscar 91, totem de metal e de dinheiro, dissolve-se generoso em uma indústria cada vez mais pluralista, contemplando gêneros e espécies diferentes. Calma, pessoal, que tem pra todo mundo**



Retna

*Os Bons Companheiros*, de Martin Scorsese, *Dança com Lobos*, de Kevin Costner, e *O Poderoso Chefão III*, de Francis Ford Coppola, são os três filmes que disputam os principais Oscar deste ano.

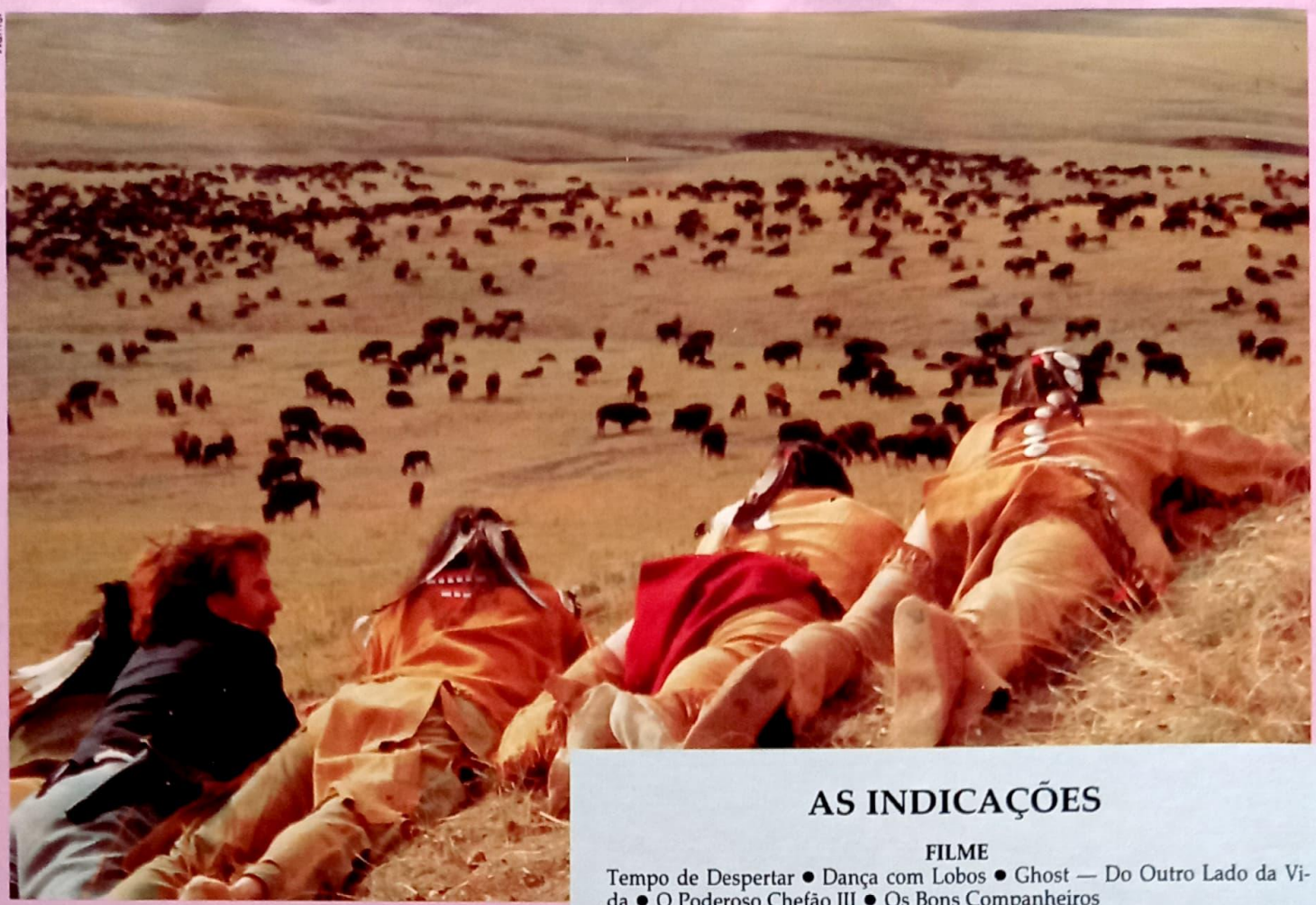
Dois destes três filmes são sobre a máfia. Significativamente, os três são olhares em profundidade, embora sob ângulos diferentes, sobre o próprio coração da experiência americana: individualismo, prosperidade, sucesso, violência. E, exemplarmente, os três são sucessos de bilheteria, confirmando um axioma que foi repetido por Linda Harris Mehr, diretora da biblioteca da própria Academia de Artes e Ciências Cinematográficas: "O cinema americano é essencialmente uma indústria. É aquilo que se sustenta que permanece em sua história".

Trata-se, portanto, de sobrevivência do mais forte, e o estreante Costner é, este ano, o mais apetrechado para o combate. Os indicadores, no seu caso, são claros: *Dances* recebeu três Golden Globes, tornando-se o filme mais premiado neste que é um verdadeiro aquecimento para os Oscar. Se a escrita dos últimos oito anos se confirmar, isto já é barômetro suficiente.

Mas há mais. *Dances* é o tipo de filme que a Academia gosta de distinguir. Especialmente num momento histórico tenso e doloroso como este, ele fala de valores morais absolutos de um modo lírico-populista, romântico, acessível, evocando aquilo que a América gostaria de ser — John Dunbar, o Homem Natural definido por Thoreau, e seus amigos Sioux, anjos pintados cavalgando sobre as pradarias sem fim de Dakota do Norte, uma América ideal, a um passo de sucumbir diante das tragédias de seu destino civilizado. O grande achado — ou, se quiserem, o grande defeito — do roteiro de Michael Blake (que recebeu um Golden Globe, e está entre as indicações para o Oscar) é que John Dunbar (vivido por Kevin Costner) tem uma mente do final do século XX, vivendo em meados do século XIX (como o próprio Blake que se diz aborrecido por ter "nascido cem anos adiante"). Suas escolhas morais e observações existenciais e metafísicas são as de um homem de 1990, na América, tingidas pelos dramas de 1990 na América — desastre ecológico, perversão social, corrupção. Mas ele as faz do ponto de vista épico, romântico e tradicionalmente cinematográfico das pradarias do oeste selvagem — a Academia pode achar irresistível esse exercício de escapismo histórico bem-intencionado.

**"EXEMPLO"** — Além do mais, Kevin Costner é o tipo de artista que a Academia gosta de premiar. Como seu filme, ele representa aquilo que a América gostaria de ser: honesto, simples, bonitão, mas família, o mais perfeito candidato ao trono de Jimmy Stewart como o Bom Homem Americano. Ele fez este filme com tanto auto-sacrifício (abriu mão do cachê de diretor!) e retidão moral que a Academia pode muito bem premiá-lo apenas para "servir de exemplo" para uma indústria que, em 1990, deitou e rolou na sopa de auto-indulgência, do estrelismo e dos orçamentos (milionários). É pouco provável que leve a láurea de melhor ator: as performances positivamente sangüíneas de Jeremy Irons (*Reversal of Fortune*) e Richard Harris (*The Field*) são, nesta ordem, os mais fortes candidatos, e a Academia tem sido consistente em não vincular o troféu dramático às láureas maiores de melhor filme e melhor diretor — onde, certamente, Costner tem mais chances que ninguém. A Academia também deve ter julgado arrebatadora a performance de Al Pa-

Warner



Columbia

Costner e seus índios de *Dança com Lobos*, acima. De Niro pode levar a estatueta de melhor ator por *Tempo de Despertar*, ao lado. E Whoopi (abaixo, com Demi) concorre como coadjuvante de *Ghost*

UIP

## AS INDICAÇÕES

**FILME**

Tempo de Despertar ● Dança com Lobos ● Ghost — Do Outro Lado da Vida ● O Poderoso Chefão III ● Os Bons Companheiros

**DIRETOR**

*Kevin Costner* (Dança com Lobos) ● *Francis Ford Coppola* (O Poderoso Chefão III) ● *Martin Scorsese* (Os Bons Companheiros) ● *Stephen Frears* (The Grifters) ● *Barbet Schroeder* (Reversal of Fortune)

**ATOR**

*Kevin Costner* (Dança com Lobos) ● *Robert De Niro* (Tempo de Despertar) ● *Gérard Depardieu* (Cyrano de Bergerac) ● *Richard Harris* (The Field) ● *Jeremy Irons* (Reversal of Fortune)

**ATRIZ**

*Kathy Bates* (Misery) ● *Anjelica Huston* (The Grifters) ● *Julia Roberts* (Uma Linda Mulher) ● *Meryl Streep* (Lembranças de Hollywood) ● *Joanne Woodward* (Mr. & Mrs. Bridge)

**ATOR COADJUVANTE**

*Bruce Davidson* (Meu Querido Companheiro) ● *Andy Garcia* (O Poderoso Chefão III) ● *Graham Greene* (Dança com Lobos) ● *Al Pacino* (Dick Tracy) ● *Joe Pesci* (Os Bons Companheiros)

**ATRIZ COADJUVANTE**

*Annette Bening* (The Grifters) ● *Lorraine Bracco* (Os Bons Companheiros) ● *Whoopi Goldberg* (Ghost — Do Outro Lado da Vida) ● *Diane Ladd* (Coração Selvagem) ● *Mary McDonnell* (Dança com Lobos)

**FILME ESTRANGEIRO**

Cyrano de Bergerac *(França)* ● Journey of Hope *(Suíça)* ● Ju Dou *(China)* ● Uma Cidade sem Passado *(Alemanha)* ● Open Doors *(Itália)*

**ROTEIRO ORIGINAL**

Alice *(Woody Allen)* ● Avalon *(Barry Levinson)* ● Ghost — Do Outro Lado da Vida *(Bruce Joel Rubin)* ● Green Card — Passaporte para o Amor *(Peter Weir)* ● Metropolitan *(Whit Stillman)*

**ROTEIRO ADAPTADO**

Tempo de Despertar *(Steven Zaillian)* ● Dança com Lobos *(Michael Blake)* ● Os Bons Companheiros *(Nicholas Pileggi e Martin Scorsese)* ● The Grifters *(Donald E. Westlake)* ● Reversal of Fortune *(Nicholas Kazan)*

cino em *Chefão III* — e resolveu indicá-lo como coadjuvante por seu vilão nojento de *Dick Tracy*.

*Os Bons Companheiros*, de Martin Scorsese, tem chances — e problemas — por motivos diametralmente opostos aos de *Danças with Wolves*. Scorsese propõe, aqui, uma descida sem tréguas e sem retoques ao âmago do inferno americano, onde sucesso pode ser definido de muitas maneiras escusas, e a violência é tão natural quanto respirar e comer hambúrguer. O fato de ser baseado numa história real torna *Companheiros* ainda mais vigoroso — e incômodo.

As premiações sucessivas pelas associações de críticos de Nova York e Los Angeles indicam que ao menos parte da *intelligentsia* fílmica americana prefere a cirurgia sem anestesia de Scorsese às metáforas paisagísticas de Costner, quando se trata de lancetar o tumor da corrompida alma americana. Mas a Academia não é a *intelligentsia* fílmica, e a naturalidade propositalmente amoral com que Scorsese trata a violência de seus personagens pode alienar boa parte de suas chances (foi isso que o prejudicou na hora dos Golden Globes, onde *Companheiros* tinha cinco nominações e não converteu nenhuma em prêmio).

Sendo um grande espetáculo cinematográfico, o filme de Scorsese teve fartura de indicações. A partir desse estágio, tudo depende do poder de sedução da Warner e da cabecinha mais ou menos congestionada dos senhores acadêmicos. *Companheiros* oferece chances aos candidatos coadjuvantes: Lorraine Bracco e Joe Pesci estão entre os favoritos. Whoopi Goldberg, que recebeu o Golden Globe por *Ghost;* Bruce Davidson, Golden Globe por *Meu Querido Companheiro;* e Andy Garcia por *Chefão III*, são outros favoritos nesta categoria, que tem também Diane Ladd, por *Coração Selvagem;* Graham Greene, por *Danças with Wolves;* e Mary McDonnell, também por *Danças*, com boas possibilidades.

**PIQUE** — Resta o fator Coppola. Poucos filmes provocaram, recentemente, a gama de paixões conflitantes despertadas por Francis Ford e seu *Chefão III*. Do desprezo total à admiração absoluta, passando por inveja, espanto, empolgação e decepção, o tercei-

**FOTOGRAFIA**
Avalon *(Allen Daviau)* ● Dança com Lobos *(Dean Semler)* ● Dick Tracy *(Vittorio Storaro)* ● O Poderoso Chefão III *(Gordon Willis)* ● Henry e June *(Philippe Rousselot)*

**MAQUIAGEM**
Cyrano de Bergerac *(Michèle Burke e Jean-Pierre Eychenne)* ● Dick Tracy *(John Caglione Jr. e Doug Drexler)* ● Edward Mãos de Tesoura *(Ve Neill e Stan Winston)*

**TRILHA SONORA**
Avalon *(Randy Newman)* ● Dança com Lobos *(John Barry)* ● Ghost — Do Outro Lado da Vida *(Maurice Jarre)* ● Havana *(Dave Grusin)* ● Esqueceram de Mim *(John Williams)*

**CANÇÃO**
*"Blaze of Glory"*, de Jovem Demais para Morrer *(Jon Bon Jovi)* ● *"I'm Checkin' Out"*, de Lembranças de Hollywood *(Shel Silverstein)* ● *"Promise Me You'll Remember"*, de O Poderoso Chefão III *(Carmine Coppola e John Bettis)* ● *"Somewhere in My Memory"*, de Esqueceram de Mim *(John Williams e Leslie Bricusse)* ● *"Sooner or Later (I Always Get My Man)"*, de Dick Tracy *(Stephen Sondheim)*

**DIREÇÃO DE ARTE**
Cyrano de Bergerac *(Ezio Frigerio e Jacques Rouxel)* ● Dança com Lobos *(Jeffrey Beecroft e Lisa Dean)* ● Dick Tracy *(Richard Sylbert e Rick Simpson)* ● O Poderoso Chefão III *(Dean Tavoularis e Gary Fettis)* ● Hamlet *(Dante Ferretti e Francesca Lo Schiavo)*

**FIGURINO**
Avalon *(Gloria Gresham)* ● Cyrano de Bergerac *(Franca Squarciapino)* ● Dança com Lobos *(Elsa Zamparelli)* ● Dick Tracy *(Milena Canonero)* ● Hamlet *(Maurizio Millenotti)*

**EDIÇÃO**
Dança com Lobos *(Neil Travis)* ● Ghost — Do Outro Lado da Vida *(Walter Murch)* ● O Poderoso Chefão III *(Barry Malkin, Lisa Fruchtman e Walter Murch)* ● Os Bons Companheiros *(Thelma Schoonmaker)* ● A Caçada ao Outubro Vermelho *(Dennis Virkler e John Whright)*

**SOM**
Dança com Lobos ● Dias de Trovão ● Dick Tracy ● A Caçada ao Outubro Vermelho ● O Vingador do Futuro

**EFEITOS DE SOM**
Linha Mortal ● A Caçada ao Outubro Vermelho ● O Vingador do Futuro

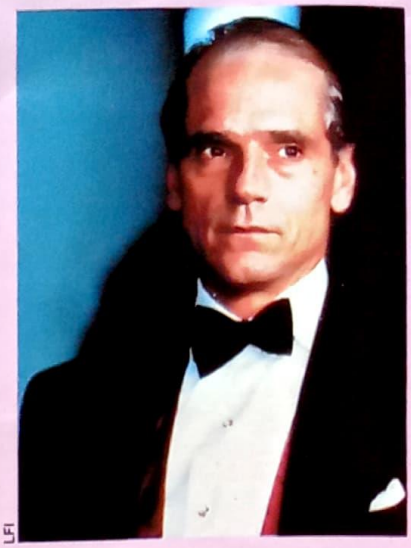
Stills

Warner

***O Poderoso Chefão III,*** **ao lado, e** ***Os Bons Companheiros,*** **abaixo, concorrem como melhor filme, ambos sobre a máfia.** ***Chefão*** **é o ponto de vista épico.** ***Bons Companheiros*** **fala de pés-de-chinelo**

ro ato da saga Corleone deu uma bela sacudida em Hollywood, e os efeitos deste terremoto já foram sentidos nos Golden Globes — onde o *Chefão* liderava as indicações (7) e não levou troféu algum. A questão, em essência, é até simples: uma obra-prima com grandes falhas ainda é uma obra-prima? Os desdobramentos são multidão: é possível resistir à gloriosa fotografia de Gordon Willis, à espetacular direção de arte de Milena Canonero e Dean Tavoularis, aos diálogos cortantes de Puzo e Coppola? É possível esquecer o vexame de Sofia Coppola, os destemperos de prazo e orçamento, a gênese dúbia do projeto (por encomenda de Frank Mancuso, presidente da Paramount) e a óbvia má vontade para com Coppola (percebido por muitos como alguém instável e auto-indulgente, que há muito passou de seu pique criativo mas recusa-se a enfrentar os fatos da vida)?

É possível, em suma, que Coppola, como sua criatura, Michael



LFI

Art Films

Bruce Davidson, de *Meu Querido Companheiro*, pode ser o azarão dos coadjuvantes, à esquerda

Warner

Warner

Jeremy Irons, por *Reversal of Fortune*, no alto, é páreo duro entre os atores. Joe Pesci, como o baixinho enfezado de *Os Bons Companheiros*, é peso-pesado na mesma categoria

Vittorio Storaro concorre pela fotografia, à esquerda. Sempre tem chances. Storaro é carne-de-vaca no Oscar

Columbia

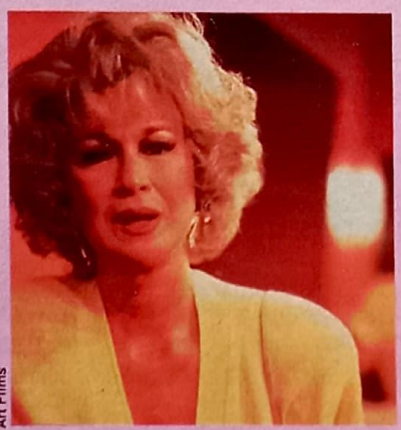
Depardieu, em *Cyrano de Bergerac*, leva um nariz de vantagem entre os melhores atores. Cuidado com o armário!

Corleone, seja perdoado por seus pecados à luz, digamos, dos 40 minutos finais de seu filme — algo tão arrebatadoramente perfeito que vale por vários atos de contrição?

Estes são os dilemas que envolvem *O Poderoso Chefão III* — dilemas tão dramáticos e operáticos quanto os dos próprios Corleone, o que não deixa de ser interessantíssimo.

Além desta trindade existem sempre os azarões, capazes de arrancadas surpreendentes, como *The Grifters*, que levou as indicações de melhor direção, melhor atriz e atriz coadjuvante e melhor roteiro adaptado. *Reversal of Fortune* tem pontos fortes em Jeremy Irons, no roteirista Nick Kazan, e no diretor Barbet Schroeder. Entre os filmes estrangeiros, *Cyrano de Bergerac*, o texto clássico francês, premiado com um Golden Globe e estrelado por Gérard Depardieu (o novo namoradinho da América), é o favorito para levar o tio Oscar.

*Ana Maria Bahiana, de Los Angeles*



Art Films

Warner

As coadjuvantes, Diane Ladd, a mãe sem-vergonha de *Coração Selvagem*, à esquerda, e Lorraine Bracco, a mulher de malandro de *Os Bons Companheiros*, à direita, competem duramente

LFI

Stills

Anjelica Huston à direita, como espertalhona em *Grifters*, e Kathy Bates, à esquerda, fã psicopata em *Misery*, correm cabeça a cabeça entre as atrizes

# FRANCIS FORD COPPOLA NA MONTANHA-R

**A carreira do diretor tem sido uma sucessão incrível de altos e baixos, mas seus excessos e fracassos são justificados pelo amor à experimentação**

Ansioso e feliz como um novo papai, Francis Ford Coppola entrou no restaurante dos estúdios Paramount exatamente como se estivesse num berçário, diante de seu rebento recém-nascido: perguntando a torto e a direito o que os convidados — jornalistas e representantes do estúdio — tinham achado de algo que, para ele, é quase tão caro e precioso quanto um filho: seu novo filme, *The Godfather Part III (O Poderoso Chefão III)*, que acabara de ser projetado, em sessão fechada de pré-estréia, na cabine da Paramount. E ao ouvir elogios, sem uma ponta de tédio ou de cinismo, ele esfregava as mãos: "Que bom, que bom. Custou muito, sabe? Foi um esforço tremendo".

São palavras até modestas para alguém que não precisa de elogios da imprensa e que fez um filme tão repleto de atribulações que, a certa altura, quase todos em Hollywood consideravam um caso encerrado — Coppola estava louco, *O Poderoso Chefão III* estava acabado.

Mas este é o modo como Coppola vê o cinema, faz cinema, vive o cinema: nem tanto como um ofício ou mesmo como uma arte, mas como a própria vida, algo essencial, sensual e às vezes doloroso, algo que tem mais a ver com comida, bebida, amigos, amores, paixões e provocações que com contratos, negociações e atitudes. Por isso ele corre tantos riscos, enfurece tanta gente, comete desvarios como escalar sua própria filha, uma desconhecida inexperiente, para um papel crucial como o de Mary Corleone; ou deixar o orçamento estourar em mais de 10 milhões de dólares; ou editar e reeditar tantas vezes, que o filme teve sua estréia reprogramada durante cinco meses (e, agora mesmo, Coppola sussura ao meu ouvido, depois de ouvir meus cumprimentos, que aquilo que acabamos de ver não é a obra final, que ele ainda vai fazer "alguns ajustes" para deixar o filme mais compreensível quando da estréia nos cinemas).

Porque não se trata de *business*, não se trata de arte, trata-se da sua vida, e da vida de sua família.

"Você sabe que, às vezes, eu prefiro cozinhar a fazer filmes", confessa Coppola, que tem um vinhedo, uma vinícola, e adora as artes culinárias. "Uma boa refeição eu faço em vinte minutos e todo mundo fica satisfeito. Um filme demora meses, às vezes anos, e todo mundo procura defeitos."

**SET** — *Durante muito tempo, você disse que estava satisfeito com os dois* Godfather *e não faria um terceiro. Como e por que você mudou de idéia?*

**FRANCIS FORD COPPOLA** — De fato eu estava satisfeito. Eu estava muito satisfeito com o primeiro, e tive de ser convencido a fazer o segundo. E, hoje, não me arrependo de tê-lo feito. Mas, depois do segundo, eu pensei: basta! Já contei toda a história! Fazer o quê, agora? Uma comédia? E não pensei mais nisso. Mas Mario Puzo continuou envolvido com o projeto, trabalhando em diferentes roteiros para diferentes produtores e diferentes diretores. E um dia ele me ligou e disse: Francis, por que você não faz o *Godfather?*

Por que você não dá uma olhada no meu script? E eu dei uma olhada e o diálogo de Mario é sempre extraordinário, mas a história não estava certa, não era a história de Michael Corleone e, para mim, a história dos filmes *Godfather* é a história de Michael. E o roteiro de Mario era sobre traficantes de drogas colombianos, um filme mais leve, de aventura, e eu disse que achava que as pessoas queriam ver um filme mais sério, que ele deveria focalizar a história em Al (Pacino). E ficou por isso mesmo até que um dia eu recebi um telefonema de Frank Mancuso (presidente da Paramount) e ele me perguntou a mesma coisa, já que eu tinha tantas idéias a respeito, por que eu não fazia o filme? E eu disse que não estava ainda convencido, mas que poderia fazer um esboço de uma história. E em duas semanas eu tinha um esboço e uma visão de que poderia ser um terceiro *Godfather*, e, neste momento, acho que todos percebemos que havia um filme a ser feito.

**SET** — *Que visão era essa?*

**COPPOLA** — Era uma visão mais próxima do *Rei Lear*, de Shakespeare, que de uma história sobre tráfico de drogas. Era uma história sobre negócios, sobre o alto mundo dos negócios, sobre a verdadeira máfia — a palavra, aí, definindo gente que, neste mundo, controla tudo e tem poder absoluto e não tem de dar satisfação de seus atos para ninguém. Eu pensava — não seria interessante se Michael Corleone batesse de frente com esse tipo de poder? Com a verdadeira máfia? Isso me deixou curioso.

**SET** — *E por que Michael Corleone?*

**COPPOLA** — De um certo modo,

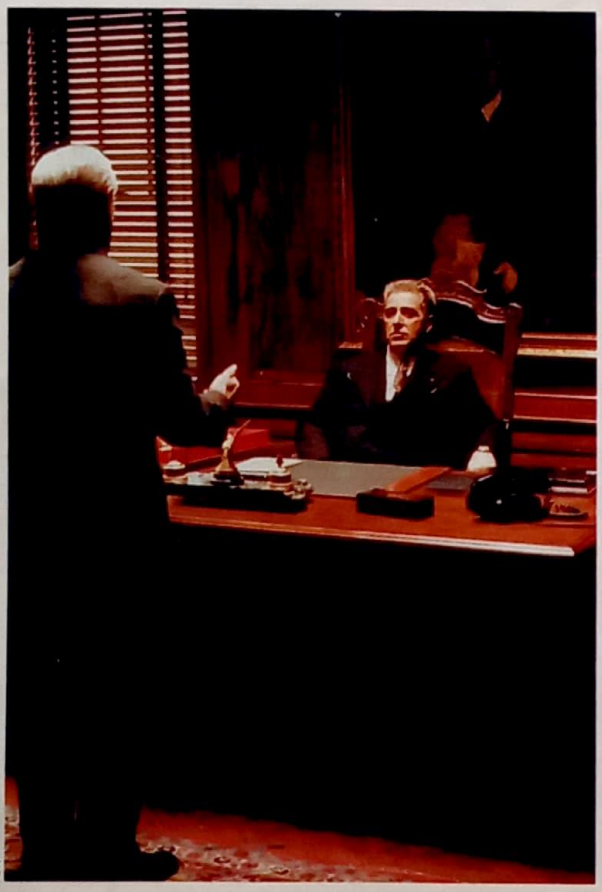
UIP

a história dos Corleone sempre foi, basicamente, a história de Michael. Desde o início eu achei que ele era o personagem mais interessante. Ele sempre foi um homem bom. Ele sempre foi a pessoa que, na família, queria ser legítimo. Ele foi um fuzileiro. Ele não queria entrar para os negócios da família e foi obrigado a isso num esforço para defender seu pai. Ao mesmo tempo, sempre ficou claro para mim que Michael tinha o talento para ser um assassino. Sempre houve algo, no arco da sua vida, algo de horrível e monstruoso, convivendo com essa índole boa, esse desejo de ser correto. E minha idéia era que, ao ficar mais velho, Michael desejasse mais e mais ser bom e correto e deixar algo legítimo para seus filhos. O fato de Michael ser católico, e dos católicos terem o ritual da confissão como uma possibilidade de redimir os pecados, era um elemento muito poderoso para mim. Basicamente, este terceiro capítulo da vida de Michael é sobre redenção, salvação, contrição.

**SET** — *Você mencionou* Rei Lear. *Esta paráfrase de Shakespeare não estaria presente também nos outros filmes da série* Godfather?

**COPPOLA** — Eu sempre abordei a história dos Corleone como a história de um grande rei que tinha três filhos, e cada filho tinha uma parte do seu palácio. O primeiro *Godfather* foi muito criticado porque muitas pessoas achavam que eu estava glorificando gangsters, mostrando pessoas que, na realidade, sabemos ser horríveis, criminosas, como pessoas simpáticas. Mas, para mim, sempre foi a história de um rei e seus filhos e os dons de cada um. Michael tem a inteligência, Sonny tem o temperamento violento, Fredo tem a doçura do rei. E, com uma história assim, que inspiração maior do que Shakespeare? Mesmo que não estejamos no mesmo nível, temos de olhar para Shakespeare como um guia. Eu vi Michael como um Rei Lear, e há traços de Lady Macbeth em Connie. E eu também posso traçar paralelos com a tragédia grega ou com óperas como *Rigoletto* — o papel de Mary, por exemplo, representando a pureza, tudo o que há de bom em Michael.

***"Eu vi Michael como Rei Lear, e há traços de Lady Macbeth em Connie. E eu também posso traçar paralelos com a tragédia grega ou com óperas como* Rigoletto *"***



UIP

**SET** — *Fazer um terceiro* Godfather *foi mais difícil que fazer qualquer outro filme? O fato de ser um dos filmes mais antecipados do ano exerceu uma pressão muito grande sobre você?*

**COPPOLA** — É difícil, é difícil você dar continuação a uma série de filmes que as pessoas vieram a gostar tanto... porque, no início, o primeiro *Godfather* não foi muito bem recebido... mas com o tempo... E já no segundo teve gente dizendo que não era tão bom quanto o primeiro... Sim, é assustador. Mas eu acredito que um filme tem uma vida própria, que é maior do que eu mesmo. Um filme pede para ser feito. Eu sempre tento fazê-los de modo que sejam o mais pessoais possível, mas ainda assim abertos à compreensão das pessoas, para divertir e emocionar as pessoas.

**SET** — *Qual a sua explicação para o duradouro poder do* Godfather *sobre as platéias?*

**COPPOLA** — Na América, um país sem reis e rainhas, os Corleone são a coisa mais parecida com uma família real... E, num certo sentido, a tragédia dos Corleone é a tragédia da América. Especialmente Michael: quando a Máfia chega à América, nos anos 20, 30, 40, temos muita energia, muito vigor, como a própria América tinha. Mas, no segundo *Godfather*, Michael vai-se tornando frio, distante, paranóico, suspeitando de conspirações, mandando assassinar pessoas, seu próprio irmão... Como a América de Nixon... Agora, temos Michael mais meditativo, em busca da verdade, como a América. A América está passando por um período difícil, em que o país precisa reavaliar seu modo de agir no mundo e partir para um equilíbrio maior, uma maturidade, a busca de uma atuação mais em conjunto com as outras nações do mundo, sem paranóia e sem arrogância.

**SET** — *Sua própria carreira vem sendo marcada por altos e baixos violentos, por momentos de intenso brilho e outros de excesso, até descontrole. Como você vê isso?*

**COPPOLA** — Meus únicos excessos eu cometi em filmes que eu mesmo financiei, do meu próprio bolso. Filmes como *Apocalipse, O Fundo do Coração*... eu pensava, é o meu dinheiro, isso é uma coisa que eu amo, que eu quero fazer, pro diabo com o dinheiro: eu sempre almejei ser um diretor profissional, e se minha carreira tem sido uma montanha-russa, acho que isso se deve em parte ao meu amor pela experimentação. Eu sempre quero fazer o que ainda não fiz, algo que eu possa experimentar, com que eu possa aprender mais sobre cinema. Às vezes, tenho sucesso. Às vezes, eu fracasso. Às vezes, eu quase tenho sucesso. A vida é assim.

*por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles*

EMOÇÃO: NAS ÁGUAS DO XINGU, DE CAIAQUE

MADAME CLISSON, PROFISSÃO: PIRATA

Revista

# NÁUTICA

Cr$ 600,00
Nº 30

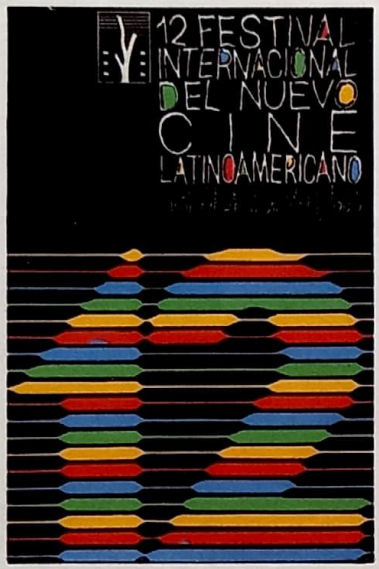
## ATOL DAS ROCAS
Uma reserva ameaçada, no meio do oceano

## YAMAHA x KAWASAKI
Comparativo mostra qual é o melhor jet

## TESTES
Cherokee 55, Pro Cat 13 e Kalmar 38

# NENHUM FESTIVAL É UMA ILHA

## O 12º Festival de Cinema Latino-americano de Havana não mostra nada de novo. Ao contrário, martela, com a foice, na mesma tecla



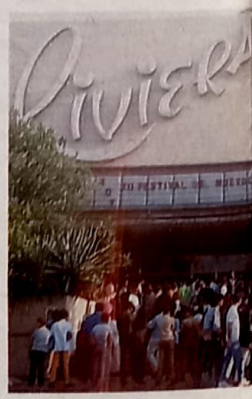

O horizonte perdido do socialismo mundial promoveu sua 12.ª versão do Festival do Novo Cinema Latino-americano em Havana, Cuba. Mais de 400 obras de cinema, televisão e vídeo e cerca de trinta países representados em mais de mil participantes estrangeiros não fizeram chover em Havana. O clima foi morno entre os dias 4 e 17 de dezembro do ano passado, piorado pelas nuvens ralas dos filmes panfletários que trafegavam mansamente no céu na forma de foices e martelos. O chefe dos jurados era também chefe da Revolução Nicaragüense, o comandante Tomás Borge.

O cinemão de Hollywood foi visto em Havana. O teatro Karl Marx exibiu, na abertura da Mostra de Filmes Internacionais, *...E o Vento Levou*, o maior filme de todos os tempos — dirigido por Victor Fleming, mas levado no cabresto curto pelo produtor David O. Selznick — além de *Inimigos, uma História de Amor*, a bela adaptação de Bashevis Singer dirigida por Paul Mazursky, e *Susan e os Baker Boys*. Também os franceses tiveram voz e vez com a Mostra Gaumont. O proto-punk de espionagem romântica *Nikita*, do moderno Luc Besson, provocou *frisson* entre os cubanos. Eles ficaram boquiabertos com uma cena de compras no supermercado, em que aparece uma câmara frigorífica repleta de frutas e verduras lustrosas do Primeiro Mundo. Um "ahh!" de espanto e incredulidade percorreu a platéia.

Sydney Pollack não teve tanta sorte com seu *Havana*, estrelado por Robert Redford. Quis ensinar o padre-nosso ao vigário ou a revolução a Fidel. *Havana* é uma história de amor à la *Casablanca*, que tenta mostrar como um americano, seduzido pelos eflúvios do amor, consegue ajudar Castro a consolidar a Revolução (!). A capital cubana no tempo do ditador Baptista foi toda reproduzida na República Dominicana, despojada de miseráveis e pobreza e cortada por ruas limpíssimas. A imprensa cubana, de Fidel, bem entendido, malhou.

**MIMOS** — Duas damas brilharam: a brasileira Ester Góes, atriz principal de *Stelinha*, muito conhecida em Cuba por causa da novela *Direito de Amar*, e a francesa Dominique Sanda, que se diz apaixonada pela América Latina (muito provavelmente porque levou ao festival dois filmes argentinos que estrelou, além de ter filmado um outro, ainda inédito, do diretor Fernando Solanas). Sanda foi atriz principal do filme mais polêmico exibido em Havana, *Eu, a Pior de Todas*, de Maria Luisa Bemberg (autora do mais projetado trailler da história do cinema, *Camila*). Foi a favorita de público e crítica, e como não beliscou nenhum prêmio principal, inventaram um Prêmio Especial do Júri para ela.

A *latinidad*, naturalmente, recebeu todos os mimos. Os chilenos despejaram ali toda a sua vasta



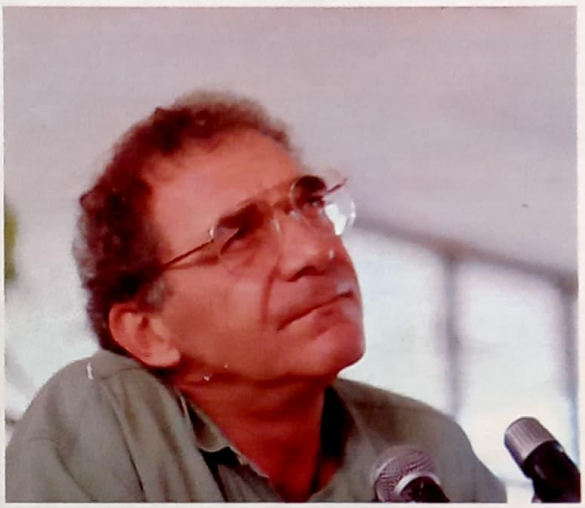

As salas de cinema onde foram exibidos os filmes do festival. Acima, o teatro Karl Marx, palco da abertura da mostra internacional

produção de cinema e vídeo da era Pinochet (1973-1990). Exilados ou clandestinos, nunca os chilenos filmaram tanto. E o nosso Glauber parece mais conhecido em Cuba do que aqui, objeto de uma exposição com seu nome. A Cinemateca Cubana também nos prestou um favor, doando documentos e fotos inéditas para a mãe do cineasta, que está reunindo um acervo sobre o filho genial. Mas o Brasil não levou nada. O equatoriano *A Tigra* fez o diabo em matéria de marketing — é o primeiro longa-metragem de ficção do Equador e conta a história um tanto piorada de uma espécie de Juma equatoriana.

O prêmio máximo da categoria longa-metragem foi para *Hello, Hemingway*, do cubano Fernando Pérez, que mistura ficção e realidade sobre o escritor, morador feliz de Cuba, nos seus últimos anos de vida, na década de 50 (e aparentemente desinteressado da Revolução). Mas a grande surpresa ficou por conta das Antilhas Holandesas, que não só existem como fizeram um bom filme, dirigido por Félix de Rooy. *Ava e Gabriel*, que se passa em Curaçao, no ano de 1948, conta a história de um pintor surinamês, negro, apaixonado por uma professora mestiça, em confronto com a fúria colonial holandesa e um carrilhão de preconceitos. Além de problemas raciais, políticos e religiosos, o filme de Rooy aborda o homossexualismo, que, como se sabe, é uma questão subterrânea na primeira e última ilha do socialismo real.

*Reportagem: Vava Etchepare*
*Texto final: Carlos Volpato*

Fotos Vava Etchepare



Dominique Sanda, agora em plagas latinas, e Sydney Pollack, diretor de *Havana*, na entrevista coletiva

Acima, a festa de abertura do festival no Karl Marx

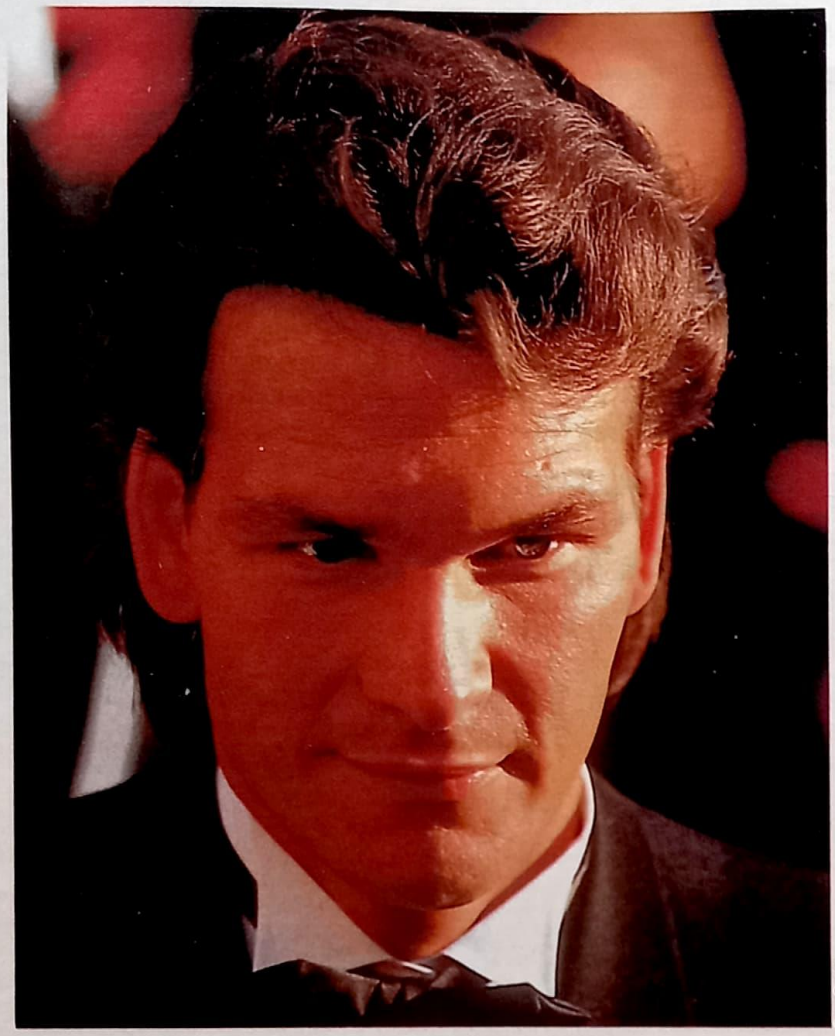
## OS PREMIADOS

**LONGA-METRAGEM**
**Melhores Filmes — 1.º Coral** — *Hello, Hemingway*, direção de Fernando Pérez (Cuba) ■ **2.º Coral** — *A Lua no Espelho*, direção de Silvio Caiozzi (Chile) ■ **3.º Coral** — *Povo de Madeira*, direção de Juan A. de la Riva (México) ■ **Melhor Roteiro** — Juan A. de la Riva e Francisco Sanches, por *Povo de Madeira* (México) ■ **Melhor Ator** — Rafael Benavente, por *A Lua no Espelho* (Chile) ■ **Melhor Atriz** — Laura de la Uz, por *Hello, Hemingway* (Cuba) ■ **Melhor Fotografia** — Ricardo de Angelis, por *Depois da Tormenta* (Argentina) ■ **Melhor Música** — Grupo Síntesis, por *Maria Antonia* (Cuba) ■ **Melhor Adaptação** — Jorge Ferrari, por *Flop* (Argentina) ■ **Prêmio Especial do Júri** — *Eu, a Pior de Todas*, direção de Maria Luisa Bemberg (Argentina) ■ **Prêmio Saul Yellin, do Comitê de Cineastas da América Latina** — *Ava e Gabriel*, direção de Félix de Rooy (Antilhas Holandesas)

**DOCUMENTÁRIO**
**1.º Coral** — *Que Vivam os Crotos*, direção de Ana Poliak (Argentina) ■ **2.º Coral** — *O Fanguito*, direção de Jorge Luis Sanches (Cuba) ■ **3.º Coral** — *Nuvem de Chuva*, direção de Patrícia Mora (Chile)

**ANIMAÇÃO**
**1.º Coral** — *O Homem Agradecido*, direção de Tulio Raggi (Cuba) ■ **2.º Coral** — *A Norman McLaren*, direção de Manuel Marcel (Cuba) ■ **3.º Coral** — *Erva Ruim Nunca Morre*, direção de Luis Carlos Carrera (México)

# PATRICK SWAYZE



Sipa-Press

# BAILA COMIGO

**O galã-dançarino revela que acredita em aparições ectoplasmáticas, mostra-se um teimoso de marca maior ao abordar os diretores dos filmes que lhe interessam e é mais um que afirma não se sentir muito à vontade no papel de símbolo sexual**

Depois de uma estréia prestigiosa — como um dos *outsiders* do filme cult de Coppola — e de um sucesso retumbante (e inesperado) como o garanhão bailante de *Ritmo Quente*, Patrick Swayze — ex-bailarino clássico, ex-garçom, ex-professor de ginástica — conheceu os abismos de Hollywood: dois de seus filmes, em seqüência — *Matador de Aluguel* e *Marcados pelo Ódio* —, conseguiram ser ruins e fracos de bilheteria, um pecado duplo que raramente tem perdão.

Mas, como aos pacientes, persistentes e humildes pertence o reino dos céus no cinema, Swayze literalmente suplicou ao diretor Jerry Zucker (*Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu!* e *Top Secret*) o papel-título de *Ghost*, um dos scripts mais cobiçados da atual safra fantasmagórica de Hollywood (*Além da Eternidade, Ghost Dad, Linha Mortal*). (Swayze é um especialista em suplicar — para o abortado projeto de Oliver Stone, *Evita*, ele se vestiu em roupas paramilitares e pintou o cabelo de preto, só para bater na porta da casa do diretor e lhe implorar o papel de Che — que seria seu, se o projeto não tivesse implodido.)

E as graças de Hollywood choveram sobre sua cabeça em abundância muito maior que o esperado: competindo com os pesos pesados do verão, *Ghost* rendeu 94 milhões de dólares para o estúdio. E como Swayze parece ter aprendido a lição — não deixar a indústria encaixá-lo numa prateleira, com o rótulo mais conveniente — seu próximo papel será o do vilão "zen junkie de adrenalina" (palavras de Swayze) no thriller *Riders on the Storm*, dirigido por Kathryn Bigelow.

**SET** — *Você acredita em fantasmas?*
**PATRICK SWAYZE** — Hum... Bom... De certa forma, sim. Acredito, por exemplo, que meu pai, que já morreu, está aqui do meu lado, de alguma forma que não sei bem qual é.
**SET** — *Você fez algum tipo de pesquisa especial para viver um fantasma?*
**SWAYZE** — A pesquisa que pude fazer foi assistir praticamente a todos os filmes de fantasma que já tinham sido feitos. Mas isso não me deu muita idéia, nada que eu

pudesse aplicar especificamente a este papel, porque esses outros fantasmas eram muito mais "reais", por assim dizer. E o meu fantasma, do modo como ele estava descrito no roteiro, tinha uma série de limitações e frustrações, ele ficava à parte da história, quase, e esse era seu grande desafio. Mas, por outro lado, essas limitações e frustrações não estavam claramente descritas, e eu senti que isso podia ser um problema.

**SET** — *Como assim?*

**SWAYZE** — Isso ficou claro na primeira cena "fantasmagórica" que tivemos de fazer. Não funcionava, não havia dramaticidade. Para mim era óbvio que o roteiro, com todas as suas ótimas descrições, não levava em consideração as regras para ser um fantasma, os limites desse personagem. A cena era descrita do ponto de vista dos vivos e o fantasma simplesmente ficava lá, sem maiores detalhes, o roteiro não lidava com os aspectos... humm... existenciais, emocionais do fantasma. Eu tinha essas idéias desde o início, e eu tinha lutado tanto por esse papel, afinal era um dos papéis mais quentes do mercado, e não me senti à vontade para propor as mudanças que eu achava necessárias. Quem era Patrick Swayze para propor mudanças? Mas quando a cena começou a não funcionar, eu deixei o problema ficar no ar um tempo e depois dei meu palpite: ponham esse sujeito no meio da ação, mostrem a sua frustração, façam-no aprender sobre sua condição de fantasma na medida em que ele tem de lidar com ela. E, aí, funcionou.

**SET** — *Você disse que teve de lutar por esse papel. Por quê? Quem não queria você no projeto?*

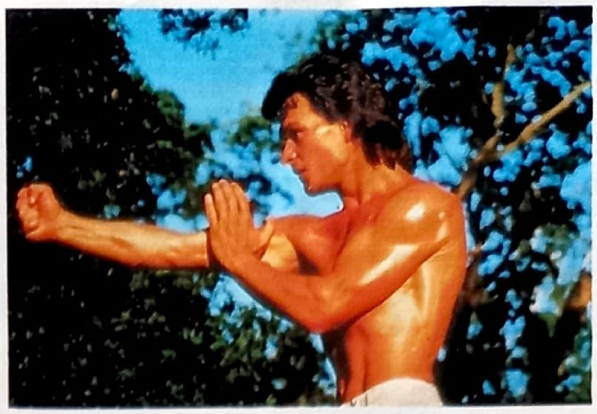
**SWAYZE** (rindo) — Todo mundo — Jerry (Zucker, o diretor) disse claramente, e ele admite isso. "Não quero que esse seja outro filme de Patrick Swayze." E eu adorava o script, meu agente já tinha me mandado o script, e eu estava apaixonado pelo papel. E eles queriam Tom Hanks, Kevin Kline... E eu desesperado, cheio de idéias para o papel, idéias de como torná-lo acreditável, engraçado até.

**SET** — *Como você convenceu Zucker?*

**SWAYZE** — Eu fiz o desgraçado chorar. Eu pedi uma reunião para ler o texto para ele, pelo amor de Deus, que eu queria demais tentar, se ele me aceitasse eu obedeceria cegamente tudo o que ele dissesse. Li seis cenas e, quando terminei, ele estava chorando, todo mundo estava chorando e dizendo: "O papel é seu, o papel é seu".

**SET** — *Depois de* Ritmo Quente, *que foi, sem dúvida, seu grande sucesso, suas escolhas de projetos não foram tão bem-sucedidas. Por quê? Você aprendeu algo com isto?*

**SWAYZE** — Humm, eu não concordo com isso inteiramente. *Matador de Aluguel* está fazendo uma boa carreira internacional. *Marcados pelo Ódio*, eu realmente não sei. Mas basicamente, o que eu acho é que você tem de planejar sua vida em termos de processo, não de objetivos, exclusivamente. Da minha parte, minha forma de me proteger contra a dor do fracasso é trabalhar — em geral, quando um filme é lançado, eu já fiz mais dois ou três. E, aí, eu preciso de um grande esforço mental para me lembrar até o porquê de eu fazer aquele filme em particular. Não considero que esses filmes tenham sido erros da minha parte — cada projeto é um tiro no escuro, um risco que você corre. Mas, sim, aprendi algumas coisas. Nunca repetir uma performance. Por exemplo, agora, não fazer outro filme com fantasmas. Não me deixar estereotipar, fazer um pouco de tudo como ator, correr riscos, e aceitar que às vezes se tem sucesso, às vezes, não.



UIP

Alvorada

UIP

Todo músculos em *Matador de Aluguel*, acima, bailarino em *Ritmo Quente*, ao lado, e ectoplasma em *Ghost*, abaixo

***"Li seis cenas e, quando terminei, Zucker estava chorando; todo mundo estava chorando e dizendo: 'O papel é seu, o papel é seu'."***

**SET** — *Que tipo de papéis interessam a você, principalmente depois de* Ghost?

**SWAYZE** — Papéis com emoção, com coração. *Ghost* me estragou um pouco, por ser um papel tão intenso, tão bom. Agora eu sei que vou procurar por esse tipo de qualidade em todos os papéis que me forem oferecidos. Mas sei que ainda existem muitos filmes de ação no meu futuro, do tipo tiros e barulho e explosões. Gasta-se uma fortuna com esse tipo de filme, mas esse tipo de filme faz uma fortuna, também, então... Acho que não tenho como evitá-los, principalmente porque... Sim — admito —, sou esse animal macho até o fundo d'alma, mas sei que sempre terei cuidado em não fazer um filme com violência gratuita ou sádica.

**SET** — *Para você, "animal macho até a alma", é incômodo ser chamado de e ser visto como um símbolo sexual?*

**SWAYZE** — Incomoda. Principalmente no início. Acho que, até hoje, não me sinto à vontade com esse rótulo. Ainda me vejo como o mesmo garoto feioso do ginásio. Para mim, esse negócio de "símbolo sexual" não passa de uma grande mentira.

*por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles*

### Um narigão maior que a vida dobra a esquina

# CYRANO DE BERGERAC

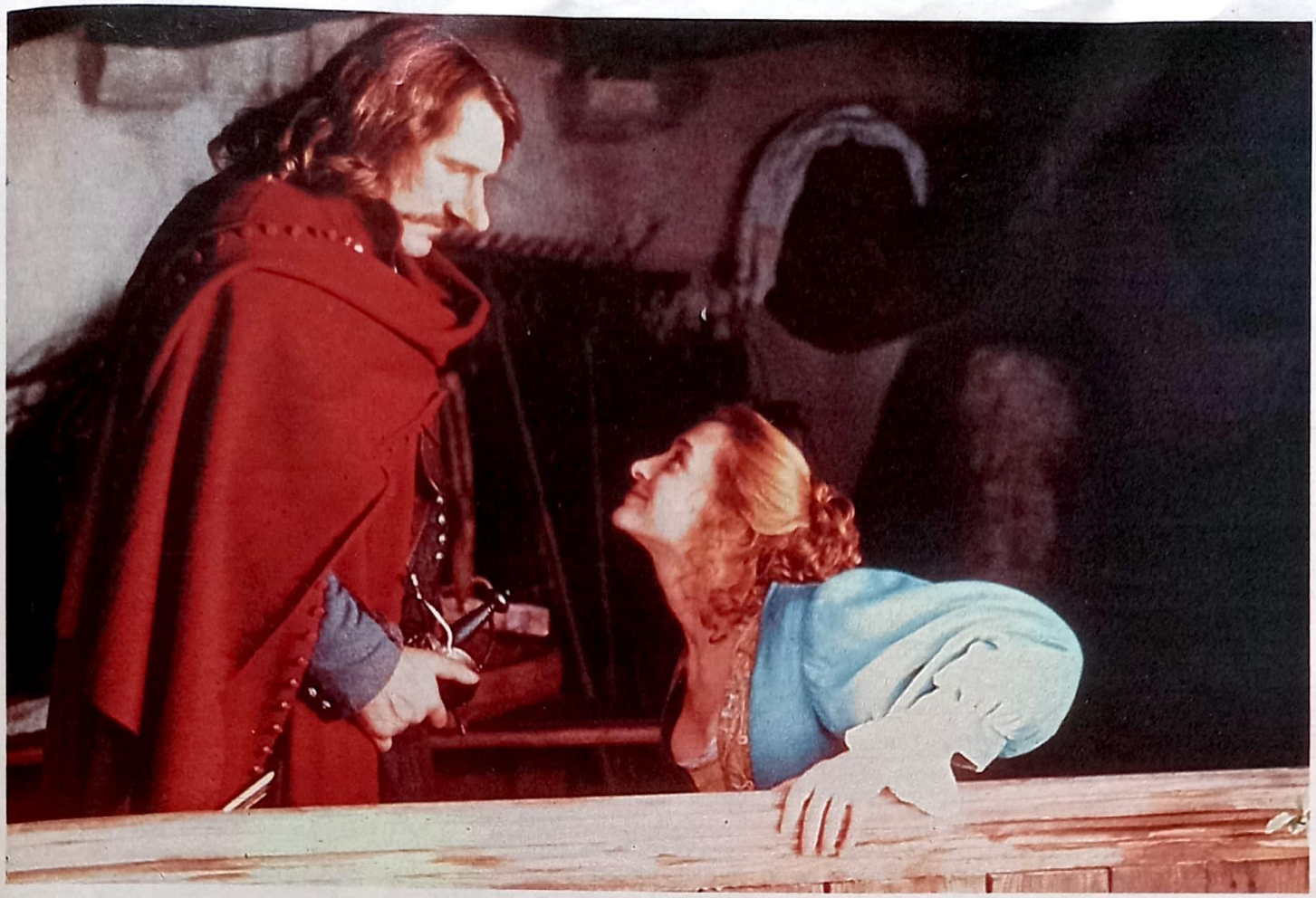
**de Jean-Paul Rappeneau, com Gérard Depardieu, Jacques Weber...**

O cinema e *Cyrano de Bergerac* — a peça de Edmond Rostand sobre o romântico e brilhante poeta narigudo do século XVII, cuja deformidade física o envergonha e atrapalha suas conquistas amorosas — são velhos conhecidos. Vários filmes adaptaram a história para a tela — da versão com José Ferrer no papel principal, de 1950, à recente releitura empreendida com sucesso por Steve Martin, que trouxe Cyrano para os anos 80, com *Roxanne*.

Por mais louváveis que tenham sido os esforços, entretanto, o encontro do clássico francês com Hollywood nunca chegou ao mesmo resultado da atual adaptação dirigida por Jean-Paul Rappeneau e estrelada por Gérard Depardieu. A partir de um roteiro adaptado livremente do original e feito a quatro mãos por Jean-Paul e Jean-Claude Carrière — veterano colaborador de Buñuel *(A Bela da Tarde, O Discreto Charme da Burguesia)*, Louis Malle e Godard —, Rappeneau obteve o casamento ideal das melhores qualidades da peça com as possibilidades do cinema. O filme escapa às marcações duras do que poderia ter sido uma versão exageradamente teatral — um erro quase cometido na versão com Steve Martin — e trata a história com uma linguagem cinematográfica enquanto mantém o diálogo na forma de versos co-

Cyrano (Depardieu) com o nariz em riste, ao lado, e com Roxane (Anne Brochet) e Christian (Pérez), abaixo: cinema em versos

Fotos Columbia



Cyrano, a verdadeira fonte das palavras de amor que Roxane amou ouvir de Christian

mo no original.

A livre adaptação não significa que Rappeneau tenha desviado a história contada por Rostand — a do romance indireto mantido entre Cyrano (Depardieu) e Roxane (Anne Brochet) através das cartas de amor que ele escreve para ajudar o amigo — e bonitão — Christian (Vincent Pérez) a conquistar a donzela. O que Rappeneau faz é injetar aventura e ação num clássico considerado melodramático demais por alguns, ao mesmo tempo em que sublinha os momentos de humor e respeita as pausas interiores dos personagens principais. É um equilíbrio precário, mas atingido magistralmente.

Rappeneau acertou em cheio, também, ao escolher Gérard Depardieu para o papel de Cyrano. Apesar de seu físico de urso e seu magnetismo arrebatador, Depardieu optou por uma representação econômica, sutil, que traz o espectador para dentro da cabeça e do coração do personagem como nenhum outro ator foi capaz. Embora os discursos poéticos e as piadas sobre nariz — apesar do apêndice de Depardieu perder em muitos centímetros para o nasal gigante usado por Steve Martin — tenham sido mantidas com a vibração característica das cenas em que são usados, é nos momentos de maior intimidade que Depardieu brilha com mais intensidade.

*José Emílio Rondeau*

## O GRANDE GÉRARD

*Não há meio-termo no sentimento dos franceses para com Gérard Depardieu. É amor ou ódio. "Exportado" para os Estados Unidos, onde decola para uma carreira de sucesso depois de* Green Card *e* Cyrano, *ele continua morando em seu castelo em Anjou. Alto, largo e pesado, este colosso francês tem uma fórmula* sui generis *para atuar: "Eu não penso. Eles querem que eu mate, eu mato. Querem que eu ame, eu tento amar. Apenas sigo meus colegas atores". Cerca de setenta filmes depois, Depardieu fez de tudo um pouco: foi travesti* (Meu Marido de Batom), *Rodin* (Camille Claudel), *doidão* (Os Corações Loucos), *vizinho* (A Mulher do Lado), *camponês com o apropriado nome de Olmo* (1900) *etc etc. Outro sucesso acaba de tomar a França —* Uranus, *do mesmo Claude Berri que o dirigiu noutra produção famosa,* Jean de Florette. *Parece que o ator está impressionante no papel de um dono de bar brutal, mas amante de poesia, uma enorme luva para a manopla de Depardieu, visto aqui com um narigão que é a metade do nariz poético, virando a esquina primeiro, de* Cyrano de Bergerac.

C.V.

*Cyrano de Bergerac*, França, 1989 ■ DIREÇÃO: Jean-Paul Rappeneau ■ Com Gérard Depardieu, Jacques Weber, Anne Brochet, Vincent Pérez, Roland Bertin, Josiane Stoléru ■ ROTEIRO: Jean-Paul Rappeneau, Jean-Claude Carrière, baseado na obra homônima de Edmond Rostand ■ DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA: Pierre Lhomme ■ DIREÇÃO DE ARTE: Ezio Frigerio ■ FIGURINOS: Franca Squarciapino ■ MONTAGEM: Noëlle Boisson ■ MÚSICA: Jean-Claude Petit ■ PRODUÇÃO: Hacchett Première-Europe 1-Camera One-A2-DD Prod.-UGC ■ DURAÇÃO: 123 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia

## John Le Carré e a espionagem na era da glasnost

# CASA DA RÚSSIA

### de Fred Schepisi, com Sean Connery, Michelle Pfeiffer...

Barley ama Katya que ama Dante que ama a Rússia de um modo estranho e, talvez, perigoso. Mas como Barley, além de amar Katya, também ama a Rússia — com a paixão irretocada que só os estrangeiros sabem cultivar —, a espiral de amores pode, enfim, fechar o circuito — e, quem sabe, explodir.

Esta é a ciranda em ritmo de jazz — graças à excepcional trilha de Jerry Goldsmith solada por Branford Marsalis — tecida pelo diretor australiano Fred Schepisi *(Um Grito no Escuro), d'après* um best-seller de John Le Carré e, sobretudo, uma adaptação brilhante a cargo do dramaturgo Tom Stoppard. O fio da meada ainda é espionagem em todos os sentidos — mas espionagem na era da glasnost, em que as implicações morais e políticas são mais complicadas e levadas a cabo por amadores. Barley (Sean Connery) é um editor de livros que não consegue levar nada muito a sério em sua vida, a não ser jazz, uísque e a Rússia, um país que admira pela "tenacidade de sua força vital", como ele mesmo diz. Katya (Michelle Pfeiffer) também é editora, mas russa — e com a missão autoimposta de fazer chegar ao ocidente um manuscrito de seu ex-namorado Dante (Klaus Maria Brandauer), um cientista/poeta que tem acesso às informações mais secretas do poderio militar russo —, e acredita que apenas se o ocidente tomar conhecimento disto a paz e a perestroika estarão a salvo.

Numa trama como esta, é menos o frenesi da caça — caça à informação, ao informante — que interessa. O bailado destas pessoas e mais o coro dos profissionais, os verdadeiros espiões da CIA e do Serviço Secreto Britânico (inclusive o diretor Ken Russell, numa ponta), que, por diversos motivos, são deixados propositalmente à margem dos acontecimentos, é o que importa: o que elas trazem de expectativas, experiências, desejos e decepções quando confrontadas com uma situação que exige algo que nunca esteve em seus planos — heroísmo.

Schepisi/Stoppard compreenderam perfeitamente as intenções de Le Carré: *Casa da Rússia* flui delicadamente, sem nervosismo, dando tempo para que cada personagem se delineie — são particularmente saborosos os diálogos, que tiram partido do choque lingüístico entre russo e inglês, e notável a edição fluida, capaz de contar a mesma história sob diferentes prismas, pontuada pelo sax de Marsalis (que é uma espécie de assinatura sonora do personagem de Connery). E existe, é claro, o charme da própria Rússia, fazendo pela primeira vez o papel dela mesma numa produção americana (o filme foi rodado em locação em Moscou com a colaboração do governo soviético — e fazendo bonito.

*Ana Maria Bahiana*

*The Russia House*, 1990, EUA ■ DIREÇÃO: Fred Schepisi ■ Com Sean Connery, Michelle Pfeiffer, Roy Scheider, James Fox, John Mahoney, Michael Kitchen, J. T. Walsh, Ken Russell, David Threlfall, Klaus Maria Brandauer ■ ROTEIRO: Tom Stoppard, baseado na novela de John Le Carré ■ FOTOGRAFIA: Ian Baker ■ MONTAGEM: Peter Honess ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Richard MacDonald ■ DIREÇÃO DE ARTE: Roger Cain ■ FIGURINOS: Ruth Myers ■ PRODUÇÃO: Paul Maslansky, Fred Schepisi ■ DURAÇÃO: 123 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes

Sygma

Barley (Connery) com Katya (Michelle) em Moscou: jazz, a bela Rússia, espionagem e amor

UIP

O pequeno herói Andy Barclay (Alex Vincent), empunhando bravamente uma serrinha elétrica, tenta se livrar da fúria assassina de Chucky

### Vodu e humor nas aventuras do boneco psicopata

# BRINQUEDO ASSASSINO 2

### de John Lafia, com Alex Vincent, Jenny Agutter...

As continuações não param em Hollywood. Passou dos 40 milhões de dólares de bilheteria virou segunda parte. O algoz boneco Chucky, em *Brinquedo Assassino 2*, foi mais uma (feliz) vítima do fenômeno. Desta vez, com mudanças no timão: saiu o diretor Tom Holland, comandante da primeira aventura, entrou John Lafia, um dos três roteiristas do original (os outros: o próprio Holland e Don Mancini). Essa mudança é importante para se entender a diferença entre o primeiro *Brinquedo* e o segundo.

Holland havia suprimido algumas idéias dos dois co-roteiristas e feito um roteiro final ao seu belprazer, dando destaque para o elemento vodu — no primeiro segmento o bandido Charles Lee Ray (Brad Dourif), antes de morrer numa loja de brinquedos, reza uma ladainha para passar sua atormentada alma para um boneco *Good Guy*, que será batizado de Chucky pelo garoto Andy Barclay (Alex Vincent). A partir daí, enquanto o possuído Chucky faz o acerto de contas com os traidores de Charles Lee Ray — e com quem atravessa seu caminho —, a substância vodu conduz a ação com o vilãozinho procurando um curandeiro e desesperadamente uma forma de passar o espírito-de-porco de Charles para o garoto.

Sem dúvida, *Brinquedo Assassino* é um grande filme de terror. O mestre Holland já havia dirigido o excelente *A Hora do Espanto*. Mas a jovem equipe de *Brinquedo 2*, com 12 milhões de dólares na mão, optou pelo rejuvenescimento do filme. John Lafia entregou o trabalho integral do roteiro para o experiente Don Mancini, dono do argumento original; os dois puderam então desenvolver os aspectos de *merchandising* e industrialização dos bonecos *Good Guy*, a comédia e um terror irônico que brinca mais com o sangue e que havia sido podado inicialmente.

Lafia iluminou o filme com cores fortes, em contraposição aos tons escuros e pastéis usados em *Brinquedo*, e trocou o suspense longo pelo breve, multiplicado, de fôlego curto e desfecho violento. Logo no início, ficamos sabendo que a mãe de Andy está internada num hospital psiquiátrico, traumatizada no primeiro filme, e que o pobre Andy aguarda desolado num orfanato de crianças perturbadas o casal que irá adotá-lo. Não existe aqui o quadro social seguro e relativamente composto do primeiro *Brinquedo*. Andy está só com a desvantagem de ter Chucky em seu encalço. E o boneco está mais furioso do que nunca, pois o mago criador de Chucky, o engenheiro e diretor de segunda unidade, Kevin Yagher, desenvolveu técnicas eletromecânicas simplesmente magníficas. Se no primeiro filme Chucky é um boneco assustador, em *Brinquedo 2* ele não deve nada a nenhum ator do Actor's Studio.

*Walter de Silva*

*Child's Play 2*, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: John Lafia ■ Com Alex Vincent, Jenny Agutter, Gerrit Graham, Christine Elise, Brad Dourif (voz do Chucky) ■ ROTEIRO: Don Mancini, baseado no personagem criado por Mancini ■ FOTOGRAFIA: Stefan Czapsky ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Ivo Cristante ■ MONTAGEM: Edward Warschilka ■ ENGENHARIA E CONTROLE MECÂNICO DO CHUCKY: Kevin Yagher ■ MÚSICA: Graeme Revell ■ PRODUÇÃO: David Kirschner ■ DURAÇÃO: 85 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

### História de pavor contra o inquilinato

# MORANDO COM O PERIGO

**de John Schlesinger, com Matthew Modine, Melanie Griffith...**

Thrillers são thrillers, a gente embarca na paranóia do filme e mal segura o coração pela boca. Olhe lá: não vá ver *Morando com o Perigo* sem ter antes uma boa avaliação de suas funções cardiovasculares. Aliás, o Ministério da Saúde deveria passar a perna no Departamento de Classificação Indicativa do Ministério da Justiça e atacar de censor ele também. Pra entrar na sessão, o cidadão teria de exibir o comprovante de teste ergométrico ao rapaz da roleta. Coração fraco não entra.

O filme não é nenhuma primazia da sétima arte. Mas se você não liga para escorregões de roteiro e direção quando se trata de thriller sufocante, boa sorte. Divirta-se com Melanie Griffith, a delícia rechonchuda que não filma desde que fez gato-sapato da varapau Sigourney Weaver em *Uma Secretária de Futuro*. Melanie (uhh) é namorada de Matthew Modine, um desperdício evidentemente. Seu nome é Patty Palmer e, junto com seu escolhido, que atende por Drake Goodman, compra um pequeno prédio vitoriano (de 1883) no alto de uma dessas ladeiras de São Francisco.

A casa está podre, caindo. É um imóvel móvel: para baixo. Já tinha sido restaurado nos anos 40 mas precisa de uma reforma radical. Ou melhor, precisa mesmo de uma revolução social pra tomar jeito. Pagam mais de 700 mil dólares pelo pombal, os pombinhos. E começam a revolvê-lo até que ele fique digno. Aí você já viu a seqüência. Pincéis, macacões, cerveja no isopor, beijos e abraços rolando no chão — quando a música acaba, a obra está concluída. Seriam felizes ali no primeiro (e último) andar, mas precisam alugar os dois apartamentos do térreo para dar conta da hipoteca. Os primeiros inquilinos, orientais, são ótimos. Casal sem filhos e tal. O segundo, um psicopata (Michael Keaton), fará do prédio uma casa do espanto, um pedaço de Elm Street. Keaton, que se identifica como Carter Hayes, quer dar um golpe fatal. E as leis americanas o defendem, mesmo sem nunca ter pago um centavo de aluguel. Neste caso, a vítima é o senhorio. Sim, o filme é contra o inquilinato.

Você — que está aí às dúvidas com seu coração, sua paciência e sua auto-estima — já sente uma desconfiança ameaçar: mas este cara vai me contar o filme inteiro, será possível? Calma, isso é só o começo. O que se arma depois disso é que é de arrancar o fôlego. A trama não convence muito: por que, raios, o casal saudável foi alugar o estúdio para aquele sujeito esquisito, quando eram tão chatos com todos os pretendentes? Ou então: de onde é que Patty Palmer tirou know-how para bancar a detetive? E depois, Michael Keaton, que já foi o bibelô de Tim Burton (pois foi até mesmo *Batman!*), anda meio caidaço para prestar-se a esses papéis. Mais uma vez, o diretor John Schlesinger decepciona. Enfim, Melanie continua valendo qualquer taquicardia.

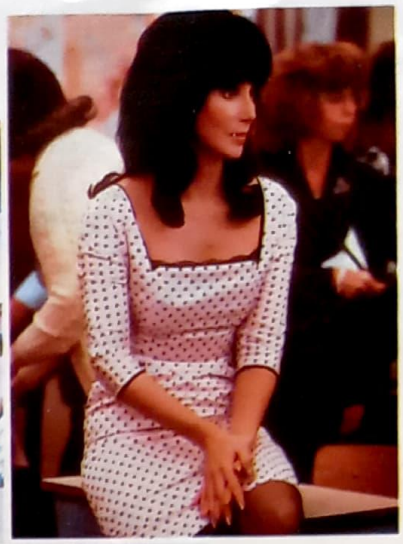
*Eugênio Bucci*

*Pacific Heights*, EUA, 1990 ■ DIREÇAO: John Schlesinger ■ Com Melanie Griffith, Matthew Modine, Michael Keaton ■ ROTEIRO: Daniel Pyne ■ MONTAGEM: Mark Warner ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Neil Spisak ■ DIREÇÃO DE ARTE: Gershon Ginsburg; Sharon Seymour ■ PRODUÇÃO: Scott Rudin, William Sackheim ■ DURAÇÃO: 102 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

**A vizinhança em forma de thriller entre Modine e Melanie (locadores) e o inquilino Keaton**

Fotos Fox

Fotos Columbia



O *look* sereia de Cher: a cauda de sobra no automóvel cor-de-rosa e o cafona vestido de bolinhas

### Choque de gerações no mais kitsch dos anos 60

# MINHA MÃE É UMA SEREIA

### de Richard Benjamin, com Cher, Winona Ryder...

Em 1987, *Feitiço da Lua* deu a Cher — considerada vulgar e sem qualidades especiais como atriz, a não ser um talento formidável para autopromoção — prestígio e poder em Hollywood. Ter contracenado com Meryl Streep em *Silkwood* já havia movimentado a balança da indústria a seu favor, mas foi *Feitiço* — e o Oscar subseqüente — que transformou Cher no que a indústria chama de "Major Player", traduzível em português por "Peixe Graúdo".

A recém-adquirida posição de vantagem permitiu a Cher sair um pouco de circulação das telas — embora continuasse presente em discos e videoclips, como cantora — antes de retornar à ativa do jeito que gosta: com todas as cartas na mão.

Dentro desse panorama político, *Minha Mãe É uma Sereia* é uma jogada perigosa. Com o poder de trocar de elenco — o que ela fez, trazendo Richard Benjamin e Winona Ryder para o filme —, Cher assumiu grande parte da responsabilidade sobre o resultado final da produção e bancou a possível enxurrada de comentários desairosos que um fracasso poderia provocar.

Talvez porque tenha um farto estoque de sorte, talvez porque saiba mesmo o que está fazendo, Cher não criou obra-prima alguma, mas também não desperdiçou suas suadas conquistas recentes no que muitos achavam fosse ser um projeto "egotrípico" e frouxo. Ela demonstrou que , no comando de um filme, sabe, no mínimo, escolher o material e a equipe.

Passado em 1963, *Minha Mãe É uma Sereia* expõe os conflitos internos de uma família exclusivamente feminina, composta por mãe (Cher) e duas filhas (Winona Ryder e Christina Ricci). Divorciada, a mãe se vê embalada pelos ares de independência pessoal e sexual que a nova década vem trazendo, enquanto a filha mais velha combate sua própria fúria hormonal adolescente com preces e aspirações religiosas — mesmo sabendo que sua família é de tradição judaica, ela insiste em querer virar freira. Para ela, a mãe não passa de uma perua libertina cujo único talento é cozinhar canapês rigorosamente *junk-food* e mudar de cidade toda vez que um namoro não dá certo.

Bob Hoskins é a exceção da regra, o único homem que aceita a suprema peruíce de sua namorada em todo seu esplendor.

Houve quem reclamasse do lado cartunesco do filme — o diretor Richard Benjamin deixa Cher exercitar seu músculo brega com toda liberdade — e se esquece de ver que *Minha Mãe É uma Sereia* é, acima de tudo, uma comédia aparentada com a visão absurdista de John Waters. Ninguém deixou de notar, no entanto, a supremacia artística de Winona Ryder sobre Cher.

*José Emílio Rondeau*

*Mermaids*, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Richard Benjamin ■ Com Cher, Bob Hoskins, Winona Ryder, Michael Schoeffling, Christina Ricci, Caroline McWilliams, Jan Miner ■ ROTEIRO: June Roberts, baseado no romance de Patty Dann ■ FOTOGRAFIA: Howard Atherton ■ MONTAGEM: Jacqueline Cambas ■ MÚSICA: Jack Nitzsche ■ DIREÇÃO DE ARTE: Steve Saklad, Evelyn Sakash ■ FIGURINOS: Marit Allen ■ PRODUÇÃO: Lauren Lloyd, Wallis Nicita, Patrick Palmer ■ DURAÇÃO: 111 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia

### Pais demais em comédia engraçada de menos

# TRÊS SOLTEIRÕES E UMA PEQUENA DAMA

**com Tom Selleck, Ted Danson, Steve Guttenberg...**

Deve ter gente que ainda lembra do Meia-Trava, personagem dos esquetes humorísticos inseridos no programa de rádio *A Cidade Contra o Crime*. Motorista da linha de ônibus Caxias-Mauá, Meia-Trava — junto com seu fiel escudeiro, o trocador Azeitona — vivia reclamando da queda de qualidade (sic) de sua leitura favorita, os jornais populares. "A gente torce", dizia ele, enfatizando o gesto, "torce, e nem sai sangue."

Hollywood meio que reproduz à sua própria moda o comportamento de Meia-Trava ao regurgitar continuação após continuação, quase sempre para constatar que a fonte, por mais prodigiosa que possa ter sido no início, secou. "A gente torce", os executivos devem dizer, "torce, e nem sai dinheiro."

É o ocorrido com *Três Solteirões e uma Pequena Dama*, continuação de *Três Solteirões e um Bebê*, que, por sua vez, já era uma versão requentada de um grande *hit* francês. Em 1987, os três solteirões da Disney — Tom Selleck, Ted Danson e Steve Guttenberg — protagonizaram o líder de bilheteria do ano. O segundo capítulo, no entanto, está muito aquém do original, tanto comercialmente — não saiu dos 60 milhões de dólares de renda, cifra modesta para um arrasa-quarteirão potencial — e principalmente em termos de méritos artísticos.

Dirigido pelo mesmo Emile Ardolino de *Dirty Dancing*, o novo filme não tem o mesmo charme de seu antecessor — talvez porque o bebê adorável tenha crescido para virar uma menina chata e estridente —, nem o elemento de surpresa do original de 1987. Aliás — e isso é louvável —, desvia-se um bocado do caminho do primeiro filme para contar uma história de amor mal resolvida entre os personagens de Tom Selleck (Peter) e Nancy Travis (Sylvia, a mãe da menina). A "família moderna" — quatro pais, sendo que somente um biológico (Jack, o ator canastrão vivido pelo não menos Ted Danson) — se vê ameaçada quando Sylvia é pedida em casamento por seu diretor de teatro e, por causa disso, muda-se de Nova York para Londres.

"Dilacerada" pela perda do bebê — e de sua cozinheira/arrumadeira/ombro amigo Sylvia — os solteirões-mas-nem-tanto armam um estratagema para provar à Sylvia que seu futuro marido — e futuro padrasto da menina — é uma criatura torpe, desprovida de bons sentimentos (o que não se faz por uma boa empregada...).

De divertido mesmo — afinal, o filme é vendido como sendo uma comédia romântica — só os avanços românticos de Miss Lomax (Fiona Shaw), representante de um colégio interno exclusivamente feminino, que tenta conquistar Peter das formas mais obtusas.

*José Emílio Rondeau*

*Three Men and a Little Lady*, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Emile Ardolino ■ Com Tom Selleck, Steve Guttenberg, Ted Danson, Nancy Travis, Robin Weisman, Christopher Cazenove, Sheila Hancock, Fiona Shaw ■ ROTEIRO: Charlie Peters, baseado na história de Sara Parriott, Josann McGibbon, baseada no filme *Trois Hommes et un Coiffin*, escrito por Coline Serreau, ■ FOTOGRAFIA: Adam Greenberg ■ MONTAGEM: Michael A. Stevenson ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Stuart Wurtzel ■ DIREÇÃO DE ARTE: David M. Haber ■ FIGURINOS: Louise Frogley ■ PRODUÇÃO: Ted Field, Robert W. Cort ■ DURAÇÃO: 100 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Fotos Warner

Selleck, Guttenberg e Danson (no destaque) com a pestinha Robin Weisman: comédia não muito romântica e não muito comédia

# FITAS USADAS

Mais de 5000 fitas à sua escolha.
Antes de comprar, consulte-nos de 2.ª à sábado,
das 9:00 às 23:00 hs.

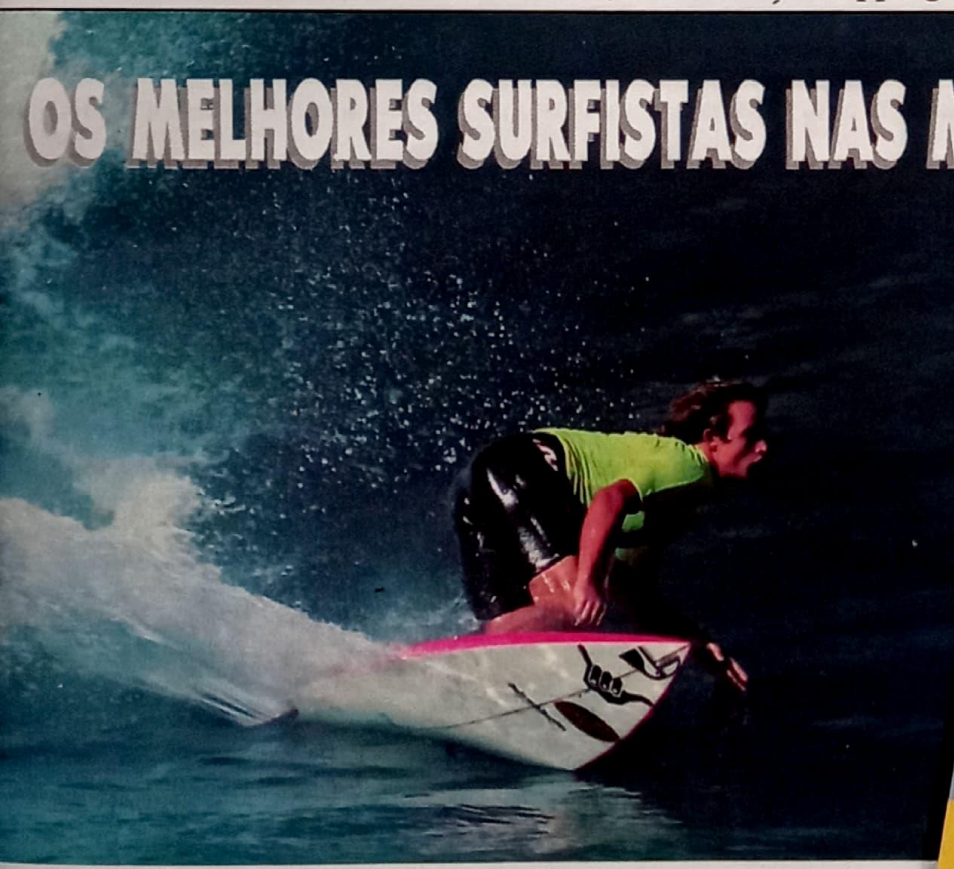
Remetemos p/ todo o Brasil

**Monte sua locadora pela metade do preço.**

## Splash Vídeo

Av. Zaki Narchi, 1732 Tel: (011) 950-3597 Santana - São Paulo - SP
CEP 02029 (a 300 m do Shopping Center Norte)


OS MELHORES SURFISTAS NAS MELHORES ONDAS.



E O MELHOR SURFISTA NA SUA MAIOR ONDA:
TOM CURREM EM ENTREVISTA EXCLUSIVA.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

# KATHARINE HEPBURN

**Calças masculinas em vez de saias, independência no lugar da submissão aos estúdios, classe e um romance *outsider:* a história vibrante de uma estrela *sui generis***

Ela sempre foi uma das atrizes americanas mais avessas ao esquemão do *star system*. Extremista, petulante, mostrou-se inflexível desde o início a tudo o que não se adequava ao seu ponto de vista. Katharine Hepburn pode ser considerada uma das poucas *outsiders* de saias, pois desde muito cedo participou ativamente de manifestações feministas na época em que mulher só conseguia ocupar o segundo degrau da hierarquia familiar.

Katharine Houghton Hepburn nasceu a 9 de novembro de 1909, em Hartford, Connecticut. Seu pai era um respeitável cirurgião. Sua mãe, apesar de ter saído de uma das famílias mais tradicionais de Boston, lutou pelo voto feminino e pelo controle da natalidade. A pequena Katharine e seus cinco irmãos receberam uma educação liberal, que ia de encontro aos princípios rígidos da estrutura familiar da Nova Inglaterra.

Camera Press

Mal entrou para o colégio, formou grupos amadores, dedicando-se à montagem de peças infantis. Ingressou no Bryn Mawr College de Filadélfia aos 16 anos, formando-se em 1928. Rumou então para Baltimore, levando na bagagem uma carta de recomendação do teatro do colégio para o empresário Edwin Knopf. Não agradou de imediato, mas como consolação recebeu pequenos papéis que logo se tornariam insuficientes para a sua ambição de tornar-se uma grande atriz tanto no teatro como no cinema.

Hepburn viajou para Nova York, onde fez curso de teatro e balé. Conseguiu seu primeiro papel principal nos palcos em 1928 na peça *The Big Pond*, que resultou em fracasso fulgurante, com Katharine sendo despedida sem maiores preâmbulos. No final do mesmo ano, ela se casaria com um rapaz da alta sociedade, Ludlow Ogden Smith, mas o matrimônio só durou até o ano seguinte (embora o divórcio oficial tenha saído apenas em 1934).

Kate demorou algum tempo indo do fracasso e das sucessivas demissões dos palcos para a casa dos pais, até que em 1932 conseguiu estrelar a peça *The Warrior's Husband*, seu primeiro sucesso na Broadway.

O diretor George Cukor, após assistir a um teste de Kate, ficou impressionado com sua presença angulosa e determinação e convenceu o grande David O. Selznick a oferecer-lhe um contrato. Ela pediu uma soma muito alta para uma principiante, mas surpreendentemente conseguiu o que queria: o papel principal de *Vítimas do Divórcio*, seu primeiro sucesso nas telas, em 1932.

Selznick então a colocou em *Assim Amam as Mulheres* (1933), um drama. Kate não se mostrou à vontade no gênero e o filme não decolou. Mas, no mesmo ano, numa história quase autobiográfica, em *Manhã de Glória*, Katharine ganhou seu primeiro Oscar com o papel de uma jovem que sonha em vencer na Broadway. Ainda em 1933, Hepburn fez *Quatro Irmãs*, com o qual seria premiada no ano seguinte como melhor atriz no Festival de Veneza.

Após uma incursão malsucedida nos palcos, Kate voltou a Hollywood em filmes que não emplacaram, até fazer *A Mulher que Soube Amar* (1935), que foi considerado um de seus melhores trabalhos na década de 30, sendo por ele indicada pela segunda vez ao Oscar.

Em 1936, Katharine faria o curioso papel de uma garota que se disfarçava de rapaz para fugir de um pai autoritário. O filme *Vivendo em Dúvida* seria um marco em sua carreira se a crítica de então estivesse preparada para a ousadia de um argumento tão modernista.

**DISCRETAMENTE PÚBLICO** — A atriz encarnaria alguns papéis históricos, apesar de esse gênero também estar incluído no rol de suas especialidades. Voltou ao teatro para tomar fôlego e ainda ensaiaria um romance com o milionário Howard Hughes até voltar ao cinema em *No Teatro da Vida* (1937). O sucesso só voltaria a encontrá-la em *Levada da Breca* (1938), uma comédia aplaudida com entusiasmo pela crítica, mas recebida com reservas pelo público. A RKO passou a só oferecer-lhe papéis dignos de uma atriz em decadência, fazendo-a procurar melhores oportunidades na Columbia. Conseguindo novo contrato, Katharine voltaria à comédia com *Boêmio Encantador* (1938), dirigida por George Cukor.

Novamente sem trabalho, Kate

Liaison Gamma-Sigla

Liaison Gamma-Sigla

**Katharine na página oposta no começo da carreira, por volta de 1932 (também abaixo). O chapéu que Henry Fonda usou em *Num Lago Dourado*, acima, foi presente da atriz e pertenceu a Spencer Tracy. A foto glamourosa à direita foi batida em 1935 para a RKO**

foi convidada a fazer um teste para o papel de Scarlett O'Hara em *...E o Vento Levou*. Num primor de autocrítica, ela afirmou que não possuía o tipo físico adequado ao personagem e passou a bola adiante. Voltou para a Broadway e reencontrou o sucesso em *The Philadelphia Story*, cujos direitos autorais compraria para uma futura adaptação cinematográfica. O filme *Núpcias de Escândalo*, no qual fazia uma herdeira rica, mimada e arrogante, veio na hora certa, coroando-a com o reconhecimento de crítica e público.

Manifestando o interesse de contracenar com Spencer Tracy, um ator que muito admirava, Katharine propôs à Metro *A Mulher do Dia* (1942). A parceria deu certo tanto dentro quanto fora do cinema, com uma relação de respeito profissional mútuo e profunda afetividade que marcaria a atriz para toda a vida. Tracy e Hepburn formaram uma dupla fascinante, combinando a tranqüilidade do primeiro com a energia da segunda, diluindo as características de ambos numa perfeita simbiose. Fizeram oito filmes ao longo de 25 anos e seu caso era discretamente público: Tracy, católico, jamais abandonou a mulher.

Liaison Gamma-Sigla

Depois de uma série de papéis de pouco relevo em sua carreira, bem mais madura e controlada, Katharine brilharia desta vez não como uma jovem arrogante e sim como uma solteirona hilariante em *Uma Aventura na África* (1951), ao lado de Humphrey Bogart.

Apesar de espaçar suas intervenções no cinema, alternando-as sempre com o teatro, Katharine voltaria a se destacar em *De Repente, no Último Verão* (1959), baseado na peça de Tennessee Williams, e *Longa Jornada Dentro da Noite* (1962). Foi indicada para o Oscar nas duas oportunidades.

Entre 1962 e 1967, dedicou-se a cuidar da saúde do "amigo" Spencer Tracy, com quem ainda faria *Adivinhe Quem Vem para o Jantar* (1967), o canto do cisne de Tracy. Katharine perdeu um companheiro e ganhou o Oscar de melhor atriz.

No ano seguinte, ao lado de Peter O'Toole, abocanharia um terceiro Oscar por *Leão no Inverno*. A partir daí, já uma lenda viva, apesar da pouca freqüência em que aparecia nas telas ou aventurava-se nos palcos, continuou provando ao público que não estava disposta a viver das glórias do passado.

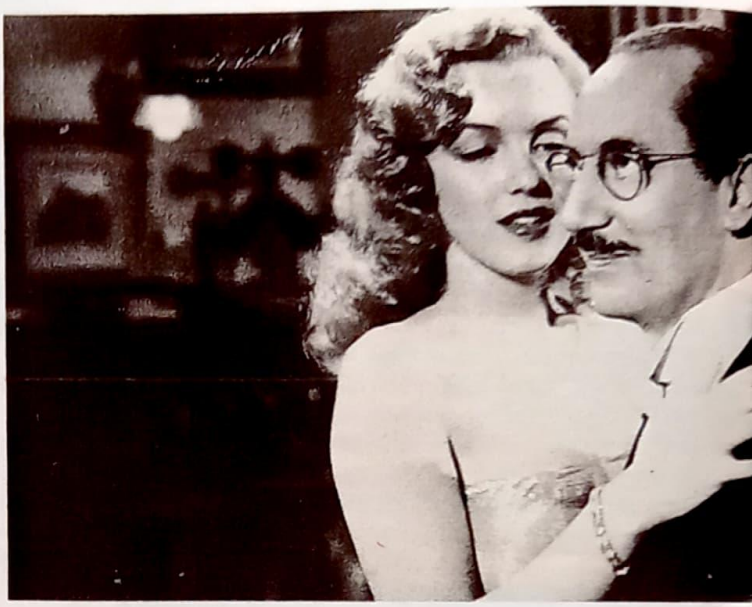
*Num Lago Dourado* (1981) foi uma prova disso. Hepburn e Henry Fonda arrasaram como um casal que, no fim da vida, ainda mantém a dignidade e a lucidez dos melhores dias. Ambos ganharam o Oscar.

Hoje, Katharine continua levando sua vida caseira, dedicando-se à jardinagem. Sem papas na língua, essa *lady sui generis* do cinema continua dizendo o que pensa sobre tudo, mostrando-se pronta, mesmo depois dos oitenta anos, a voltar para as telas ao primeiro convite sedutor.

*Moisés Liporage*

# AS PIADAS DO MESTRE E O MESTRE DA POESIA

## *Uma Lição de Cinema* e *Memórias de um Amante Desastrado* revelam a genialidade de Mizoguchi e um aperitivo de Groucho



Kenji Mizoguchi (1898-1956) foi, ao lado de Yasujiro Ozu (1903-1963), um dos maiores cineastas japoneses de todos os tempos. Na esteira do ciclo dedicado ao diretor pela Cinemateca Brasileira em São Paulo no final do ano passado, a crítica e pesquisadora Lúcia Nagib organizou esta coletânea de textos a respeito de sua vida e de sua obra.

O leque de abordagens é o mais amplo possível, incluindo desde um ensaio filosófico de Gilles Deleuze sobre o espaço e o movimento nos filmes de Mizoguchi, até um depoimento apaixonado de Yoshikata Yoda, roteirista que muito sofreu sob o tacão do cineasta. De interesse quase arqueológico são os artigos inflamados dos expoentes da *nouvelle vague* Jean-Luc Godard, Eric Rohmer e Jacques Rivette — todos escritos nos anos 50 e igualmente empenhados em opor a genialidade de Mizoguchi à "venalidade" de Kurosawa, para eles um cineasta oportunista e excessivamente ocidentalizado.

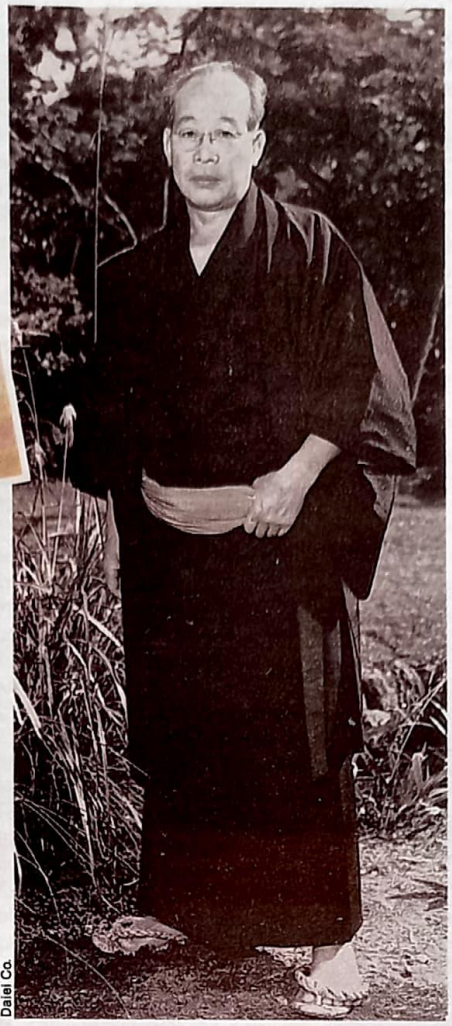
Da leitura desse painel multifacetado surgem as diversas imagens superpostas de um artista enigmático: o autor perfeccionista e implacável, o boêmio amigo das gueixas e do saquê, o militante político, o cineasta de encomenda... Acima das polêmicas eventualmente geradas por algumas dessas "personas" de Mizoguchi (ou pela contradição entre elas), o que ninguém discute é a grandeza de sua obra. Em 83 filmes (dos quais só 31 sobreviveram até hoje), ele legou ao mundo insuperáveis tragédias morais e uma maneira personalíssima de filmar, em que os longos planos-seqüência e os precisos movimentos de câmera aboliram os limites entre o cinema, o teatro, a pintura e a música, para ser simplesmente poesia.

**MARX** — Que Groucho Marx tenha sido — como afirma a capa de *Memórias de um Amante Desastrado* — o homem mais engraçado do mundo, pouca gente contesta. Entretanto, este livro talvez não seja o melhor exemplo do humor anárquico e demolidor do mais famoso dos irmãos Marx. Talvez por terem sido escritos no final dos anos 50, quando o autor já tinha deixado para trás seus melhores dias, alguns dos textos do volume traem um certo cansaço, com algumas piadas previsíveis e redundantes. Um problema adicional é que muito da graça de Groucho sustenta-se em trocadilhos intraduzíveis, o que obrigou os tradutores a uma busca inglória de jogos de palavras que substituíssem, em português, as piadas originais. Como resultado, torna-se difícil saber onde termina o humor de Groucho e começa o de José Simão, um dos tradutores (o outro é Bira Borges). Apesar de tudo isso, algumas passagens — como a "História Nada Natural do Amor" — são antológicas e servem como um aperitivo para futuras publicações de outros textos do autor. Os fãs aguardam ansiosos.

*José Geraldo Couto*

*Mestre Mizoguchi, Uma Lição de Cinema* — Vários autores, org.: Lúcia Nagib — Ed. Navegar/Aliança Cultural Brasil-Japão/ Cinemateca Brasileira, 289 págs.

*Memórias de um Amante Desastrado* — Groucho Marx — trad. José Simão e Bira Borges — Ed. Marco Zero, 170 págs.



Daiei Co.

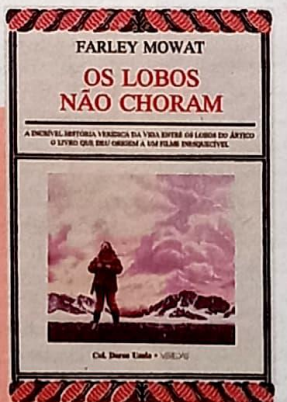
Groucho, à esquerda, com Marilyn, em *Love Happy*. À direita, Mizoguchi

# A COMPANHIA LUPINA

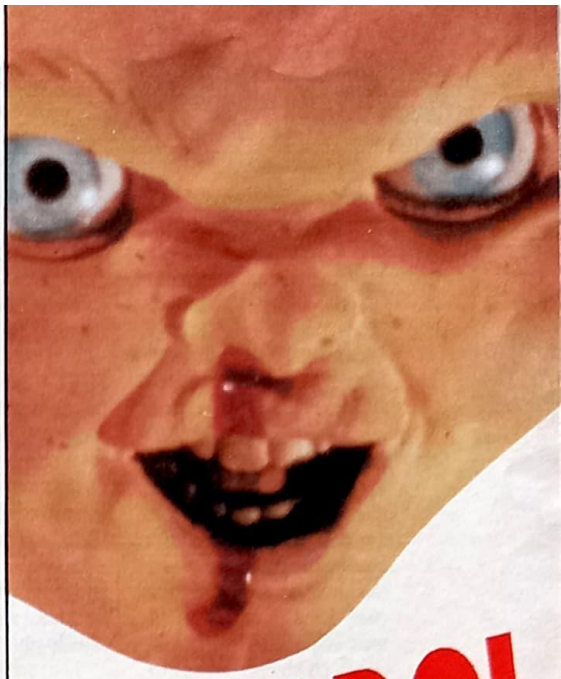
## A sensibilidade ecológica de *Os Lobos Não Choram*

Em 1983, o simpático semi-documentário *Os Lobos Nunca Choram*, produzido pela Disney e dirigido por Carroll Ballard, seduziu o público e a crítica com a história verídica de um naturalista que passa uma temporada sozinho entre os lobos do Ártico canadense, a mando do governo daquele país. O livro que deu origem ao filme — escrito pelo próprio autor da façanha, o zoólogo Farley Mowat — chega agora às livrarias brasileiras, com todos os ingredientes que fizeram sucesso no cinema: a sensibilidade ecológica (os lobos são vistos não como feras predadoras, mas como membros de uma comunidade altamente complexa), a delicadeza da exposição, a riqueza de detalhes e, *last but not least*, o bom humor. Uma leitura tão agradável e instrutiva quanto a de *Dersu Uzala*, há dois anos o best-seller da mesma editora.

*J.G.C.*




*Os Lobos Não Choram* — Farley Mowat — Trad. Maria Cristina Guimarães Aranyi e Wanderley Rodrigues da Silva — Ed. Veredas, 131 págs.

CUIDADO!
CHUCKY VOLTOU.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

# CARTAS

## Considerações Sobre SET

Embora SET seja uma revista séria, tem sido muito criticada pelo valor que dá a filmes dito comerciais, como *Nascido em 4 de Julho*, e *Duro de Matar 2*. Me parece que tais pessoas não percebem que SET é uma revista comercial, como tantas outras que por aí circulam, mas que sabe dar o devido valor à arte cinematográfica, como podemos comprovar com sua total adesão a filmes como *Os Bons Companheiros* e *Coração Selvagem* na edição n.º 11 (ano 4) e *Henry e June* na edição seguinte, n.º 12 (ano 4).
*Cristiano Soares da Silva*
*(Recife — PE)*

SET é o ponto de encontro dos amantes da sétima arte, fornecendo informações claras e objetivas sobre o mundo do cinema e do vídeo.
*Ivson José Farias*
*(Recife — PE)*

Sou leitor de SET desde seu primeiro número e tenho notado que sua qualidade vem piorando a cada mês, fugindo da linha adotada em suas primeiras edições. Me parece que SET está se entregando às vontades das grandes distribuidoras. Além disso, os críticos deixaram o subjetivismo tomar conta de suas análises. Para nós, leitores, o que interessa são informações a respeito dos filmes e não o gosto pessoal dos jornalistas que escrevem para a revista.
*Leonardo S. de Oliveira*
*(Belo Horizonte — MG)*

Não estou gostando nem um pouco do período de transição de SET. Para se ter uma idéia, primeiro criou-se um caderno mensal de Vídeo & Equipamentos, bastante informativo, que em pouco menos de um ano foi abolido sem qualquer explicação.
*Getro S. R. Guimarães*
*(Itapetinga — BA)*

## Twin Peaks

*Com a publicação da matéria sobre a novela* Twin Peaks *(n.º 10, ano 4) recebemos cartas de Miguel Martinez Grazziotin (Caxias do Sul — RS) e de Iolanda Gabriela de Oliveira Azevedo (São João da Boa Vista — SP), e alguns telefonemas de leitores pedindo esclarecimentos sobre o final do filme, já que no artigo fala-se que o assassinato de Laura Palmer é solucionado num sonho do agente Cooper. Na versão em vídeo, no entanto, tal crime é solucionado nos porões do hospital municipal, seguido de uma seqüência "ilógica" 25 anos depois. Abaixo, a resposta do crítico José Augusto Lemos aos leitores de SET.*

Lamento não ter sido mais enfático quanto ao caráter caça-níqueis da versão em vídeo de *Twin Peaks* (n.º 10, ano 4) lançada aqui e na Europa, limitando-me a empregar o termo *condensação* entre importantíssimas aspas. É claro que não poderia fazer sentido. No seriado original, o primeiro capítulo — ou o "piloto", de duas horas — encerra-se com a visita noturna do xerife Truman (Michael Ontkean) a Josie Packard (Joan Chen), quando ficamos sabendo que são amantes. *Toda* a seqüência posterior é um sonho do agente Cooper (Kyle MacLachlan), apresentado no final do terceiro capítulo. "Decodificando" este sonho é que, progressivamente — ao longo de vinte capítulos — ele vai desvendar o assassinato. (Detalhe: quando esta "condensação" foi lançada fora dos EUA, mais da metade destes capítulos não havia nem sido filmada, e a série sendo dividida em duas "temporadas": oito capítulos entre abril/junho e doze entre setembro/dezembro de 90, com a história já esticada para uma terceira temporada neste início de 91!) Segundo a Warner Vídeo brasileira, David Lynch foi o autor deste crime contra a sua própria obra-prima. Com a graça dos bons deuses, quando esta edição de SET estiver nas bancas, a Globo já deverá estar exibindo *Twin Peaks* na íntegra, com uma dublagem decente e uma tradução livre das gafes presentes na versão em vídeo. Aí sim, será possível desfrutar toda a delícia e a angústia deste marco na história da televisão.
*José Augusto Lemos*

## Protestos

Através de SET torno público o meu repúdio quanto aos aumentos abusivos praticados pelas distribuidoras de vídeo. A Warner Vídeo, por exemplo, acresceu mais de 55% em seus preços do mês de outubro para o de novembro de 1990. Tal situação é digna de averiguação por parte do sr. Romeu Tuma e de todo o ministério da sra. Zélia Cardoso de Mello.
*Rosângela G. de Carvalho*
*(João Pessoa — PB)*

Aqui em São Carlos existem apenas duas salas de cinema (Studio 1 e 2), ambas da mesma empresa. Decorre disso que os bons filmes chegam em nossa cidade tarde demais e às vezes já foram até lançados em vídeo. Como exemplo, cito os casos de *Alta Tensão*, *Dias de Trovão*, *Ghost* e *Rocky V* que até o final de janeiro ainda não tinham entrado em cartaz.
*José Roberto Magdalena*
*(São Carlos — SP)*

## Legendas Duvidosas

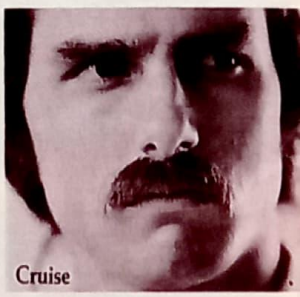
Em meados de novembro de 1990 enviei uma carta à CIC Vídeo manifestando minha opinião em relação à qualidade da legendagem aplicada aos filmes distribuídos por aquela empresa. Creio que a divulgação por parte de SET de alguns exemplos por mim enumerados na citada correspondência possa contribuir de modo significativo para que se possa reverter a triste situação em que se encontra as legendas das fitas de vídeo. Os exemplos dados a seguir foram extraídos da série *Jornada nas Estrelas* e *Jornada nas Estrelas — A Nova Geração*. Em *Jornada nas Estrelas — O Filme* encontra-se a seguinte frase: "Mr. Chekov, stand by on phasers", que bem poderia ser vertida para "Sr. Chekov, preparar os *phasers*" — vale lembrar que "phasers" são armas utilizadas no filme. A frase foi traduzida para "Sr. Chekov, mantenha-se em fase"! Mesmo que o tradutor não soubesse o que são *phasers*, seria ele capaz de explicar o sentido da frase que construiu? Outro caso nos dá o consolo de rir, como o que sucede em "Datalore", primeiro episódio do volume VII de *Jornada nas Estrelas — A Nova Geração*. Ali, a frase "Wes, the transporter!", onde Wes é o nome do personagem e "transporter" pode muito bem ser transportador ou teleporte, acabou tendo o seguinte destino: "Wes, o telefone!". Quem entendeu o inglês — que, aliás, é suficientemente claro — limitou-se a rir para não chorar; quem não entendeu, ficará procurando o telefone no meio de uma cena de luta entre dois andróides no século XXIV. É de bom tom salientar que escrevo na condição de admirador e entusiasta de cinema e vídeo, e meu único objetivo é colaborar com a melhoria do produto oferecido ao público.
*Paulo Antonio Zoppi*
*(Sorocaba — SP)*

Spock

## Videolançamentos

Gostei muito do filme *Nascido em 4 de Julho*, mas parece que o crítico C.V. de SET não teve sensibilidade suficiente para entendê-lo, como demonstra seu texto na seção Videolançamentos (n.º 11, ano 4). Me parece que o referido crítico não estava num bom dia.
*Sílvio Cohn*
*(Porto Alegre — RS)*

Acho que os críticos de SET deveriam ser mais imparciais, procurando orientar o leitor mais objetivamente, resumindo as histórias. É desagradável, por exemplo, ler comentários como fez C.V. na seção Videolançamentos sobre o filme *Nascido em 4 de Julho* (n.º 11, ano 4), cujo texto chama o personagem principal de otário. Esses espaços valiosos podem ser mais bem aproveitados.
*Décio Pereira Júnior*
*(São Vicente — SP)*


Cruise

Tenho notado uma sensível decadência na seção Videolançamentos de SET. O número de filmes diminuiu e as críticas se tornaram objetivas demais.
*Daniel Schneiderman*
*(Rio de Janeiro — RJ)*

## Em Cartaz

Como leitor fiel de SET não estou satisfeito com a seção Em Cartaz, que está superincompleta, com a ausência de filmes como *O Exorcista III*, *Um Novato na Máfia* e *Rocky V*.
*Francisco Teixeira de Oliveira*
*(Maceió — AL)*

## As Injustiças da Censura

Estou preocupada com a censura no cinema, na música, no vídeo e na imprensa. Na área cinematográfica, acho um absurdo que os grandes cineastas como Philip Kaufman, Pedro Almodóvar e David Lynch sejam tratados como reles pornodiretores. E SET cumpriu seu papel entrevistando-os.
*Léia Brando*
*(Cambuí — MG)*

## Virilidade de Batom

Apesar do título generalizado, o Ensaio "Virilidade de Batom" (n.º 1 ano 5) abordou o homossexualismo de maneira honesta, respeitosa e imparcial. Não entendo por que os cineastas insistem em mostrar essa relação de forma tão marginal.
*Haroldo*
*(Porto Alegre — RS)*

## Kiefer Sutherland

SET tem sofrido mudanças que só fizeram piorar a revista. Apesar das capas serem ótimas, o leitor se engana com o conteúdo, como o ocorrido com a Matéria de Capa de SET n.º 1 (ano 5) sobre o grande jovem astro Kiefer Sutherland — insossa e medíocre.
*Wanderley Assis M. Júnior*
*(Frutal — MG)*

## Videofolia

A Seleção de Vídeo da edição n.º 1 (ano 5) está o máximo. Acho que vou seguir à risca, todos os dias, e já dei uma passada na minha locadora para ver se realmente tem todos os filmes.
*Zean Gonçalves Bravo*
*(Cambuci — RJ)*

A Seleção de Vídeo que SET "coletou do fundo do baú" para a edição n.º 1 (ano 5) ficou no mínimo sugestiva.
*Charles Pierre de S. Siqueira*
*(Belo Horizonte — MG)*

## *A Pequena Sereia*

Não lia SET há muito tempo e foi uma agradável surpresa abrir o n.º 11 (ano 4), e descobrir as reformulações feitas. Apesar de curta, a matéria sobre o filme *A Pequena Sereia* confirma Luiz Nazário como um dos poucos críticos brasileiros que entende de animação e também dos Estúdios Disney.
*Rogério Prado Mendonça*
*(São Paulo — SP)*

## *The Hard Way*

Parabenizo SET pela reportagem sobre as filmagens do próximo filme de Michael J. Fox, *The Hard Way* (n.º 12 ano 4), assinada pela excelente Ana Maria Bahiana.
*Edney Rocha de Oliveira*
*(São Gonçalo — RJ)*

## *Os Bons Companheiros*

SET n.º 11 (ano 4) está excelente, principalmente pela matéria sobre o filme *Os Bons Companheiros* e a entrevista com seu diretor, Martin Scorsese.
*André Luís S. de Sousa*
*(Cristo Redentor — PA)*

## Stallone

Como fã de Stallone fiquei decepcionado por não ver em SET uma crítica sobre seu mais recente trabalho, *Rocky V*. Admito que Stallone não tem muito talento, porém seus filmes agradam a milhões de pessoas.
*Luiz Cláudio G. Campos*
*(Aracaju — SE)*

Warner

## *Henry e June*

SET n.º 12 (ano 4) está ótima, desde a capa até a Filmoteca. A Matéria de Capa com o filme *Henry e June*, de Philip Kaufman, é divina. Acredito que esta é a fórmula em que SET deve basear-se, buscando cada vez mais o cinema-arte.
*Gustavo Miotti*
*(Porto Alegre — RS)*

A matéria sobre o filme *Henry e June* e a entrevista com o diretor Philip Kaufman (n.º 12 ano 4) são presentes adoráveis aos amantes do cinema e da literatura. É fascinante a maneira com que as duas artes se casam, numa cumplicidade excitante e poética.
*Ana Patrícia R. Gonçalves*
*(Jaguarari — BA)*

Universal

## *Coração Selvagem*

Gostei muito da cobertura que SET fez do filme *Coração Selvagem* (n.º 12 ano 4), e as entrevistas com David Lynch, Pedro Almodóvar e Martin Scorsese (n.º 11 ano 4), estão muito interessantes.
*Rute Farias Menezes*
*(Santo André — SP)*

Congratulo SET pela ótima entrevista com David Lynch (n.º 11 ano 4).
*Rafael Spuldar*
*(Guaíba — RS)*

## Fãs-clubes

Fã-clube Terror. Endereço: Moradas do Imbuí, edifício Iatai, apto. 601, Salvador — BA (CEP 41810)
*Christian C. Lima*

Cinevídeo Fã-clube. Endereço: rua Sólon Miranda Galvão, 2078, Natal — RN (CEP 59075)

Fã-clube Farrah Fawcett. Endereço: rua Baltazar da Veiga, 473, apto. 101, São Paulo — SP (CEP 04510)
*Mônica Sufar*

Hammer House of Horrors Fã-clube. Endereço: rua Aírton Gomes Miranda, 97, São Bernardo do Campo — SP (CEP 09770)
*Fabiano Bender Machado*

Fã-clube Bates Motel. Endereço: Caixa Postal 1299, Agência Central dos Correios, Porto Alegre — RS (CEP 90001)
SR/Madonna Club. Endereço: rua Carlos A. Alimari, 2, Araraquara — SP (CEP 14800)

## Correio entre os Leitores

Tenho mais de oitocentos discos de trilhas sonoras e gravo ou troco gravações com interessados. Endereço: rua Washington Luiz, 42, apto. 302, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20230)
*Maria Angélica Queiroz*

Possuo uma vasta coleção de cartazes e posters de cinema que estou colocando à venda. Endereço: rua 2 de dezembro, 77, apto. 404, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22221)
*Francisco José Géa*

Vendo mais de cem fitas de vídeo e vários livros de cinema importados. Endereço: rua Jogo da Bola, 89, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20081)
*Jota Campos Jr.*

Compro gravações em VHS das cerimônias do Oscar de 1984 e 1986. Endereço: rua Claudino Barbosa, 304, Guarulhos — SP (CEP 07110)
*Clóvis Duarte*

Procuro material sobre Christopher Walken, James Spader, Kiefer Sutherland e Dolph Lundgren. Endereço: rua Ernesto Rothschild, 181, Vila Campo Grande, São Paulo — SP (CEP 04456)
*Arlete Figueiredo*

América

Não jogue fora seu material cinematográfico, envie para Cine Trash. Endereço: rua Francisco Maria de Oliveira, 223, Campina Grande — PB (CEP 58100)
*Marlon Vasconcelos*

Troco informações com fãs dos atores Bruce Lee e Jean-Claude Van Damme. Endereço: rua Aristides Novis, 105, apto. 201 A, Salvador — BA (CEP 40210)
*Bernardo G. da Costa*

## Errata

Marsel Nascimento de Souza (Brasília — DF) e Cristina Moriguchi (Castilho — SP) nos escreveram apontando que o ator que interpreta o vilão Darth Vader em *Guerra nas Estrelas* é David Prowse, e não Phil Brown como consta na legenda da página 17 da edição n.º 12, ano 4.

Ronaldo Henrique Giordini (Brasília — DF) nos informou que a peça *Quem Tem Medo de Virgínia Wolf?* (citada na Matéria de Capa da edição n.º 1, ano 5) é de Edward Albee, de 1962. Aproveitamos para corrigir o ano de nascimento de Kiefer Sutherland na mesma matéria: 1966.

Conforme nos informou Tacilda A. de Araújo (Goiânia — GO), a música cantada por Michelle Pfeiffer em *Susie e os Baker Boys* (na cena em que se contorce sobre o piano de cauda dupla de Jeff Bridges — SET n.º 1, ano 5) é "Makin' Whoopee", com coreografia de Peggy Holmes.

As seguintes correções devem ser feitas na filmografia de Andy Garcia (n.º 2, ano 5): o filme *Blue Skies Again* foi lançado em vídeo pela Herbert Richers como *A Grande Jogada*; em 1983, Garcia fez *A Night in Heaven*, de John G. Avildsen, e em 1984, a comédia *The Lonely Guy*, de Arthur Hiller — ambos como coadjuvante; em 1990, Garcia filmou *A Show of Force* com o cineasta brasileiro Bruno Barreto. Vale a pena lembrar que a CIC acaba de lançar *Justiça Cega*.

Cartas para: *Editor de SET av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo — SP.* Todas as cartas serão respondidas pelo Correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

EDITORA AZUL

**Fundador**
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

**Diretoria**
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

**Diretor Superintendente:** Angelo Rossi

SET

**Diretor de Divisão:** Carlos C. Arruda

**Diretor de Marketing:** Romeu Andreatta Filho

**REDAÇÃO**
**Diretor de Redação:** Eugênio Bucci
**Editor:** Carlos Volpato
**Editor Executivo:** Dilson Pedro Gomes
**Redação:** Deborah Peleias, Walter de Silva
**Coordenação de Produção:** Marcelo de Castro
**Atendimento ao Leitor:** Ana Lúcia Romanin
**ARTE**
**Editor de Arte:** Michel Spitale
**Chefe de Arte:** Maria Amélia Azevedo
**Diagramador:** Izaú Norbertino
**Arquivo e Pesquisa:** Sandra Machado Alves
**Colaboradores: Críticos** - Alex Antunes, Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo. **Texto** - Bia Abramo, Christian Petermann, Fátima Gigliotti, Isabella Rocha e Silva, Marcelo Mansfield, Marina Teixeira de Melo, Moisés Liporage, Patrícia Austen, Regina Queiroz, Ricardo Cota, Vava Etchepare, Wagner Almeida Silva. **Arte** - Jair Farias, Marco Antonio Pizzirani. **Fotografia** - Carlos Mancini, Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos Antonio Gimenes

**Diretora Responsável:** Liège de Lima Dória Castelli

**PUBLICIDADE**
**Diretor Corporativo:** Carlos Alberto Araújo
**Diretor:** Eduardo Rosa
**Supervisora:** Rosangela Cassilio
**Contatos:** Ana Maria S. T. Lobo, José Estevão Favaro, Márcia Leticia L. L. Amaral
**Diretor - RJ:** Jairo Carneiro
**Contato:** Romualdo Ayres Costa
**Produção Gráfica: Supervisora:** Nancy Szima
**Coordenador:** José Soares A. Santos

**Serviços Editoriais**
**Azul Press - Gerente:** Benjamin Sérgio Gonçalves
**Abril Press - Gerente:** Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
**Correspondentes:** José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
**Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
**Serviços Fotográficos - Gerente:** Pedro Martinelli
**COMERCIAL**
**Gerente de Planejamento e Controle:** José Carlos Boldarine
**Gerente de Circulação:** André Felipe D'Amato
**Assistente:** Patrícia Grancini

**EDITORA AZUL**
**Diretores:** Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

**SET** é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 14 de março a 11 de abril.
**Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER IVC

**Fotolito:** Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
**IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.**



# AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

## Ou, se preferir, telefone para:

**São Paulo** - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

**Rio de Janeiro** - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

**Recife** - Tel. (081) 424-1655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

**Salvador** - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

**Belo Horizonte** - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

**Porto Alegre** - Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

**Brasília** - Tel. (061) 321-8855
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

**Curitiba** - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

**Florianópolis** - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

**Londrina** - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

**Fortaleza** - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

**Editora Azul**
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa.
CEP 05065, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-45

**PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:**

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

**Atenção:** você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Tel. _____

Cidade _____ Estado _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

EDITORA AZUL

## NOSSAS PUBLICAÇÕES

**BIZZ**
Rock, Pop, Comportamento

**LETRAS TRADUZIDAS**
Fotos e Letras Traduzidas

**FLUIR**
Surf

**BODYBOARD**
Bodyboard

**BOA FORMA**
Ginástica, Esporte e Saúde

**SAÚDE**
Prevenção e Saúde

**CARÍCIA**
Comportamento Jovem

**HORÓSCOPO**
Astrologia - Esoterismo

**SET**
Cinema e Vídeo

**SET-1000 VÍDEOS**
Seleção dos Melhores Vídeos

**CONTIGO**
Atualidades - TV

**SEMANÁRIO**
Variedades

**SOM SERTANEJO**
Música Sertaneja

## NOSSOS ENDEREÇOS

**São Paulo**
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abrilpress

**Rio de Janeiro**
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290. Fone: (021) 546-8282, RJ. Telex 2122674 EDAB BR

**Los Angeles (EUA)**
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851

**Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972

**Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

**PUBLICIDADE**

**SP2:** Intermídia LTDA.: av. Presidente Vargas, 1033, Ribeirão Preto, SP, CEP 14020. Fone: (016) 623-4262/623-4291

**Belo Horizonte:** M.A.M. Public. e Repres. Ltda. Toda Mídia, rua Timbiras, 1560, cj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594

**Região Sul:** Print Sul - rua Barão do Triunfo, 720/801, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 252-4333 e 252-6794 FAX, Curitiba PR

**Norte/Nordeste:** Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

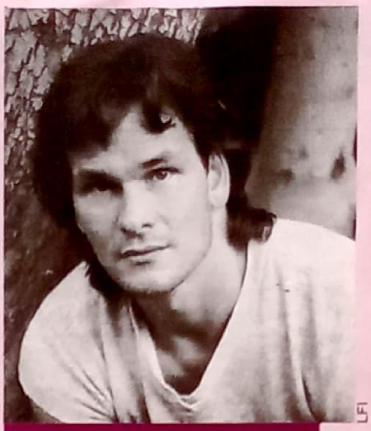
# FILMOGRAFIAS

## KATHARINE HEPBURN

Nasceu em 9 de novembro de 1909, em Connecticut, EUA.

1932: VÍTIMAS DO DIVÓRCIO *(A Bill of Divorcement*, de George Cukor) ■ 1933: ASSIM AMAM AS MULHERES *(Christopher Strong)*, de Dorothy Arzner); MANHÃ DE GLÓRIA *(Morning Glory*, de Lowell Sherman) ■ 1934: SANGUE CIGANO *(The Little Minister*, de Richard Wallace); A MÍSTICA *(Spitfire*, de John Cromwell) ■ CORAÇÕES EM RUÍNAS *(Break of Hearts*, Philip Moeller); A MULHER QUE SOUBE AMAR *(Alice Adams*, de George Stevens) ■ 1936: VIVENDO EM DÚVIDA *(Sylvia Scarlett*, de George Cukor); MARY STUART *(Mary of Scotland*, de John Ford); LIBERTA-TE MULHER *(A Woman Rebels*, de Mark Sandrich) ■ 1937: A RUA DA VAIDADE *(Quality Street*, de George Stevens); NO TEATRO DA VIDA *(Stage Door*, de Gregory La Cava) ■ 1938: LEVADA DA BRECA* *(Bringing up Baby*, de Howard Hawks); BOÊMIO ENCANTADOR *(Holyday*, de George Cukor) ■ 1940: NÚPCIAS DE ESCÂNDALO* *(The Philadelphia Story*, de George Cukor ■ 1942: A MULHER DO DIA *(Woman of the Year*, de George Stevens); O FOGO SAGRADO *(Keeper of the Flame*, de George Cukor ■ 1943: NOIVAS DE TIO SAM *(Stage Door Canteen*, de Frank Borzage) ■ 1944: A ESTIRPE DO DRAGÃO *(Dragon Seed*, de Jack Conway e Harold S. Bucquet) ■ 1945: SEM AMOR *(Without Love*, de Harold S. Bucquet) ■ 1946: CORRENTES OCULTAS* *(Undercurrent*, de Vincente Minnelli); AMERICAN CREED (documentário, apenas narradora) ■ 1947: MAR VERDE *(The Sea of Grass*, de Elia Kazan); SONATA DE AMOR *(Song of Love*, de Clarence Brown) ■ 1948: SUA ESPOSA E O MUNDO *(State of the Union*, de Frank Capra) ■ 1949: A COSTELA DE ADÃO *(Adam's Rib*, de George Cukor) ■ 1951: UMA AVENTURA NA ÁFRICA *(The African Queen*, de John Huston ■ 1952: A MULHER ABSOLUTA *(Pat and Mike*, de George Cukor) ■ 1955: QUANDO O CORAÇÃO FLORESCE *(Summertime*, de David Lean ■ 1956: LÁGRIMAS DO CÉU *(The Rainmaker*, de Joseph Anthony); SAIA DE FERRO *(The Iron Petticoat*, de Ralph Thomas) ■ 1957: AMOR ELETRÔNICO *(Desk Set*, de Walter Lang) ■ 1959: DE REPENTE, NO ÚLTIMO VERÃO *(Suddenly, Last Summer*, de Joseph L. Mankiewicz) ■ 1962: LONGA JORNADA DENTRO DA NOITE *(Long Day's Journey into Night*, de Sidney Lumet) ■ 1967: ADIVINHE QUEM VEM PARA JANTAR?* *(Guess Who's Coming to Dinner?* de Stanley Kramer) ■ 1968: LEÃO NO INVERNO* *(The Lion in Winter*, de Anthony Harvey) ■ 1969: A LOUCA DE CHAILLOT *(The Madwoman of Chaillot*, de Bryan Forbes) ■ 1971: AS TROIANAS *(The Trojan Women*, de Michael Cacoyannis) ■ 1973: EQUILÍBRIO DELICADO *(A Delicate Balance*, de Tony Richardson) ■ 1975: JUSTICEIRO IMPLACÁVEL* *(Rooster Cogburn*, de Stuart Miller ■ 1978: A GRANDE AVENTURA *(Olly Olly Oxen Free*, de Richard A. Colla) ■ 1981: NUM LAGO DOURADO* *(On Golden Pond*, de Mark Rydell) ■ 1984: GRACE QUIGLEY, UM JOGO DE VIDA E MORTE* *(The Ultimate Solution of Grace Quigley*, de Anthony Harvey).

**Filmes para TV** — 1973: THE GLASS MENAGERIE (de Anthony Harvey, para a rede ABC) ■ 1975: LOVE AMONG RUINS (de George Cukor, para a rede ABC) ■ 1979: O MILHO ESTÁ VERDE *(The Corn is Green*, de George Cukor, para a rede CBS).



LFI

## PATRICK SWAYZE

Nasceu em 18 de agosto de 1952, na cidade de Houston, Texas, EUA.

1979: SKATETOWN USA (de Willian A. Levey) ■ 1983: VIDAS SEM RUMO* *(The Outsiders*, de Francis Ford Coppola); DE VOLTA PARA O INFERNO* *(Uncommon Valor*, de Ted Kotcheff) ■ 1984: AMANHECER VIOLENTO *(Red Dawn*, de John Millius); GRADVIEW USA (de Randal Kleiser) ■ 1986: VEIA DE CAMPEÃO* *(Youngblood*, de Peter Markle); HISTÓRIAS MARAVILHOSAS V* *("A Vida no Corredor da Morte"* (episódio de *Amazing Stories: Life on Death Row*, de Mick Garris) ■ 1987: CREPÚSCULO DE AÇO* *(Steel Dawn*, de Lance Hool); RITMO QUENTE* *(Dirty Dancing*, de Emile Ardolino) ■ 1988: O TIGRE* *(Tigre Warshaw)*, de Amin Q. Chaudhri) ■ 1989: MATADOR DE ALUGUEL* *(Road House*, de Roudy Herrington) ■ 1990: MARCADOS PELO ÓDIO* *(Next of Kin*, de John Irvin); GHOST — DO OUTRO LADO DA VIDA *(Ghost*, de Jerry Zucker) ■ 1991: RIDERS ON THE STORM (de Kathryn Bigelow, em filmagem).

Prod. Films Christian Fechner-Lilith Filmsl A.

## GÉRARD DEPARDIEU

Nasceu em 27 de dezembro de 1948, em Chateouroux, França

1971: NATHALIE GRANGER (de Marguerite Duras); LE CRI DU CORMORAN LE SOIR AUDESSUS DES JONQUES (de Michel Audiard); LE TUER (de Denys de la Patellière) ■ 1972: O CASO DOMINICI *(L'Affaire Dominici*, de Claude Aubert); UM POUCO DE SOL NA ÁGUA FRIA *(Un Peu de Soleil dans L'Eau Froide*, de Jacques Deray); AU RENDEZ-VOUS DE LA MORT JOYEUSE (de Juan Luis Buñuel); SCOUMOUNE, O TIRANO *(La Scoumoune*, de José Giovanni); DOIS HOMENS CONTRA UMA CIDADE *(Deux Hommes dans la Ville*, de José Giovanni); ADORAVEL GOZADOR *(Le Viager*, de Pierre Tchernia) ■ 1973: RUDE JORNÉE POUR LA REINE (de René Allio); OS ALEGRES SUBTERRÂNEOS DE PARIS *(Les Gaspards*, de Pierre Tchernia); CORAÇÕES LOUCOS *(Les Valseuses*, de Bertrand Blier); STAVISKI (de Alain Resnais) ■ 1974: VICENTE, FRANCISCO, PAULO E OS OUTROS *(Vincent, François, Paule et les Autres*, de Claude Sautel); PAS SI MÉCHAT QUE ÇA (de Claude Goretta) ■ 1975: 1900 *(Novecento*, de Bernardo Bertolucci); LA MAITRESSE (de Barbet Schroeder); SEPT MORTS SUR ORDONNANCES (de Jacques Ruffio); LA DERNIERE FEMME (de Marco Ferreri) ■ 1976: BARROCO, JARDIM DOS SUPLÍCIOS *(Barocco*, de André Téchiné); O GÂNGSTER RENÉ LA CANNE *(René La Canne*, de Francis Girod); PAIXÃO SELVAGEM* *(Je t'aime, Moi non Plus*, de Serge Gainsbourg); VERA BAXTER (de Marguerite Duras) ■ 1977: LE CAMION (de Marguerite Duras); DITES-LUI QUE JE L'AIME (de Claude Miller); LA NUIT TOUT LES CHATS SON GRIS (de Gérard Zing); PREPAREZ VOS MOUCHOIRS (de Bertrand Blier); CIAO MASCHIO (de Marco Ferreri) ■ 1978: LE SUCRE (de Jacques Ruffio); LES CHIENS (de Alain Jessua); LE GRAND EMBOUTEILLAGE (de Luigi Comencini) ■ 1979: LOULOU (de Maurice Pialat); ROSY LA BOURRASQUE (de Mario Monicelli); COQUETEL DE ASSASSINOS *(Buffet Froid*, de Bertrand Blier); MEU TIO DA AMÉRICA *(Mon Oncle d'Amerique*, de Alain Resnais) ■ 1980: O ÚLTIMO METRÔ *(Le Dérnier Métro*, de François Truffaut); JE VOUS AIME (de Claude Berri); INSPECTEUR LA BAVURE (de Claude Zidi) ■ 1981: LE CHOIX DES ARMES (de Alain Corneau); A MULHER DO LADO *(La Femme d'a Coté*, de François Truffaut); LA CHEVRE (de Francis Verber); LE RETOUR DE MARTIN GUERRE (de Daniel Vigne); NÃO ENTRE PELO BURACO *(Holes*, de Pierre Tchernia) ■ 1982: LE GRAND FRÈRE (de Francisco Girod); DANTON — O PROCESSO DA REVOLUÇÃO* *(Danton*, de Andrzej Wajda) ■ 1983: LES COMPÈRES (de Francis Verber); A LUA NA SARJETA* *(La Lune dans le Caniveau*, de Jean-Jacques Beineix); FORT SAGANE (de Alain Corneau) ■ 1984: LE TARTUFFE (também diretor); RIVE DROITE, RIVE GAUCHE (de Philippe Labro); POLÍCIA* *(Police*, de Maurice Pialat) ■ 1985: UNE FEMME OU DEUX (de Daniel Vigne); MEU MARIDO DE BATOM* *(Tenue de Soirée*, de Bertrand Blier); JEAN DE FLORETTE (de Claude de Berri) ■ 1987: SOB O SOL DE SATÃ* *(Sous le Soleil de Satan*, de Maurice Pialat) ■ 1988: CAMILLE CLAUDEL* (de Bruno Nuytten); DEUX (de Claude Zidi); ESTRANHO LUGAR PARA UM ENCONTRO *(Drole d'Endroit pour une Rencontre*, de François Dupeyron) ■ 1989: LINDA DEMAIS PARA VOCÊ *(Trop Belle Pour Toi*, de Bertrand Blier); I WANT TO GO HOME (de Alain Resnais) ■ 1990: CYRANO DE BERGERAC (de Jean-Paul Rappeneau); GREEN CARD (de Peter Weir) ■ 1991: CRISTOVÃO COLOMBO (de Ridley Scott, em filmagem).

* Disponível em vídeo

# QUEM É O MELHOR TEM QUE SER O MENOR

**Os aparelhos liliputianos da indústria eletrônica chegam ao Brasil. Já está à venda o primeiro minitelevisor nacional**

Cuidado! Seres invisíveis podem estar à espreita. Não são almas penadas nem espíritos do mal. São robôs. Robôs tão pequenos que, dificilmente, alguém poderá notá-los. Um objeto menor que um grão de arroz a ser usado na limpeza interna de computadores, na desobstrução de artérias humanas (dispensando a necessidade de cirurgia) e para entrar sorrateiramente, durante a noite, numa indústria, fotografando tudo. Um tipo que, sob comando à distância, é capaz de se deixar conduzir tanto por entre veias do corpo humano como por entre máquinas de uma fábrica.

O robô quase invisível é a última novidade da microeletrônica, mas ainda não se encontra à venda nos supermercados. Os consumidores de todos os países, porém, já são beneficiários da corrida da miniaturização. Ela nasceu com o rádio portátil e hoje oferece delícias à classe, como as câmeras camcorders com menos de meio quilo, ou os televisores, computadores e telefones de bolso. E, para um futuro próximo, equipamentos muito mais sofisticados — como o televisor e o videocassete acoplados e de volume não maior ao de dois livros de duzentas páginas. Ou mesmo, conforme previsão do cientista e escritor Arthur Clarke, em artigo recente, microantenas parabólicas embutidas em relógios de pulso capazes de captar sinais emitidos através de satélites.

Tudo para satisfazer às exigências de um consumidor que não agüenta mais carregar peso, é prático, não tem mais tempo nem dinheiro e já incorporou em seu cotidiano o hábito de ver televisão, vídeo e de ouvir música onde quer que esteja — no trabalho e no lazer, no campo ou na praia, no bar ou na cadeia. E também para atender às necessidades da indústria e da própria economia mundial, que pedem a redução do consumo de energia e de matéria-prima. Aliados, esses fatores transformaram a miniaturização de equipamentos eletroeletrônicos numa tendência irreversível e definitiva.

**TENDÊNCIA** — As miniaturas, por sua vez, inauguraram um novo conceito: o da *personal electronic*, ou eletrônica pessoal, onde cada indivíduo é dono de seu próprio televisor, videocassete, videogame, computador, telefone, tocadisco e rádio. Mas se nos anos 80 apenas alguns privilegiados tinham acesso às minimaravilhas criadas pelos japoneses, hoje sua consagração junto ao público já tem data marcada — os anos 90.

Em breve, o vídeo walkman — televisão e videocassete acoplados num único aparelho — será tão popular quanto o walkman de nossos dias — rádio e gravador. Várias empresas já se lançaram na sua fabricação em grande escala. A Sony é uma delas. Seu modelo de vídeo walkman tem tela de cristal líquido de três polegadas (7,6 cm), capta canais de VHF e UHF e trabalha com fitas de 8 mm. Pode ser comprado na Europa atualmente por 1 750 dólares e mede aproximadamente 21 x 6 x 13 cm.

Seguindo o mesmo conceito de compactar equipamentos de funções diferentes, há outros prodígios de miniaturização disponíveis. O mais revolucionário deles e ainda em fase de experimentação, por sua construção mecânica, é o Concept C, da JVC, um Super VHS que reúne câmera, sintonizador, TV com visor de cristal líquido de três polegadas e videocassete — tudo portátil. Outro, um pouco maior e mais caro que os anteriores (2 950 dólares), é o vídeo e TV lançado pela Hitachi, que rouba o conceito *lap-top* dos computadores (para ser colocado no colo) e que tem tela de cinco polegadas e opera com fitas VHS.

Graças à microeletrônica, tudo tem diminuído de tamanho para entrar nos lugares mais inesperados. As maiores companhias aéreas do mundo, por exemplo, já têm em seus aviões monitores de oito polegadas instalados na parte de trás de cada poltrona, permi-

Matsushita

Sony

O vídeo walkman da Sony, acima, pode ser uma boa companhia até na pescaria. Para entreter o passageiro, à esquerda, as maiores companhias aéreas do mundo começam a adotar os monitores de vídeo

Rui Mendes/Azul

A primeira televisão de bolso brasileira: vantagem do sistema Pal-M

## DUAS POLEGADAS

*Para alegria dos brasileiros vem encurtando a cada ano a distância entre o lançamento de produtos no exterior e no Brasil. Um exemplo é o da TV de bolso da Casio, batizada de TV-430, mostrada em meados de 1990 na International Summer Consumer Electronics Show, em Chicago, e lançada no Brasil em dezembro pela Avaphoto, uma indústria de Manaus especializada na montagem de equipamentos eletrônicos e que tem uma rede de lojas em São Paulo e no Rio de Janeiro.*

*A TV-430 é o primeiro equipamento do gênero montado no país. Tem 13 cm de altura e 8,5 cm de largura, tela de duas polegadas de cristal líquido, imagem em cores e de alta resolução, pesa 300 gramas, opera em canais de VHF e UHF e trabalha no sistema Pal-M, o adotado pelas emissoras brasileiras. Esta é, segundo Paul Markus, diretor comercial da Avaphoto, a principal vantagem da TV-430 sobre as similares importadas, que podem trabalhar com outro sistema que não o nacional, o que acarreta um enorme prejuízo de qualidade. Além disso, a empresa oferece noventa dias de garantia e assistência técnica.*

*O televisor de bolso está sendo vendido nas lojas da Avaphoto e na rede Arapuã por Cr$ 49 800,00*. Ela também pretende, para este ano, lançar outros aparelhos de última geração produzidos pela Casio, como uma TV com tela de quatro polegadas acoplada a um minivideocassete, que opera com fita de 8 mm.*

R.Q.

** Valor de janeiro.*

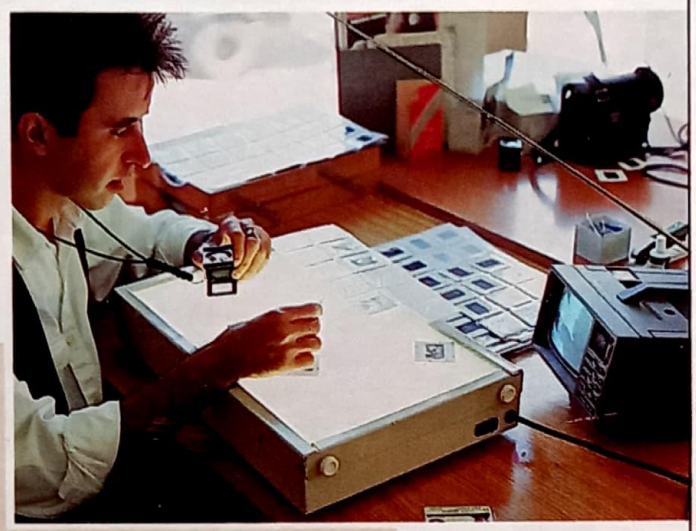
tindo que os passageiros assistam individualmente aos filmes exibidos durante a viagem.

**LIMITES FÍSICOS** — Mas as miniaturas, em contrapartida, não substituirão os equipamentos de maior porte, tirando-os do mercado. Ao que tudo indica, o destino dos miniaparelhos é o de serem usados em situações específicas. "Comprei uma minitelevisão de cinco polegadas para deixar no meu quarto em viagens ou para o trabalho. Com ela, pude acompanhar, todo o tempo, os primeiros dias da Guerra no Golfo Pérsico", conta o editor de pesquisa Cidval Herédia, que tem um modelo em preto-e-branco importado.

Mas quem pensa que pode substituir com prazer os equipamentos de maior porte pelas mi-

niaturas pode acabar se decepcionando. "É muito ruim, só dá para assistir ao noticiário. Filme é impossível", fala Tamara Keller Solis, estudante, que pegou uma televisão de cinco polegadas emprestada por não ter nenhuma outra. Seu depoimento confirma a opinião de muitos profissionais da área, que não acreditam na inexistência de limites para o processo de miniaturização dos equipamentos eletrônicos. "A tela da televisão deve ter um tamanho que permita ao olho humano captar a imagem nela transmitida. E os botões de qualquer equipamento não podem ultrapassar a própria escala dos dedos da mão", afirma o jornalista Ethevaldo Siqueira, proprietário da Telepress Editora, especializada em telecomunicações. Para qualquer invenção há limites. E eles se encontram no próprio ser humano.

*Regina Queiroz*



Cidval Herédia acompanhou no trabalho os primeiros dias da Guerra no Golfo Pérsico

Tamara K. Solis: "só dá mesmo para assistir ao noticiário"

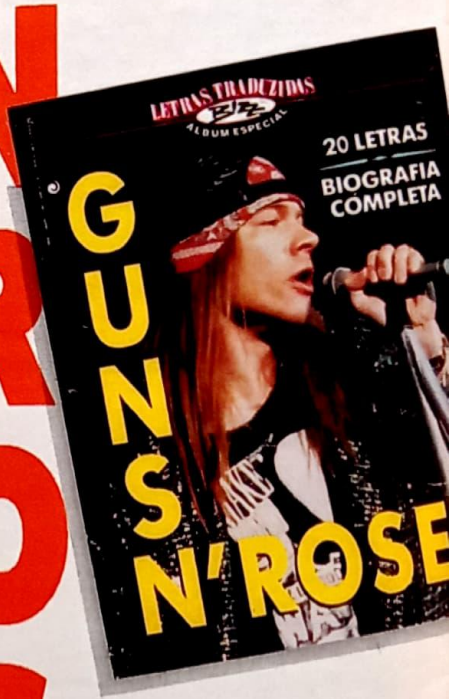
Fotos Carlos Mancini/Azul

## MINIPRODÍGIOS

*A miniaturização de equipamentos eletrônicos começou a ser possível com a invenção do transistor, feita pelo laboratório Bell's em 1947, e ganhou impulso com a corrida pela conquista do espaço, dez anos mais tarde, entre americanos e russos. De lá para cá, engenheiros e técnicos da área têm surpreendido o mundo com suas invenções cada vez menores e mais eficientes. Para quem acha difícil acreditar em um microrrobô menor que um grão de arroz, basta lembrar que a microeletrônica foi de todos os setores da indústria mundial o que mais evoluiu neste século. Para comprovar isto, uma comparação costuma ser feita com a indústria automobilística. Se os carros tivessem evoluído na mesma ordem que os circuitos integrados, hoje teríamos um carro como o Rolls Royce com motor de 400 cavalos, rodando mais de mil quilômetros com um litro de gasolina e custando menos de cinco dólares.*

R.Q.

GUNS N' ROSES
20 LETRAS
BIOGRAFIA COMPLETA




EDITORA AZUL

NAS BANCAS

Por Marcelo Mansfield

# MAMÃEZINHA QUERIDA

(Mommie Dearest, 1981)

"Sim, mamãezinha querida. Quando disser isso, quero que sinta isso..."

Assim, Joan Crawford (Faye Dunaway) exigia o respeito de sua filha Cristina (Mara Hobel) na mais violenta cena de abuso infantil no cinema desde que Donald Sutherland pisoteou um garoto em *O Dia do Gafanhoto* alguns anos antes. O filme produzido pela própria Faye Dunaway, *Mommie Dearest* (1981), mostrava Joan Crawford, a grande estrela de Hollywood por mais de 40 anos e a maior vendedora de refrigerantes da indústria americana, como uma louca descabelada e violenta, que espancava os filhos à menor provocação.

Para quem gosta de histórias de Hollywood, nada de mais. Mas para quem estuda a "história" do cinema, abuso foi destruir Joan Crawford desse jeito e ainda por cima com o aval de sua filha, que, não contente em lavar a roupa suja em livro, autorizou o filme.

Claro, ninguém melhor que Faye Dunaway para quebrar cabides, escovas de cabelo, latas de sabão em pó e tudo que estivesse à mão na cabeça da pobre criança... sem nunca perder aquele "Olhar de Laura Mars", claro. E a pequena Mara Hobel chora tanto pelo filme, que só de suas lágrimas daria para fazer duas ou três novelas com Suzy Camacho em monólogo.

O engraçado é que para quem é ator, como eu, a grande aula não é a de interpretação, mas sim o tratamento de beleza que Joan (Faye) faz enquanto sobe o letreiro de abertura do filme: correias de segurar o queixo, creme pelo rosto todo, limpeza cuidadosa das unhas, escovar o rosto com água quente e sabonete medicinal, meter a cara no gelo em seguida para fechar os póros, duchas vindas de três diferentes direções para uma leve massagem e nada além de uma xícara de café fraco antes de enfrentar o maquiador e cabeleireiro, que obviamente vê seu trabalho facilitado ao tocar pele tão livre de impurezas. Se estivesse viva até hoje, Joan Crawford é quem estaria fazendo comercial da Davene. Ah! Duas aspirinas contra a ressaca! Não tem no filme, mas eu li no livro.

Por estranho que pareça, a fita não faz referências aos filmes de Joan Crawford, com exceção de *Ice Follies of 1939*, no início do filme, e *Mildred Pierce (Almas em Suplício)* com o qual ganhou o Oscar de 1946. Nenhuma citação a *Humoresque*, *O Que Terá Acontecido a Baby Jane* ou *Johnny Guitar*. E, imperdível: a perda do papel de Scarlett O'Hara em *...E o Vento Levou*, pouco antes de adotar Cristina. Só esse fracasso justificaria a adoção de todo o elenco de crianças de *A Noviça Rebelde* para fins de crueldade.

Mas quem se importa com filmes? Todo mundo queria ver era pancada... e ela descia aos montes: na piscina, no quarto de vestir, no banheiro e por todos os cômodos da casa. Não contente, destruía jardins, obrigava a criança a comer carne crua e a lavar roupa durante as férias. Se o papel da filha não fosse dividido entre Mara Hobel e Diana Scarwid (Cristina adulta), o sindicato de atores deveria ser processado por abuso de atrizes. O que fica ao final do filme é que Faye Dunaway convence mais como Joan Crawford que a própria Joan. Nem ela foi tão canastrona.

Uma curiosidade: assisti o filme pela segunda vez (sim, eu assisti nove vezes) numa reprise em pleno Teatro Chinês, em Hollywood, em 1985. Era uma sessão especial de relançamento, tendo na platéia a quase adolescente Mara Hobel. Na saída da sessão, ela passou perto de mim e eu, inconscientemente, dei uma olhada geral, não somente por ela ser uma bela loirinha, mas para ver se ainda tinha hematomas.

Marcelo Mansfield é ator.

Paramount

Poderosa genitora: Faye Dunaway como Joan Crawford em *Mamãezinha Querida*

# AGORA QUE VOCÊ ACABOU DE SABER TUDO SOBRE TODAS AS NOVIDADES EM VÍDEO, ANOTE NO CUPOM ABAIXO OS FILMES QUE VOCÊ QUER VER E SOLICITE À SUA VIDEOLOCADORA.

Anote aqui os filmes que você quer alugar até a próxima edição.

SET CINEMA & VÍDEO

# A PRODUTORA PORTÁTIL

A GR-60U é sem dúvida a mais versátil videomovie do mercado, com incomparável qualidade de imagem, graças ao seu CCD (dispositivo de carga acoplado) de 360.000 pixels com resolução de mais de 400 linhas. Além das características já pertencentes a toda linha de equipamentos JVC, a GR-60U possui um poderoso zoom de 8X com duas velocidades de aproximação e sensibilidade de até 8 lux; possibilita sobrepor quatro imagens de títulos diferentes em sua gravação ao vivo, faz edição de áudio e revisão do material a ser editado. Tudo isso, num equipamento compacto com apenas 1,2 Kg, faz da GR-60U uma verdadeira produtora portátil.

videomovie GR-60U VHS C

GARANTIA 1 UM ANO

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

JVC®

# RENOVE SEU BOM HUMOR.

## UM MORTO MUITO LOUCO

A LOOK recomenda: chega de Tristeza.
Quem vai renovar o seu bom humor é Bernie, o morto mais louco do momento.
Ele está batendo recordes de locação e bilheteria no mundo inteiro, com o talento de Andrew McCarthy (A Garota de Rosa Schocking), e as músicas de Andy Summers, guitarrista do grupo The Police.
"Um Morto Muito Louco" é o maior bombardeio de gargalhadas de que se tem notícia no cinema.

*Weekend at Bernie's, 1989*
*Com Andrew McCarthy, Jonathan Silverman e Catherine Mary Stewart*
*Direção de Ted Kotcheff (Rambo - Programado para matar - Troca de Maridos)*

LOOK VIDEO

Avenida dos Imarés, 776 - Indianópolis - 04085 - São Paulo - SP - Telefone: (011) 240-8366.

DISQUE LOOK GRÁTIS (9) (011) 240-8366